



**TRs
PROFISSIONAIS**

Níveis da Academia

**GRADUADO DO CURSO DE TRs
PROFISSIONAIS HUBBARD**

CONTEÚDO

CHECKSHEET DO CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD	3
I. - INTRODUÇÃO.....	11
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	11
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS.....	18
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA	20
COMO DERROTAR A TECH VERBAL	22
TECH VERBAL: PENALIDADES	23
II. - DADOS BÁSICOS	24
DE QUE TEM QUE CONSISTIR UM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS	24
CANCELAMENTO DE EMISSÕES SOBRE TRs	26
DEFINIÇÕES DE ESTUDO PARA O CURSO DE TRs	28
BASES DOS TRs RESSUSCITADAS.....	31
CURSO DE TRs E AUDIÇÃO MISTURAR AÇÕES PRINCIPAIS.....	34
IV. - O CICLO DE COMUNICAÇÃO.....	39
AXIOMA 28 EMENDADO	39
V. - DADOS ADICIONAIS SOBRE COMUNICAÇÃO	40
MAIS CONFRONTO	40
CONFRONTO	44
CURSO DE COMUNICAÇÃO	45
AUDIÇÃO SIMULADA Passo Dois: Acusar a Receção	49
TOM DE VOZ - ACUSAR A RECEÇÃO	52
ACUSAR A RECEÇÃO EM AUDIÇÃO	53
RECONHECIMENTOS PREMATUROS.....	55
DEIXAR O PC FAZER ITSA.....	56
AUDIÇÃO SIMULADA Passo Três: Duplicação.....	59
AUDIÇÃO SIMULADA Passo Quatro - Manejo de Originações	62
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO	66
O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	71
CIENTOLOGIA E O CONHECIMENTO EFICAZ.....	73
QUEBRAS DE ARC E O CICLO DE COMUNICAÇÃO	74
TRs E COGNIÇÕES.....	79
VI. - Q & A	81
Q&A.....	81
TODOS OS NÍVEIS Q&A	85
A CURA PARA O Q&A	87
A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A	90
VII. - TREINAMENTO	91
TREINAMENTO.....	91
VIII. - TEORIA DOS TRs	94
EXERCÍCIOS DE TREINO RE-MODERNIZADOS.....	94
CICLOS ATRAVÉS DOS TRs NUM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS	103
TRs ROBÓTICOS.....	105
IX. - REMÉDIOS.....	106
A TECH DE CONFRONTO TEM QUE FAZER PARTE DA FOLHA DE CONTROLO DE TRs	106
EXERCÍCIOS DE HUMOR	107
TR DE MURMÚRIO.....	109
NOME: TR Anti Q & A	110
X. - SECÇÃO PRÁTICA	111
O USO DE FITAS DE AUDIÇÃO MODELO DE LRH.....	111



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
(HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE)

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

CARTA POLÍTICA DO HCO DE 7 DE AGOSTO DE 1983

Remímeo
Todas as Orgs
Curso de TRs
Profissionais

**CHECKSHEET DO CURSO DE
TRs PROFISSIONAIS HUBBARD**

(CHECKSHEET)

(Cancela a HCO PL 17 Jun. 81, CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD)

NOME: _____ ORG: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETA-
ÇÃO: _____

REQUISITOS: Chapéu do Estudante ou Manual Básico de Estudo.

(Nota: O estudante não pode estar no meio de uma ação de audição principal. Ref: [HCOB 26 Mai. 71](#), Nº38 da Série sobre o C/S, CURSO DE TRs E AUDIÇÃO, MISTURAR AÇÕES PRINCIPAIS.)

PROpósito:

1. ENSINAR AO ESTUDANTE TODA A TEORIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO.
2. ENSINAR AO ESTUDANTE UMA PERÍCIA IMPECÁVEL NO MANEJAR DO CICLO DE COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA APLICAÇÃO DOS TRs DE 0 A 4.

Duração: Tempo Inteiro: De 10 dias a 2 semanas.

Tempo Parcial: 1 mês.

Tech de Estudo:

Esta checksheet é feita uma vez, em sequência. Ao estudar não passes para 1 de uma palavra que não compreendas. Procura-a no DICIONÁRIO TÉCNICO ou um bom dicionário geral. A única razão pela qual uma pessoa desiste de um estudo ou fica confusa ou incapaz de aprender é que ele ou ela passou para 1 de uma palavra que não foi compreendida.

Se os materiais se tornarem confusos ou não pareceres ser capaz de os compreender, há uma palavra imediatamente antes que não comprehendeste. Não avances mais, vai para antes de teres tido dificuldades, descobre a palavra mal-entendida e define-a.

Os itens marcados com um asterisco (*) recebem Clarificação de Palavras, Método 4 em cada página do Boletim ou livro, recebendo depois um starrate checkout. Todos os demos de plasticina têm que ser feitos pelo estudante e depois verificados pelo supervisor.

Produto: O PRODUTO FINAL VALIOSO PRIMÁRIO dos TRs é:



Um auditor profissional que apenas com o manejar de comunicação consegue manter o pc interessado no seu próprio caso e disposto a falar com o auditor.

O PRODUTO FINAL VALIOSO SECUNDÁRIO dos TRs é:

Uma pessoa com uma presença social ou em sessão de um auditor profissional, podendo essa presença ser resumida como um ser que consegue manejar qualquer um com comunicação só e cuja comunicação pode fazer face impecavelmente a qualquer situação em sessão ou social, não importa quão difícil.

O FENÓMENO FINAL DOS TRs É:

Um ser que sabe que pode atingir ambos os pontos acima impecavelmente e daqui para o futuro.

(Ref: HCOB 24 Dez 79R, BASES DOS TRs RESSURGIDAS)

CERTIFICADO:

GRADUADO DO CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD.

FOLHA DE CONTROLE

I. - INTRODUÇÃO

- | | |
|---|-------|
| 1. - HCO PL 7 Fev. 65 , Nº1 da Série KSW, Corr. & Reemit 12.10.85
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR | _____ |
| 2. - HCO PL 17 Jun. 70RB , Nº5R da Série KSW Re-rev. 25.10.83
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS | _____ |
| 3. - HCO PL 14 Fev. 65 Nº4 da Série KSW Reemit. 30.8.80
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA | _____ |
| 4. - HCOB/PL 9 Fev. 79 Nº24 da Série KSW Reemit. 23.8.84
COMO DERROTAR A TECH VERBAL CHECKLIST | _____ |
| 5. - HCOB/PL 15 Fev. 79 Nº25 da Série KSW Reemit. 23.8.84
TECH VERBAL: PENALIDADES | _____ |

II. - DADOS BÁSICOS

- | | |
|---|-------|
| 1. - HCO PL 6 Ago 83 - DE QUE TEM QUE CONSISTIR UM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS | _____ |
| 2. - HCOB/PL 8 Ago 83 -
CANCELAMENTO DE EMISSÕES SOBRE TRs | _____ |
| 3. - HCOB 19 Jun. 71 , DEFINIÇÕES DE ESTUDO PARA O CURSO DE TRs | _____ |
| 4. HCOB 24 Dez 79R Rev. 19.6.86
BASES DOS TRs RESSURGIDAS | _____ |
| 5. DEMO: Os 5 elementos principais de um curso de TRs Profissionais
(Ref: HCO PL 6 Ago83, DE QUE TEM QUE CONSISTIR UM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS.) | _____ |
| 6. HCOB 26 Mai. 71R Rev. 23.10.83
CURSO DE TRs E AUDIÇÃO, MISTURAR AÇÕES PRINCIPAIS | _____ |



III. - ARC

1. - LIVRO: [OS PROBLEMAS DO TRABALHO](#), Capítulo VI, AFINIDADE, REALIDADE E COMUNICAÇÃO
2. - LIVRO: [OS FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO](#), Cap. 5, O TRIÂNGULO A-R-C
3. - DEMO COM PLASTICINA: O Triângulo A-R-C, mostrando com A , R e C se interrelacionam e levam à compreensão.

IV. - O CICLO DE COMUNICAÇÃO

1. LIVRO: [DIANÉTICA 55!](#) Capítulo VII, COMUNICAÇÃO
2. DEMO COM PLASTICINA: O estudante faz o Capítulo VII inteiro em plasticina.
3. Capítulo VIII, A APLICAÇÃO DA COMUNICAÇÃO (Só Inglês)
4. Capítulo IX, COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS (Só Inglês)
5. DEMO: Comunicação nos Dois Sentidos.
6. Capítulo X, FALTA DE COMUNICAÇÃO (Só Inglês)
7. [HCOB 5 Abr. 73](#) Reinst 25.5.86
AXIOMA 28 ADICIONADO
8. DEMO COM PLASTICINA:
Usando o Capítulo VII de DIANÉTICA 55! e o AXIOMA 28 ADICIONADO, faz um demo com plasticina da Fórmula da Comunicação, mostrando cada uma das suas partes e o resultado quando é completamente aplicada.
9. LIVRO: [OS PROBLEMAS DO TRABALHO](#), Capítulo IV, O SEGREDO DA EFICIÊNCIA
10. DEMO COM PLASTICINA: O ciclo de ação.
11. DEMO COM PLASTICINA:
O ciclo de ação conforme se relaciona com a Fórmula da Comunicação.

V. - DADOS ADICIONAIS SOBRE COMUNICAÇÃO

1. [CAPACIDADE 54, 1957](#), MAIS CONFRONTO
2. [HCOB 4 Jan 73](#), Nº9 da Série sobre Estudo, CONFRONTO
3. [PAB 147 1 Nov. 58](#), CURSO DE COMUNICAÇÃO
4. [PAB 149 1 Dez 58](#) AUDIÇÃO EXEMPLAR: PASSO DOIS, ACUSAR DE RECEÇÃO
5. [HCOB 12 Jan 59](#), TOM DE VOZ É ACUSAR DE RECEÇÃO
6. [HCOB 12 Nov. 59](#), ACUSAR DE RECEÇÃO EM AUDIÇÃO
7. [HCOB 7 Abr. 65](#), ACUSAR DE RECEÇÃO PREMATURO
8. [HCOB 5 Fev. 66 II](#), "DEIXAR O PC FAZER ITSA", O AUDITOR CORRETAMENTE TREINADO



9. DEMO COM PLASTICINA: Um ACUSAR DE RECEÇÃO e o seu resultado.
10. PAB 150 15 Dez. 58 AUDIÇÃO SIMULADA, PASSO TRÊS: DUPLICAÇÃO
11. PAB 151 1 Jan 59, AUDIÇÃO EXEMPLAR , PASSO QUATRO: MANEJAR ORIGINAÇÕES
12. HCOB 23 Mai. 71R IV Rev. 4.12.74, CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO
13. HCOB 23 Mai. 71R V O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO
14. DEMO: O ciclo de comunicação em audição.
15. PALESTRA: 5707C15, CIENTOLOGIA E O CONHECIMENTO EFICAZ
16. PALESTRA: 6307C24 SHSBC-289, QUEBRAS DE ARC E O CICLO DE COMUNICAÇÃO
17. HCOB 26 Abr. 71 I TRs E COGNIÇÕES
18. DEMO COM PLASTICINA:
"Na presença de TRs toscos, não ocorrem cognições"

VI. - Q & A

1. HCOB 24 Mai. 62 Q & A
2. HCOB 7 Abr. 64 TODOS OS NÍVEIS, Q & A
3. HCOB 21 Nov. 73, A CURA DO Q&A, A DOENÇA MAIS MORTÍFERA DO HOMEM
4. HCOB 5 Abr. 80 Q&A, A VERDADEIRA DEFINIÇÃO
5. DEMO COM PLASTICINA: Q & A.
6. EXERCÍCIO: Caminha pela org ou vai à rua e descobre exemplos (pelo menos 3) de Q&A. Escreve isso e dá-o ao teu Supervisor.

VII. - TREINAMENTO

1. HCOB 24 Mai. 68, TREINAMENTO
2. DEMO: Os princípios de um bom treinador.

VIII. - TEORIA DOS TRs

1. HCOB 16 Ago 71R II EXERCÍCIOS DE TREINO REMODERNIZADOS
2. DEMO COM PLASTICINA:

Como cada um dos TRs seguintes se relaciona com a Fórmula da Comunicação:

OT TR 0	_____	TR 2	_____
TR 0	_____	TR 2 1/2	_____
TR 0 BB	_____	TR 3	_____
TR 1	_____	TR 4	_____



3. DEMO COM PLASTICINA:
Como se usa A, R, C e Compreensão nos TRs. _____
4. HCOB 8 Ago 83, FAZER CICLOS ATRAVÉS DOS TRs NUM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS _____
5. DEMO:
A redefinição de fazer ciclos através dos TRs. _____
6. HCOB 7 Ago 83 TRs ROBÓTICOS _____
7. DEMO COM PLASTICINA:
A causa de alguém ter "TRs robóticos" _____
8. DEMO COM PLASTICINA:
Ref. HCOB 24 Dez 79R, BASES DOS TRs RESSURGIDAS
a. O Produto Final Valioso Primário dos TRs _____
b. O Produto Final valioso Secundário dos TRs _____
9. DEMONSTRAÇÃO: O estudante agora demonstra para o Supervisor como os TRs são feitos, como estudante e como treinador. _____

NOTA: Isto não é um demo com plasticina nem um demo com o "demo kit", mas o estudante demonstra simplesmente cada TR como estudante e depois como treinador só para lhe mostrar como.

AVISO: O estudante não pode ficar preso em nenhum TR, percorrendo sim através dos TRs um após o outro, como estudante e como treinador, numa base de demonstração. Não deve ser mais que 5 minutos de cada forma.

O estudante tem que compreender que ele não está realmente a exercitar os TRs neste ponto; ele só está a demonstrar como fazer o exercício como estudante e como treinar no exercício como treinador.

Nenhuma tech verbal pode ser dada. O estudante, como estudante ou treinador, duplica exatamente aquilo que as referências dos HCOBs declaram em relação aos TRs.

Quando o estudante demonstrou os TRs, como estudante e como treinador, o Supervisor assina abaixo para conformar que ele o fez.

- a).OT TR 0 como estud. _____ b).OT TR 0 como trein. _____
c).TR 0 como estud. _____ d).TR 0 como trein. _____
e). TR 0 BB como estud. _____ f). TR 0 BB como trein. _____
g). TR 1 como estud. _____ h). TR 1 como trein. _____
i). TR 2 como estud. _____ j). TR 2 como trein. _____
k). TR 2 1/2 como estud. _____ l). TR 2 1/2 como trein. _____
m). TR 3 como estud. _____ n). TR 3 como trein. _____
o). TR 4 como estud. _____ p). TR 4 como trein. _____

SUPERVISOR:_____ DATA:_____



IX. - REMÉDIOS

FATOR-R: Os Boletins seguintes contêm exercícios que são feitos conforme necessário enquanto se exercitam os TRs de 0 a 4. Estes são remédios para qualquer dificuldade que o estudante tiver com um TR.

1. [HCOB 3 Fev. 79 II](#), TECH DE CONFRONTO TEM QUE SER PARTE DA CHECKSHEET DE TRs _____
2. [HCOB 31 Jan 79](#), EXERCÍCIOS DE HUMOR _____
3. [HCOB 1 Out 65R](#) Rev. 24.2.75, TR MURMÚRIO _____
4. [HCOB 20 Nov. 73 I](#), 21º CURSO CLÍNICO AVANÇADO É EXERCÍCIOS DE TREINO, TR ANTI-Q&A _____

X. - SECÇÃO PRÁTICA

1. [HCOB 26 Jun. 81](#), USO DAS FITAS DE AUDIÇÃO MODELO DE LRH _____

As Fitas de Audição Modelo de LRH seguintes são demonstrações práticas de TRs verdadeiros e ao vivo. Estas devem ser ouvidas pelo estudante como uma ajuda para desenvolver os seus próprios TRs naturais, à medida que ele exerceita através dos TRs. [N.T.: O estudante ouve a fita em Inglês com LRH na gravação, seguindo com a transcrição traduzida para Português.]

2. [PALESTRA: 5707C07](#), CCH: DEMO, PASSOS DE 1 A 4 LRH/MTS-1 (FC-15) _____
3. [PALESTRA: 5911C09](#), DEMO DE UMA ASSISTÊNCIA LRH/MTS-2 (MACC-2) _____
4. [PALESTRA: 6205C16](#), REMEDIAR CASOS DE 3DXX LRH/MTS-3 (SHTVD-5A&B) _____
5. [PALESTRA: 6205C23](#), VERIFICAÇÃO DE PERGUNTAS DE "QUE TAL" E PROVAR DE HAVINGNESS LRH/MTS-4 (SHTVD-6) _____
6. [PALESTRA: 6205C23](#), PESCAR E PROCURAR É VERIFICAR AGULHAS SUJAS LRH/MTS-5 (SHTVD-7) _____
7. EXERCITAR NOS TRs: Nesta secção o estudante exerceita cada TR, de OT TR 0 até TR 4, até receber um passe total do Supervisor em cada um, alternando como estudante e treinador.

Exercitar e treinar são feitos exatamente segundo os materiais nas secções de Teoria e Treinamento acima e nada mais. Não se pode dar tech verbal.

Cada Flunk tem que ser seguindo pelo apontar do ponto exato do HCOB que foi violado. Em nenhuma altura o treinador ou Supervisor pode dar uma interpretação verbal do HCOB. Todas as dúvidas ou perguntas são manejadas levando o estudante a ler o HCOB ou dando-lhe Método 9 de Clarificação de Palavras no Boletim conforme necessário. Falhar em manejar desta forma é acionável.

8. EXERCÍCIO:
OT TR 0 até um passe total (2horas) pelo Supervisor. _____



9. EXERCÍCIO:

TR 0 até 2 horas diretas e não interrompidas de um confronto bom e aceitável, passado pelo Supervisor.

10. EXERCÍCIO:

TR 0 BB até passar totalmente pelo Supervisor.

11. EXERCÍCIO:

TR 1 até passar totalmente pelo Supervisor.

12. EXERCÍCIO:

TR 2 até passar totalmente pelo Supervisor.

13. EXERCÍCIO:

TR 2 1/2 até passar totalmente pelo Supervisor.

14. EXERCÍCIO:

TR 3 até passar totalmente pelo Supervisor.

15. EXERCÍCIO:

TR 4 até passar totalmente pelo Supervisor.

XI. - PASSE FINAL NOS TRs

O estudante agora submete ou um vídeo ou uma cassete do TR 4 a um terminal superior de tech na org (normalmente o C/S Séniior), que passou ele próprio os TRs de 0 a 4. É dura numa checksheet aprovada, para receber um passe final nos TRs.

NOTA:

É muito difícil passar um vídeo ou cassete de TRs quando a demonstração está a ser tornada fácil pelo treinador ou pelo estudante. Não se pode realmente ver se os TRs são de uma qualidade que se passe, a menos que o treinador tenha realmente dado ao estudante situações realistas para manejear.

(Se o vídeo não passar, o Supervisor assegura-se de que o estudante é manejado com os remédios corretos ou mais exercícios de TRs, conforme exigido na critica do vídeo e depois, quando passado pelo Supervisor, o estudante faz um novo vídeo e submete-o para passar.)

1. Passe final no vídeo/cassete de TR 4.

COMPLETAÇÃO DO ESTUDANTE:

Eu atesto que completei todos os requerimentos nesta Checksheet de TRs e que sei e posso aplicar os materiais.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR:

Eu treinei este estudante ao melhor da minha capacidade e ele/ela completou todos os requerimentos desta Checksheet de TRs e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR:_____ DATA:_____

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE EM C&A:



Eu atesto que (a) me inscrevi no curso, (b) paguei pelo curso, (c) estudei e comprehendi todos os materiais na checksheet, (d) fiz todos os exercícios requeridos nesta checksheet e (e) posso produzir o resultado requerido pelos materiais do curso.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

C & A:_____ DATA:_____

CERTS & RECOMPENSAS: O estudante recebeu o Certificado de GRADUADO DO CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD.

C & A:_____ DATA:_____

(Envia esta checksheet para o Admin de Curso para arquivar no folder do estudante.)

L. RON HUBBARD
FUNDADOR
Adotado como Política Oficial da Igreja
pela
IGREJA DE CIENTOLOGIA INTER-
NACIONAL

Traduzido para Português pela
UNIDADE DE TRADUÇÕES na Europa

LRH:CSI:iw

Trad. RMF:RMF:rmf

Aprovada por
I/A Off CLO EU



I. - INTRODUÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APPLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FREnte.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (afeição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, pode entregar o prometido.



A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado se a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:



Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanias elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente



destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles só têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma ânsia de concordância da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o



processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado!*

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarronices, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.



Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de dilettantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaixone-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui,



portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescemos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* cresçamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infundáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.



6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE FEVEREIRO DE 1965

(Reemit. 7 Jun. 67, com a palavra
“instrutor” substituída por “supervisor”)

KSW Série 4

SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA

Há já alguns anos que temos a palavra “esquilar”. Ela significa alterar a Cientologia, práticas irregulares. Trata-se de uma coisa má. Eu encontrei maneira de explicar o porquê.

A Cientologia é um *sistema funcional*. Isto não significa que seja o melhor sistema possível ou um sistema perfeito. Lembremos e usemos aquela definição. A Cientologia é um *sistema funcional*.

Em cinquenta mil anos de história, só deste planeta, o Homem nunca desenvolveu um sistema funcional. É duvidoso que num futuro previsível ele venha alguma vez a desenvolver outro.

O Homem está aprisionado num gigantesco e complexo labirinto. Para sair dele é preciso que siga cuidadosamente o caminho aberto da Cientologia.

A Cientologia tirá-lo-á para fora do labirinto, mas só se ele seguir as pisadas exatas dos túneis.

Levei um terço de século nesta vida para traçar a rota de saída.

Está provado que os esforços feitos pelo Homem para encontrar esta rota, não deram em nada.

Também é um facto evidente que a rota chamada Cientologia conduz *realmente* ao exterior do labirinto. Por isso é um sistema funcional, uma rota que pode ser seguida.

O que é que poderíamos pensar dum guia que, porque o seu grupo disse que estava escuro, o caminho era mau e que outro túnel tinha melhor aspeto, abandonou a rota que ele sabia conduzir ao exterior e o levou para um perido ermo no escuro? Pensaríamos que ele era um banana dum guia.

O que é que poderíamos pensar de um supervisor que deixasse um estudante abandonar o procedimento que ele sabia funcionar? Pensaríamos que ele era um banana dum supervisor.

O que é que aconteceria num labirinto se um guia deixasse uma moça parar num belo desfiladeiro e a abandonasse ali para sempre a contemplar as rochas? Pensaríamos que ele



era um guia sem coração. Pelo menos esperávamos que ele dissesse: “menina, essas rochas podem ser muito bonitas, mas o caminho não é por aí”.

Bom, então e se um auditor abandonar o procedimento que acabaria por fazer Clear o seu Pc só porque este teve uma cognição?

As pessoas têm seguido a rota confundindo-a com “o direito a ter as suas próprias ideias”. Toda a gente tem certamente o direito a ter as suas próprias opiniões, e ideias e cognições desde que estas não barrem a saída a si próprio e aos outros.

A Cientologia é um sistema funcional. Ela indica a saída do labirinto com setas. Se não existissem estas setas a indicar os túneis corretos, o Homem continuaria a andar às voltas como o fez durante milénios, precipitando-se para caminhos incorretos, andando em círculos, acabando preso na escuridão e só.

A Cientologia, exata e corretamente seguida, tira a pessoa do caos.

Portanto, quando vemos alguém que se diverte a mandar toda a gente tomar peiote porque restimula pré-natais, sabemos que ele está a pôr pessoas fora da rota. Reparem que ele está a esquilar. Ele não está a seguir a rota.

A Cientologia é uma coisa nova; é a saída para o exterior. Nunca existiu outra. Nem toda a arte de vender deste mundo pode mudar uma rota má para uma rota correta. E estão a ser vendidas uma quantidade enorme de rotas más. O seu produto final é mais escravatura, mais escuridão, mais miséria.

A Cientologia é o único sistema funcional que o Homem possui. Ela já levou pessoas para um Q.I. mais alto, melhores vidas e tudo mais. Nenhum outro sistema o fez. Veja que por isso não tem concorrentes.

A Cientologia é um sistema funcional. Tem a rota traçada. A investigação está feita. Agora a rota só precisa ser seguida.

Por isso temos que pôr os pés dos estudantes e preclaros nessa rota. Não os podemos deixar fora dela, não importa quão fascinantes para eles sejam as rotas laterais. E temos que os mover para cima e para fora.

Esquilar é hoje algo destrutivo de um sistema funcional.

Não deixemos a nossa gente cair. Seja por que meios forem, há que mantê-los na rota. E eles serão livres. Se não o fizermos nós, eles não o farão.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 9 DE FEVEREIRO DE 1979R

Emissão II

Rev. 23 Ago. 84

*(Rev. para incorporar um
refinamento recente da lista)*

(Também emitida como HCOB 9 Fev. 79R, mesmo título)

KSW Série 23R

COMO DERROTAR A TECH VERBAL

LISTA

1. Se não está escrito não é verdade.
2. Se está escrito leia-a.
3. *A pessoa que a escreveu tinha autoridade ou saber para a ordenar?*
4. Se não a pode compreender, clarifique-a.
5. Se não a pode clarificar, clarifique os mal-entendidos.
6. Se os mal-entendidos não clarificam, ponha-a em causa.
7. *O original terá sido alterado?*
8. Valide-a como ordem correta, nos seus canais e na política.
9. **SE NÃO PODE SER FEITO CONFORME ACIMA É FALSA! CANCELA-A e use o HCOB 7 Ago. 79, EXTIRPAÇÃO DE DADOS FALSOS, conforme necessário.**
10. Só se se mantiver neste nível você força os outros a lê-la e a segui-la.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL DE 15 DE FEVEREIRO DE 1979

REEMITIDA 12 ABRIL 1983

Remimeo

Tech

Qual

HCO

(Reemitida como parte da Série sobre Manter a Cientologia a Funcionar)

(Também emitida como HCOB 15 Fev. 79, Mesmo título)

KSW Série 24

TECH VERBAL: PENALIDADES

(Ref.: HCOB/PL 9 Fev. 79R COMO DERROTAR A TECH VERBAL, LISTA)

QUALQUER PESSOA QUE SEJA DESCOBERTA A USAR TECH VERBAL SERÁ SUJEITA A UM JUÍZO DE ÉTICA.

AS ACUSAÇÕES SÃO: DAR DADOS CONTRÁRIOS A BOLETINS OU CARTAS POLÍTICAS DO HCO OU OBSTRUÍR O SEU USO OU APLICAÇÃO, CORROMPER A SUA INTENÇÃO, ALTERAR O SEU CONTEÚDO DE QUALQUER FORMA, INTERPRETÁ-LOS VERBALMENTE OU DE OUTRA FORMA PARA OUTREM, OU FINGIR CITÁ-LOS SEM MOSTRAR A VERDADEIRA EMISSÃO.

QUALQUER DESTAS CATEGORIAS CONSTITUI TECH VERBAL E É ACIONÁVEL COMO DESCrito ACIMA.

**L. RON HUBBARD
FUNDADOR**

II. - DADOS BÁSICOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex.

HCOPL de 6 de AGOSTO de 1983R

REVISTA a 24 de DEZEMBRO de 1989

DE QUE TEM QUE CONSISTIR UM CURSO DE TRS PROFISSIONAIS

Os elementos básicos que vão compor um Curso de TRs Profissionais não são muitos. Mas eles são VITIAIS.

Um Curso de TRs Profissionais tem que consistir de:

1. Os fundamentos de ARC e uso do triângulo ARC. (Ref: HCOB 24 Dec. 79R, FUNDAMENTOS dos TRs RESSURGIDOS)
2. Processamento na Mesa de Plasticina dos TRs de Audição.
3. Estudo do ciclo de comunicação e depois todo o ciclo de comunicação feito em plasticina, conforme completamente coberto em Dianética 55! (Ref: HCOB 24 Dec. 79R, FUNDAMENTOS dos TRs RESSURGIDOS)
4. Cada TR, de 0 a 4, feito em plasticina.
5. Então os TRs de 0 a 4 exercitados no duro, e no duro e no duro, cada um até uma passagem. E quando um estudante não está a conseguir passar um TR superior, é reposto no TR inferior que não passou, fazemo-lo atravessar esse e então exerce os TRs para cima, cada um até uma passagem completa. (Ref: HCOB 8 Ago. 83R, RECICLAR OS TRs EM CURSOS de TRS PROFISSIONAIS)

E é isso. É a simplicidade da coisa. É o que é preciso para levar estudantes e auditores através dos TRs profissionais para uma aplicação natural, fácil, infalível.

Um Supervisor ALI, no terreno, que passou ele próprio os seus TRs e que levará outros através deste regime, é então tudo que o que é preciso.

Um dado importante a ser conhecido é este: o único pré-requisito para o Curso de TRs Profissionais é o Curso de Estudante. Poderá haver outros pré-requisitos para um nível, mas não para o Curso de TRs Profissionais.

A maioria das pessoas conseguirá fazer um Curso de TRs Profissionais. Os que foram baralhados por drogas ou que têm problemas de alfabetização, não irão conseguir até serem desemburrados. Logo, na prática geral, se alguém não puder manejar um Curso de TRs Profissionais e falhar, deve ser desemburrado e levado aos remédios que o manejam para que seja então capaz de terminar o curso. No caso de uma pessoa com drogas pesadas, isto seria manejado com o RD de Purificação, os Objetivos todos e/ou um RD de Drogas, segundo atribuição do C/S. Isto não trabalha uma dificuldade no estudante, pois ele obteria agora esses serviços a preços de profissional.

Quaisquer ordens contrárias a quaisquer dos dados acima, verbais ou através de telex, despacho, etc., são CANCELADAS por este meio.

Agora vamos ver alguns produtos do Curso de TRs Profissionais!



L. RON HUBBARD
Fundador
Revisão ajudada por Pesquisa
Técnica e Compilações de LRH



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 8 DE AGOSTO DE 1983

(Também emitido como PL, mesma data e título.)

Remimeo

Todas as Orgs

Todas as Missões

Cursos de TRs

CANCELAMENTO DE EMISSÕES SOBRE TRs

As seguintes emissões sobre TRs, não escritas por mim, são por este CANCELADAS:

1. HCOB/PL 23 Set. 1979, CANCELAMENTO DE BTBs E BPLs DESTRUTIVOS SOBRE TRs

As emissões listadas abaixo, que o HCOB/PL 23 Set. 79 cancelou, continuam canceladas:

BTB 15 Ago. 71R	MANEJAR DIFICULDADES NOS CURSOS DE TRs
Rev. e Reemt. 3.7.74 como BTB	
BTB 16 Ago. 71R	DESCOBERTA, CURSO DE TRs
Rev. e Reemt. 3.7.74 como BTB	
BTB 18 Ago. 71R	CURSO DE TRs - COMO GERIR
Rev. e Reemt. 24.8.74 como BTB	
HCO PL 4 Nov. 71 II (não escrita por LRH)	REQUISITOS DA ACADEMIA
BTB 5 Nov. 71R	Exercício DE DEBUG DO CURSO DE TRs
Rev. 24.4.78	
HCO PL 6 Nov. 71 III	ALINHAR DE ESTÁGIOS, Estágios DE AUDITOR
HCOB 7 Abr. 73RA	GRADIENTES EM TRs
Rev. 22.2.79	
HCOB 8 Dez 74	TR 0 - NOTAS SOBRE PESTANEJAR
BTB 8 Mar 75 IV	5RB da Série sobre Cramming TRs EM CRAMMING
BTB 20 Set. 72	TREINO DE TRs COM LRH
Reemit. 20.9.74 como BTB	
BTB 13 Mar 75R	DESCOBERTA NO TREINO DE TRs
Rev. 30.4.75	
F.D.D. 32 DIV. IX INT 7 Jun. 71I	TRs DA MANEIRA DURA

2. HCOB 18 Abril 1980, CRITICISMO DE TRs.

3. HCOB 16 Agosto 71RA, EXERCÍCIOS DE TREINO REMODERNIZADOS. Os dados correctos sobre os exercícios de TRs 0 a 4 estão contidos no meu HCOB 16 Ago. 71R, Rev. 5.7.78, EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS, que foi reemitido a 6 Agosto 1983.

4. HCO PL 13 Setembro 1981, Emissão I, REQUISITOS PARA OS NÍVEIS DA ACADEMIA. Esta emissão colocava destrutivamente o Curso de TRs Profissionais, uma ferramenta vital no treino de auditores, depois do Estágio de Nível 4! Isto teve o efeito de negar aos auditores principiantes o benefício dos TRs ensinados bruta, forte e duramente, como requerido nos níveis de treino



de auditor, conforme coberto no HCOB 16 Ago. 71R, EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS.

5. HCO PL 17 Junho 1981, CHECKSHEET DO CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD. Os dados completos para o treino de auditores estudantes até terem TRs Profissionais estão contidos nas emissões seguintes:

HCO PL 7 Ago. 83 CHECKSHEET DO CURSO DE TRs PROFISSIONAIS HUBBARD

HCOB 16 Ago. 71R EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS

HCO PL 6 Ago. 83 DE QUE TEM QUE CONSISTIR UM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS

HCOB 8 Ago. 83 FAZER CICLOS ATRAVÉS DOS TRs NUM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS

HCOB 7 Ago. 83 TRs ROBÓTICOS

HCOB 24 Dez 79 BASES DOS TRs RESSURGIDAS

HCO PL 23 Jan. 83 URGENTE - IMPORTANTE REQUISITO DE TREINO DE AUDITOR

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 19 DE JUNHO DE 1971
EMISSÃO III

Remimeo

Curso de TRs

**DEFINIÇÕES DE ESTUDO
PARA O CURSO DE TRs**

ADMINISTRADOR DE CURSO: O membro do pessoal encarregado dos materiais e registos do curso.

Bloco | PACK: Um **bloco** é uma coleção de materiais escritos que se juntam a uma folha de controlo. Este é formado de várias formas, como folhas soltas, uma pasta de cartolina ou boletins agrafados com uma capa. Um **bloco** não necessariamente inclui uma brochura ou livro de capa dura que possa fazer parte da folha de controlo.

COMPLETAÇÃO: Uma "Completação" é o ato de completar um curso ou grau de audição específico, significando que esse foi começado, trabalhado e acabado de forma bem sucedida com uma recompensa em Qual.

COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS: 1. A tecnologia precisa de um processo usado para clarificar dados com uma pessoa. Não é uma conversa. É governado pelas regras da audição. É usado pelo Supervisor para clarificar bloqueios ao progresso no estudo, em posto, na vida ou na audição. É governado pelo ciclo de comunicação descoberto na Cientologia.

CONSULTA DE ESTUDANTE: O manejamento pessoal dos problemas ou progresso de um estudante por um consultor qualificado.

CRAMMING: Uma secção da Divisão de Qualificações em que o estudante recebe instrução a alta pressão ao seu próprio custo, depois de se ter descoberto que é lento no estudo, ou quando falha nos exames.

DEMO KIT: Kit de Demonstração. Consiste de vários objetos pequenos como rolhas, tampas, cliques, tampas de caneta, pilhas, qualquer coisa útil. Estes são guardados numa caixa. Cada estudante deverá ter um. As peças são usadas, enquanto estuda, para representar as coisas dos materiais que está a demonstrar. Isto ajuda a manter as ideias e conceitos no lugar. Um demo kit adiciona massa, realidade e doingness (fazer) à significância, ajudando assim o estudante a estudar.

DENTRO | IN: Coisas que deveriam estar lá e estão, ou que deveriam ser feitas e são, dizem-se estar "dentro". Exemplo: "Nós pusemos as marcações dentro".

DESERÇÃO | BLOW: Afastamento não autorizado de uma área, causado normalmente por dados mal-entendidos ou overts.

EXAME | CHECKOUT: A ação de verificar o conhecimento do estudante em relação a um item dado da folha de controlo.



EXAME DE SUPERVISOR: Um exame dado pelo Supervisor do curso ou pelos seus assistentes.

FALHOU | FLUNK: Reprovou.

FOLHA DE CONTROLO | CHECKSHEET: Uma lista de materiais, muitas vezes dividida em secções, que dá os passos da teoria e da prática a qual, uma vez completada, dá uma completação de estudo. Os itens são selecionados para redundarem no conhecimento requerido do assunto. Estes estão arranjados na sequência necessária para um gradiente de aumento de conhecimento sobre o assunto. Depois de cada item há um espaço para as iniciais do estudante ou da pessoa que lhe dá o exame. Quando a folha de controlo está completamente preenchida com iniciais, esta está completa, significando que o estudante pode agora receber um exame e receber uma recompensa por completar. Com algumas folhas de controlo, é necessário passar através da folha de controlo duas vezes antes do curso ser completado.

FOLHA ROSA: As folhas rosa são emitidas por um Supervisor de Curso como medida de correção. Um estudante recebe uma folha rosa quando algo que devia ter sido aprendido anteriormente, falhou. O princípio das folhas rosa é que o estudante é responsável por todos os materiais que estudou antes. Se ele for incapaz de aplicar ou usar quaisquer destes materiais, é emitida uma folha rosa para remediar a situação. Esta atribui ao estudante o reestudo e exame dos materiais específicos. É um remédio rápido e preciso.

FORA | OUT: Coisas que deveriam estar lá e não estão ou deveriam ser feitas e não são, dizem-se estar "fora". Exemplo: "Os livros de inscrição estão fora".

H.C.: Um CONSULTOR HUBBARD é especialista em testes, Comunicação nos 2 Sentidos, consulta, interpretação e relações interpessoais. Este é um certificado oferecido especialmente a pessoas treinadas em manejear o pessoal e estudantes. Estas tecnologias e treino especiais foram desenvolvidos para aplicar as perícias de audição da Cientologia, especialmente ao campo da administração. Um H.C. não é um auditor, mas um Consultor. H.C. é um requisito para Supervisores de Curso e Consultores de Estudantes.

HISTÓRIA DE SUCESSO: A declaração dos benefícios, ou ganhos, ou vitórias feitas por um estudante ou preclaro ou Pré-OT ao Oficial de Sucesso ou à pessoa que tem esse posto na org.

HORÁRIOS: As horas de um curso.

LICENÇA DE AUSÊNCIA: Um período de ausência autorizada de um curso dada por escrito pelo Supervisor de Curso e que é posta dentro do folder de estudante.

LISTA DE CONTROLO| CHECKLIST: Uma lista de ações ou inspeções para aprontar uma atividade ou maquinaria ou objeto para uso, ou estimar as reparações ou correções necessárias. Às vezes esta é erradamente chamada uma "folha de controlo", mas essa palavra é reservada para os passos de estudo.

LIVRO DE CHAMADA: O registo principal de um curso com o nome do estudante, morada local e permanente, e a data de inscrição e saída ou completação.

MANUAL: Uma brochura de instrução para um certo objeto, procedimento ou prática.

MARCAÇÕES: A designação de certas horas para a audição.

PARCEIRO | TWIN: Um parceiro de estudo que permanece junto ao longo do curso. Dois estudantes que estudam o mesmo assunto juntos para fazerem exames ou para se ajudarem um ao outro, chamam-se parceiros.



PONTOS: A atribuição arbitrária de um valor a uma parte dos materiais de estudo. "Uma página é um ponto". "Tal exercício vale 25 pontos".

PRÁTICA: Exercícios que permitem ao estudante associar e coordenar a teoria com os verdadeiros itens e objetos aos quais a teoria se aplica. A Prática é a aplicação daquilo que se sabe àquilo que está a ser ensinado para compreender, manejar ou controlar.

PROGRAMAÇÃO: O plano global para uma pessoa, dos cursos, audição e estudo que ela dever seguir num longo período de tempo.

QUAL: 1. A Divisão de Qualificações (Divisão 5) onde o estudante é examinado e onde pode receber Cramming ou assistência especial, e onde recebe recompensas e certificados por graduações, e onde as suas qualificações, conforme atingidas em cursos ou em audição, têm um registo permanente.

REPROVAR: Fazer um erro. Falhar em aplicar os materiais aprendidos. Oposto de passar.

SISTEMA DE PONTOS: O sistema de atribuir pontos a estudos e exercícios que reflete o progresso do estudante e mede a sua velocidade no estudo. Estes são contados pelo estudante e pelo Administrador de Curso e são contados da mesma maneira como estatística do estudante. A estatística é claro que envolve os pontos combinados da classe.

SUPERVISOR DE CURSO: O instrutor encarregado do curso e dos seus estudantes.

TEORIA: A parte de dados de um curso, onde os dados como nos livros, fitas e manuais são dados.

TR: Regime ou Rotina de Treino. Chamado muitas vezes Exercício de Treino. Os TRs são uma ação de treino precisa que leva o estudante através dos passos práticos descritos, gradiente após gradiente, para ensinar ao estudante a aplicar com certeza aquilo que aprendeu.

TREINADOR | COACH: A pessoa que treina intensivamente o estudante através de instrução, demonstração e prática. Nos exercícios de treino um dos parceiros é o Treinador e o outro, o estudante. O Treinador treina o estudante para atingir o propósito do exercício. E ele treina-o com *realidade* e *intenção*, seguindo exatamente os materiais relativos ao exercício a fim de fazer o estudante passar através dele. Quando isto é atingido, os papéis invertem-se, o estudante torna-se o treinador e o treinador torna-se estudante.

VERIFICAÇÃO NO E-METRO: A ação de verificar a reação de um estudante à matéria, palavras ou outras coisas num assunto, isolar bloqueios ao estudo, relações interpessoais ou a vida. É feito com um E-Metro.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, Grinstead Oriental, Sussex

BOLETIM, DO HCO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1979R
REVISTO A 19 DE JUNHO DE 1986

Remimeo
Curso de TRs
Supervisores de TRs
Oficiais de Cramming
Auditores
C/Ses

BASES DOS TRs RESSUSCITADAS

Refs:

HCOB 16 Ago 71R II EXERCÍCIOS DE TREINO REMODERNIZADOS Rev. 5.7.78

HCOB 8 Ago 83 CANCELAMENTO DE EMISSÕES SOBRE TRs

HCOB 5 Abr. 73 AXIOMA 28 EMENDADO Rev. 25.5.86

Livro: *Dianética 55!* Capítulo 7: "Comunicação"

Livro: Problemas do Trabalho Capítulo 6: "Afinidade, Realidade e Comunicação" Livro: Cientologia: Os Fundamentos do Pensamento

Capítulo 5: O Triângulo A-R-C HCO PI, 7 Ago 79 No.8 da Série de Debug de Produto N.36 da Série de Esto EXTIRPAÇÃO DE DADOS FALSOS

HCOB/PL 9 Fev. 79R II COMO DERROTAR TÉCNICA VERBAL

Rev. 23.8.84 LISTA DE VERIFICAÇÃO

Os TRs têm estado em estudo e em experiência-piloto durante o último ano pois, mais ou menos nesta altura do ano passado, tomou-se demasiado evidente, na revisão dos TRs gravados em vídeo de corpos de auditores especiais bem como dos do curso piloto de TRs, que os estudantes pareciam ter-se tornado incapazes de dominar os TRs.

Isto representava um mistério, pois eu sempre fui capaz de ensinar TRs eficazmente em cerca de uma semana, mais dia menos dia. Uma vez que o estudante tenha as bases encaixadas, isto consegue-se simplesmente levando o estudante a FAZÉ-LO, visto que os TRs não constituem uma ação de "pensar" nem uma ação subjetiva. São exercícios práticos sobre o ciclo de comunicação. Não há nada de subjetivo neles. São uma doingness.

Porém de repente encontrámo-nos com corpos inteiros de estudantes auditores incapazes de dominar estes TRs.

O que tinha acontecido ao ensino dos TRs?

Uma boa porção de meses foi gasta a isolar exatamente o que se tinha deteriorado, e agora foi tudo reduzido a poucos fatores:

1. Os TRs Duros tinham sido abandonados.
2. Fazer a Fórmula de Comunicação em plasticina tinha sido omitido.



Estes eram os dois pontos principais da mudança, e quando estes foram omitidos, foi o fim. Foi o fim de alguém ser capaz de fazer TRs. Não se podem dominar TRs sem familiaridade com o ciclo de comunicação. Não se podem fazer TRs com permissividade, treino brando. Os TRs põem-se no seu lugar exercitando-os DURAMENTE.

Uma coisa é tentar ensinar TRs Duros a público verde e outra muito diferente é fazer um auditor. As pessoas que estudam para se tornarem auditores têm que ser transformadas em auditores. Está certo ensinar um curso de TRs suaves na Divisão 6 e isso deveria ser feito, mas quando se trata de formar auditores nada substitui os TRs Duros.

Em qualquer ponto da linha, fazer a fórmula de comunicação em plasticina como a parte do começo do curso de TRs foi abandonado. Isto deixou o estudante sem o mínimo conceito da razão pela qual fazia TRs. A fórmula de comunicação é uma descoberta da Cientologia, e quando omites o seu ensino, o estudante sofre de falta de bases. Portanto, omitir a execução da fórmula de comunicação em plasticina num curso de TRs foi fatal.

Houve mais três fatores adicionais que se descobriu estarem também a influenciar a cena:

3. Os auditores estudantes não tinham compreensão real do Triângulo ARC. Desta forma, a sua comunicação estava atolada devido à Afinidade e Realidade, e portanto a sua Compreensão era deficiente.

4. A falta de uma guia de estudo autêntica dos TRs tinha aberto caminho para que todas as espécies de dados falsos se insinuassem no assunto.

5. A ignorância do fenômeno final de um curso de TRs ou da razão de se fazerem TRs.

O resultado do estudo e experiência piloto deste último ano e o isolamento destes fatores culminaram agora num Curso de TRs completo e final, o qual será emitido muito em breve sob a forma de um livro inalterável.

Entretanto, este Boletim está a ser emitido como uma ação de freio, para tomar largamente conhecidos estes erros e omissões no ensino e treino dos TRs, para que possam ser remedados imediatamente onde quer que TRs de auditor estejam a ser ensinados.

GUIA DE ESTUDO OMISSA E DADOS FALSOS

Desde o cancelamento da HCO PI, de 24 de Maio 71, 0 CURSO DE TRS PROFISSIONAIS, não tem havido uma guia de estudo real dos TRs, completa, com as bases da comunicação e a teoria da comunicação que são subjacentes aos TRs. Isto constituiu por si só uma grave falta de bases. Os TRs como exercícios apareciam em diversas guias de estudo, por vezes acompanhados por vários boletins, mas qualquer estudo minucioso preliminar e em sequência da teoria em que os TRs se baseiam estava omissa.

Aqui tínhamos um curso sem guia de estudo, o que tomava possível a dados falsos de diferentes proveniências introduzirem-se. E foi o que aconteceu. Não era que as pessoas estivessem propositadamente a introduzir dados falsos no assunto. Era simplesmente que não havia uma guia de estudo standard que conduisse o estudante através dos dados verdadeiros *e apenas* dos dados verdadeiros sobre as bases simples subjacentes aos TRs (o Triângulo ARC e a fórmula de comunicação) e em seguida através dos próprios TRs. Nessa situação podem ter-se todos os tipos de dados falsos a introduzir-se numa área. E foi exatamente o que se encontrou. Quase cada um dos estudantes que entraram no curso piloto especial levado a efeito durante este último ano estava atulhado de dados falsos, de vários tipos de "pensamento" e figure-figure e de alter-is da técnica dos TRs.

Um certo número de B'TBs e de BPLs sobre o assunto contribuirá para esta cena e de facto cometera out- tech na área, e estes foram agora cancelados, indicando os títulos específicos, pelo HCOB de 8 Ago 83, CAN- CELAMENTO DE EMISSÕES SOBRE TRs, que dá as listas e corrige os pontos fora que tais emissões introduziram.



Urn manejo complementar consiste em transmitir ao estudante os dados verdadeiros sobre comunicação e TRs, tal como tratados no Capítulo sobre o ARC nos "Problemas do Trabalho" e nos "Fundamentos do Pensamento", nos Capítulos sobre comunicação em "Dianética 55!" e no HCOB de 16 Ago 71R, TRs REMODERNIZADOS. A medida que estuda estes, uma pessoa encontra e despoja-se dos dados falsos acumulados sobre o assunto ou exercício, usando a HCO PL de 7 de Ago 79, DESPOJAR DE DADOS FALSOS.

Quando existem dados falsos sobre um assunto, estes colidem imediata e diretamente com os dados verdadeiros, e até que este conflito seja dissipado por despojamento de dados falsos a pessoa pode ser impossível de treinar nesse campo.

Assim, esta ferramenta de tech nova em folha, o Despojamento de Dados Falsos, e tem sido tremenda-mente útil para corrigir os pontos fora nos TRs e assegurar um treino correto nos mesmos.

Pode notar-se de passagem que o assunto mais falso no nosso planeta neste momento e a psicologia, porque a missão do psicólogo a uma missão do governo - transformar a população em zombies controláveis - e o assunto a ensinado cada vez mais cedo nas escolas, sendo que uma grande parte dos vossos estudantes e ate mesmo supervisores foram sujeitos a esta propaganda e a dados falsos acerca do homem e da mente. Recordo-me que as pessoas que levei mais tempo a fazer passar através de um curso de TRs foram psicólogos profissionais. A base disto está nos dados falsos de que eles estão cheios. Não que a psicologia ensine alguma coisa acerca da comunicação (eles nunca tinham ouvido falar no assunto até nós aparecermos) mas simplesmente têm tantos dados falsos acerca da vida que na realidade não podem estudar nem se exercitar num assunto relativo a vida como a Cientologia. E pode tomar-se necessário limpar estes. Com isso evitas terríveis atrasos no Curso de TRs. Não a uma ação para ser feita no curso, a claro, mas deveria ser executada em Revisão.

A FÓRMULA DE COMUNICAÇÃO EM PLASTICINA

Os TRs são exercícios sobre as diversas partes da fórmula de comunicação.

Este dado básico parece ter-se tornado obscuro nos últimos anos. Parece que os TRs eram considerados por muitas pessoas como exercícios que se faziam para fazer Exercícios, apenas com uma ideia vaga a acompanhá-los sobre o seu uso ou aplicação reais ou como se relacionavam com a audição numa sessão de audição.

A verdade do assunto a que os TRs são simplesmente os exercícios que habilitam uma pessoa a polir e aperfeiçoar o seu ciclo de comunicação.

Porem, se para começar uma pessoa não sabe o que é o ciclo de comunicação, se uma pessoa não esta totalmente familiarizada com as diferentes partes da fórmula de comunicação, os TRs como exercícios não farão muito sentido para ela. O exercício torna-se uma luta porque ela nem sequer sabe o que esta a tentar manejear. Por conseguinte, uma das primeiras coisas de que um estudante de TRs necessita é de uma sólida compreensão da fórmula de comunicação.

A maneira de aprender a fórmula de comunicação a fazendo-a em plasticina. Isso define-a, poe-a no universo físico para ela. Demonstrando a fórmula de comunicação, todas as suas partes, em plasticina, a pessoa *vera* realmente como ela funciona. Torna-se real para ela. Agora ela sabe o que esta a exercitar

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 26 DE MAIO DE 1971R

Rev. 23 Out 83

Remimeo
Todas as Orgs
Hat de Super Crs Básicos
Hat de D de P
Hats de C/S
Sec de Tech
Sec de Qual
Checksheet do Crs de Dn
Todos os Hats de Super de Curso
Checksheets de Crs de TRs Profissionais
Todas as AOs
FSO

(Este boletim foi revisto para: a) remover "cursos básicos" da primeira linha, pois os cursos básicos de TRs da Div 6 são feitos num gradiente mais suave do que os TRs Duros, usados para fazer auditores, segundo o HCOB 24 Dez 79, BASES DOS TRs RESSUSCITADAS; b) adicionar uma quinta regra em relação a pessoas que estão em progresso no OT III ou NOTS Auditado, ou Solo NOTs; c) apontar na pág. 2 que, enquanto um Curso de TRs é um programa principal e que gerido da forma correta produz ganhos de caso, não é normalmente uma ação de caso como tal; e d) incluir dados das condições sob as quais as pessoas que estão em programas de audição podem treinar ou receber necessária correção).

(Revisões neste estilo de letra)

(Reticências indicam cortes)

Série C/S 38R

CURSO DE TRs E AUDIÇÃO MISTURAR AÇÕES PRINCIPAIS

Ref.:

HCOB 28 Set. 82 MISTURAR PERCURSOS E REPARAÇÕES, Série C/S 115R

Com o uso dos TRs Duros (cursos básicos) em auditores e estudantes, uma regra tem de ser posta em vigor:

**UMA PESSOA NUM CURSO DE TRs OU COM UM CICLO DE TRs EM PROGRESSO,
NÃO PODE TAMBÉM SER AUDITADA**

E uma segunda regra:



A ADMIN DO HGC E O DofP TÊM QUE SER INFORMADOS DAS INSCRIÇÕES EM CURSOS DE TRs OU TRs EM CRAMMING E MARCÁ-LO NA PASTA DO Pc COM A DATA.

E uma terceira regra:

NUMA ORG AVANÇADA A ADMIN DE CURSOS AVANÇADOS TAMBÉM TEM DE SER INFORMADA DOS ESTUDANTES QUE SE INSCREVEM NUM CURSO DE TRs.

E uma quarta regra:

TEM DE SER POSTO UM AVISO EM QUAL E NA SALA DE TRs DIZENDO: "ENQUANTO A TRABALHAR EM TRs E ATÉ QUE ESTES SEJAM PASSADOS, NÃO ACEITE AUDIÇÃO". NUMA AO OU SH É: "ENQUANTO A TRABALHAR EM TRs E ATÉ QUE ESTES SEJAM PASSADOS, NÃO ACEITE AUDIÇÃO NEM A FAÇA SOLO".

E uma quinta regra:

PESSOAS QUE ESTEJAM EM PROGRESSO NO OT III, NOVO OT V (NOTs AUDITADO) OU NOVO OT VII (SOLO NOTs) NÃO PODEM FAZER CURSOS DE TRs.

A razão destas regras está nas regras principais do C/S:

NÃO COMEÇAR PROGRAMAS NOVOS PARA ACABAR ANTIGOS.

NÃO COMEÇAR UMA NOVA AÇÃO ANTES DE COMPLETAR A EXISTENTE.

E a regra do auditor:

OBTER UMA F/N ANTES DE COMEÇAR A PRÓXIMA AÇÃO DE C/S. SE NÃO A CONSEGUIR NUNCA COMECE A PRÓXIMA AÇÃO DO C/S, MAS ACABE A SESSÃO E DEVOLVA A PASTA AO C/S.

A maneira mais segura do mundo de atolar um caso é:

1. Começar um novo processo sem obter F/N naquele que acabou de correr.
2. Começar uma ação principal sem completar a antiga.
3. Começar uma ação principal sem preparar o caso com ruds e F/Ns.
4. Começar um novo programa sem completar o antigo.
5. Começar vários programas sem completar nenhum.
6. Introduzir uma nova ação principal num caso que já está em progresso noutra ação principal (incompleta).

Eu já vi casos em tanto como *cinco* ações principais nenhuma delas completa. E quando vejo isto a primeira coisa em que eu pego é no primeiro programa por esgotar (incompleto) e acabo-o, depois o próximo e o próximo. O caso sai completamente suave.

Exemplo: O caso está em audição de Dianética, mas não completada. É passado para os graus. Ainda incompleto nos graus vai para um Programa de Progresso. Incompleto no Programa de Progresso, é mudado para Poder.

A única exceção aparente é uma reparação. Um caso pode ser reparado se estiver atolado DESDE QUE A AÇÃO ORIGINAL SEJA REABILITADA, SE O/R, OU COMPLETADA ATÉ EP.

Um Programa de Progresso pode atingir o EP antes do programa *escrito* estar completo.

Portanto a Completão de um Processo é definida como os FENÓMENOS FINAIS do processo. Um Programa está completo quando os FENÓMENOS FINAIS do mesmo Programa são atingidos.



Qualquer curso ou programa que contenha os TRs de 0 a 4, de 6 a 9 ou TRs de Admin, não sendo normalmente uma ação de caso, é um programa principal em si. Produz ganhos de caso e, se gerido corretamente, tem um Fenómeno Final.

Além disso, por experiência própria, quando uma pessoa está num verdadeiro Curso de TRs (não a brincar e fraco) e está a ser auditada ao mesmo tempo sem o C/S e o Auditor saberem que está em TRs, pode ficar completamente confusa e preocupada, pois o caso não correrá bem. "O que é que eu fiz?" "Que C/S estava errado?" "Olha, o TA dele está alto". "Agora está baixo". "Na última sessão ele ____". E o C/S e o Auditor entram em esforços para manejar o comportamento estranho do caso. Mas a pessoa, sem eles saberem, também estava num verdadeiro curso de TRs e o seu caso estava a mudar! Estava a realizar grandes mudanças e ganhos pessoais e a sua capacidade de confrontar e manejar comunicação estava a melhorar!

TREINO E CORREÇÃO

Nada disto significa que uma pessoa que esteja num programa de audição em progresso não possa também treinar-se. Significa é que ela não faria a sessão de TRs de um curso ou programa enquanto em progresso na audição.

E significa muito definitivamente que não faria um Curso completo de TRs ao mesmo tempo que um programa de audição.

Em caso de se descobrir que um Pc está pendurado nos Graus de Solo devido a um Curso de TRs anterior parcialmente feito, o manejo é dado no HCOB 23 Dez 71R, R Série C/S 73, A ÁREA DE NÃO INTERFERÊNCIA, CLARIFICADA E REFORÇADA.

Se for exigido **Cramming** sobre TRs a auditores do HGC ou outros que estejam eles próprios num programa de audição, segundo o HCOB 29 Dez 82, Série C/S 115, MISTURAR PERCURSOS E REPARAÇÕES, é obrigatório primeiro obter O.k. do C/S. As regras seguras para um C/S O.k. estão escritas exactamente na Série C/S 115.

PROGRAMAS INTERCALADOS

Também podemos encontrar esta estranha coisa, o comportamento estranho de caso de um místico que "banha o corpo com luz" todas as noites, ou uma mulher cujo marido a audita entre as sessões do HGC, ou ainda um auto auditor.

O princípio é o mesmo. O C/S e o auditor passeiam pela Rua do Bem-Estar e há camiões escondidos sempre a lançarem-se dos becos contra o Pc.

VIDA

A razão pela qual a audição deve ser feita em intensivos, e não 1 hora por semana ou 1 sessão por mês, está no facto de que a VIDA pode exercer uma nova ação sobre o Pc.

É uma maneira maravilhosa de desperdiçar audição deixar um Pc ter uma sessão uma vez por semana. Nem sequer é possível manter os rudimentos dentro se ele viver nalguma confusão.

Portanto nada é feito pelo *caso*, toda a audição é para manejar as interposições da vida!

PROGRAMAÇÃO CRUZADA

Um caso funciona em ciclos de ação. Isto é verdade no ciclo de comunicação de audição. É verdade no ciclo de processo. É verdade no ciclo de programa.

Coisas novas cruzadas com coisas antigas incompletas perfazem uma espécie de situação de Quebra de ARC, como um ciclo de comunicação cortado.

Poder-se-ia fazer tudo o que se encontra numa L1C com um processo ou um programa, OU UM CURSO. Isso não seria muito inteligente.

A falta de ganhos de caso pode ser criada pela falta do ciclo de comunicação dum auditor, pela falta de um ciclo de ação em processos, ou arruinando um ciclo de programa.

Se não acredita, percorra uma L1C num Pc com "Processos" e "Programas" e "Cursos" como prefixo. Ficaria assombrado.

Além disso, o tipo que não atinge o EP de um *Curso* tem tendência a nunca vir a usar esse material, ou a ser deficiente no assunto.

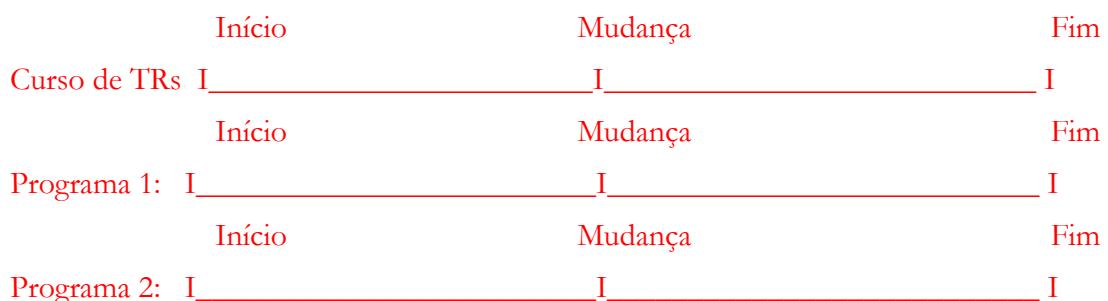
Cursos de estudo usuais, como de Admin ou de tech, dão ganhos de caso. Pode-se continuar com a audição paralelamente a eles. Mas ainda assim podemos esperar que um caso mude um pouco por causa do estudo e confunda um C/S de vez em quando.

Mas um *verdadeiro* Curso de TRs produz mudanças para cima e para baixo e para cima, à volta das quais não é possível *também* auditar. Portanto não se misturam.

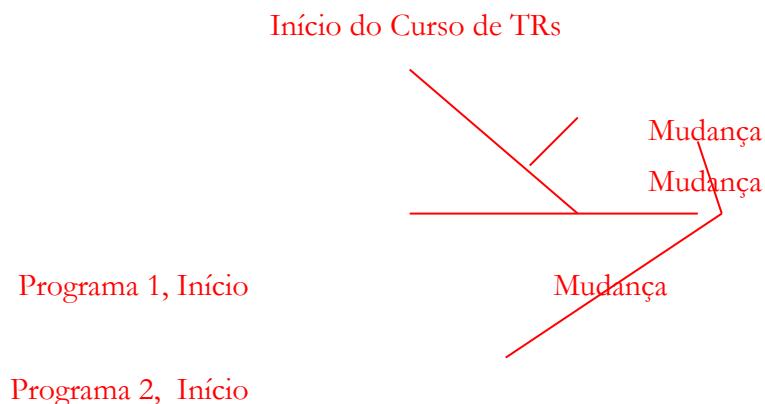
IDEIA VISUAL

Para conseguir uma ideia visual disto:

Ótimo:



Horrível:

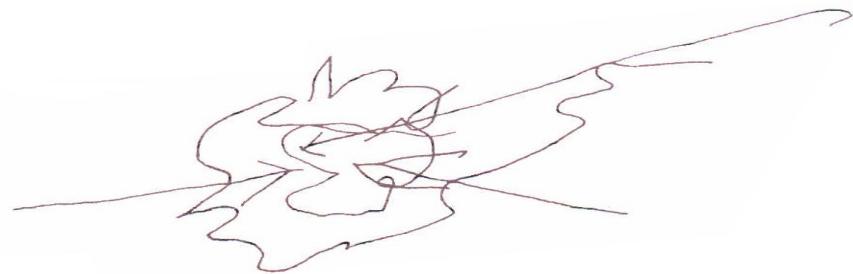


Onde é que está o fim?

Ora, aqui. É claro:



TRs PROFISSIONAIS



Está a ver?

L. RON HUBBARD

Fundador



IV. - O CICLO DE COMUNICAÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE ABRIL DE 1973

Reemitido e reinstalado 25.5.86

(Este HCOB foi incorretamente revisto por outro no dia 24 de Setembro de 1980, adicionando dados que não pertencem ao Axioma 28. Essa emissão, HCOB 5 Abr. 73R, Rev. 24.9.80, AXIOMA 28 EMENDADO, É por este CANCELADA. O HCOB original de 5 de Abril de 1973, AXIOMA 28 EMENDADO, e por este meio reemitido).

AXIOMA 28 EMENDADO

AXIOMA 28.

COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E AÇÃO DE ENVIAR UM IMPULSO OU PARCÍCULA DE UM PONTO DE ORIGEM, ATRAVÉS DE UMA DISTÂNCIA, ATÉ UM PONTO DE RECEÇÃO, COM INTENÇÃO DE TRAZER À EXISTÊNCIA NO PONTO DE RECEÇÃO UMA DUPLICAÇÃO E COMPREENSÃO DAQUELA QUE EMANOU DO PONTO DE ORIGEM.

A fórmula da Comunicação É: Causa, distância, Efeito, com intenção, atenção e duplicação COM COMPREENSÃO.

As partes componentes da Comunicação são Consideração, Intenção, Atenção, Causa, Ponto de Origem, Distância, Efeito, Ponto de Re却eção, Duplicação, Compreensão, a Velocidade do impulso ou partícula, Nada ou Algo. Uma não Comunicação consiste de Barreiras. Barreiras consistem de Espaço. Interposições (como paredes e Ecrans de partículas em movimento rápido) e Tempo. Uma comunicação, por definição, não tem de ser nos dois sentidos.

Quando uma Comunicação É retornada, a fórmula É repetida, com o ponto de receção tornando-se agora um ponto de origem e o ponto de origem anterior tornando-se agora o ponto de receção.

L. RON HUBBARD

Fundador

V. - DADOS ADICIONAIS SOBRE COMUNICAÇÃO

Ability
Emissão 54 [1957, ca. Início de Setembro]
A Revista de
DIANÉTICA e CIENTOLOGIA
de
Washington, D.C.

(Palavras destacadas a negro são técnicas)

MAIS CONFRONTO

Aquilo que uma pessoa pode **confrontar**, pode **manejar**.

O primeiro passo para manejear qualquer coisa é adquirir a capacidade de lhe fazer face.

Poderia dizer-se que a guerra continua a ser uma ameaça para o Homem porque o Homem não pode confrontar a guerra. A ideia de tornar a guerra tão terrível que ninguém é capaz de a combater é exatamente o inverso de quando queremos acabar a guerra. A invenção do arco, da pólvora, dos pesados canhões navais, das metralhadoras, do napalm e da bomba de hidrogénio aumentam cada vez mais a certeza de que a guerra irá continuar. À medida que cada novo elemento que o Homem não consegue confrontar é acrescentado aos elementos que até agora ele não foi capaz de confrontar, mais o Homem entra numa incapacidade crescente de manejear a guerra.

Estamos aqui a examinar a anatomia básica de todos os **problemas**. Os problemas começam por uma incapacidade de confrontar alguma coisa. Quer apliquemos isto às querelas domésticas ou aos insetos, às descargas de lixo ou a Picasso, uma pessoa pode sempre encontrar o início de qualquer problema existente numa ausência de disposição para confrontar.

Tomemos uma cena doméstica. O marido ou a mulher não pode confrontar o outro, não pode confrontar as consequências de uma **segunda dinâmica**, não pode confrontar as sobrecargas económicas e assim temos brigas domésticas. Quanto menos qualquer destas coisas for realmente confrontada, mais se tornará um problema.

É um truísmo que uma pessoa nunca resolve coisa alguma fugindo dela. É claro que também podemos dizer que nunca se resolve o problema das balas de canhão descobrindo o peito perante elas. Mas garanto que se ninguém se importasse que as balas de canhão fossem disparadas ou não, o controlo das pessoas pela ameaça dos canhões cessaria.

Na zona reles onde existem destroços e marginais para manter a polícia ocupada, não conseguimos encontrar um homem cujas dificuldades básicas, cuja queda, não pudessem imediatamente ser atribuídas a uma incapacidade de confrontar. Uma vez veio ter comigo um criminoso que tinha todo o lado direito paralisado. Contudo, este homem ganhava a vida abordando pessoas em becos, batendo-lhes e roubando-as. A razão porque ele batia nas pessoas não a podia relacionar com o lado e braço paralisados. Desde a infância que tinha sido educado a não confrontar os homens. O mais que ele podia fazer em termos de confrontar homens era bater-lhes, daí a sua carreira de criminoso.

Quanto mais o horror do crime for deificado pela televisão e pela imprensa pública, menos capaz será a sociedade de manejear o crime. Quanto mais formidável o delinquente juvenil é apresentado, menos a sociedade será capaz de manejear a delinquência juvenil.

Na educação, quanto mais esotérico e difícil é tornado um assunto, menos os estudantes serão capazes de manejá-lo. Quando um assunto é tornado demasiado terrível pelo instrutor, mais o estudante se

afastará dele. Houve, por exemplo, alguns estudos europeus anteriores sobre a mente, tão complicados e tão incompreensíveis, tão semeados de ausência de compreensão do Homem, que nenhum estudante os podia confrontar. Em Cientologia, quando temos um estudante educado basicamente na ideia de que a mente é uma coisa tão terrível e tão complicada que ninguém a poderia confrontar, ou talvez tão bestial e degradada que ninguém quereria fazê-lo, temos um estudante que não pode aprender Cientologia. Confundiu a Cientologia com os seus estudos anteriores, e a sua dificuldade reside em não poder ser levado a confrontar o assunto da **mente**.

O homem encontra-se hoje, em grande parte, neste estado quanto ao espírito humano. Durante séculos o Homem foi educado para acreditar em demónios, vampiros e coisas que surgem no meio da noite. Havia uma organização no sul da Europa que se aproveitava deste terror e fazia os demónios e diabos tão terríveis que por fim o Homem não podia nem sequer enfrentar o facto dos seus semelhantes terem alma. E assim entrámos numa era totalmente materialista. Com os ensinamentos passados segundo os quais ninguém pode confrontar o "invisível", religiões vindicativas procuraram avançar para uma posição de controlo preponderante. Naturalmente fracassaram no seu objetivo, e a ausência de religião tornou-se a ordem do dia, abrindo desta forma a porta ao comunismo e a outras idiotices. Embora possa parecer verdade que uma pessoa não pode confrontar o invisível, quem disse que um espírito era *sempre* invisível? Digamos antes que é impossível ao Homem ou a seja ao que for confrontar o inexistente, e assim, quando se inventam deuses inexistentes e se lhes dão papéis nos costumes da sociedade, descobrimos que o Homem se torna tão degradado que nem sequer pode confrontar o espírito dos seus semelhantes, e muito menos tornar-se moral.

O confronto é um assunto em si mesmo muitíssimo interessante. Na verdade há algumas provas de que os **quadros de imagem mental** só acontecem quando o indivíduo é incapaz de confrontar as circunstâncias da imagem. Quando isto se conjuga e o Homem fica incapaz de confrontar seja o que for, seja onde for, pode considerar-se que tem imagens de tudo em todo o lado. Isto foi provado através de um teste muito interessante feito por mim em 1947 quando descobri que, se se pudesse levar um indivíduo a "percorrer um elo" de alguma coisa que acabava de ver, percorrer outro elo de alguma coisa que acabava de ouvir e percorrer um elo adicional de alguma coisa que acabava de sentir, após algum tempo ele seria capaz de manejar imagens muito mais graves na sua mente. Descobri, embora não o tenha interpretado totalmente nesse momento, que um indivíduo, quando pode confrontar todas as imagens, já não tem imagens, sendo desta forma capaz de confrontar tudo quanto fez, não sendo mais perturbado pelas coisas que fez. A apoiar isto, ver-se-á que os indivíduos que progridem na capacidade de manejar imagens não terão finalmente imagens em absoluto. A isto chamamos um **Clear**.

Um Clear no sentido absoluto seria alguém que pudesse confrontar fosse o que fosse, tudo, no passado, no presente e no futuro.

Infelizmente para o mundo da ação, descobrir-se-á que alguém que confronta tudo não tem que manejar coisa alguma. Em apoio disto apresenta-se o **processo** de Cientologia, **Problemas de Magnitude Comparável**. Neste processo particular, pede-se ao indivíduo que está a receber **processamento** para selecionar um **terminal** com o qual está a ter dificuldades. Sabendo que um terminal é uma "massa viva" ou alguma coisa capaz de causar, receber e transmitir **comunicação**, ver-se-á que os terminais são habitualmente pessoas que se encontram no banco de alguém na categoria de problemas. Pede-se então à pessoa que invente um problema de magnitude comparável ao dessa pessoa. Pede-se-lhe para fazer isso muitas, muitas vezes. A meio do processo ver-se-á que ela está agora disposta a fazer alguma coisa sobre o problema que está a ter com essa pessoa. Mas no final do processo terá acontecido uma coisa nova e estranha. O indivíduo já não sente que *deva* fazer alguma coisa acerca do problema. Na verdade ele pode simplesmente confrontar, examinar ou rever o problema com total serenidade. Uma qualidade quase mística introduz-se nisto quando se descobre que o problema acerca do qual ele tem estado preocupado deixa com frequência de existir no universo físico nesse mesmo instante. Por outras palavras, *o manejo de um problema parece ser simplesmente o aumento da capacidade de confrontar o problema*, e quando o problema pode ser totalmente confrontado, deixa de existir. Isto é estranho e miraculoso.

É difícil acreditar que uma pessoa que tem um marido bêbado possa curar o indivíduo de beber recebendo simplesmente processamento sobre o problema de ter um marido bêbado, e contudo isto sucedeu. Não estou aqui a dizer que todos os problemas do mundo podem ser vencidos percorrendo simplesmente Problemas de Magnitude Comparável algumas pessoas, mas também não estou a dizer que todos os problemas do mundo não possam ser manejados percorrendo Problemas de Magnitude Comparável algumas pessoas, e na realidade estou neste momento a intentar uma experiência nesse sentido sobre a questão da bomba atómica. É estranho que quanto mais esta experiência é prolongada, menos estas bombas respondem aos testes de fogo.

Talvez se possa contudo dizer que, se existisse uma pessoa em todo o universo que pudesse confrontar todo o universo, os problemas do universo perderiam para todos uma enorme parte da sua intensidade.

As dificuldades do Homem são um composto das suas covardias. Para ter dificuldades na vida, basta começar a fugir da atividade de viver. Depois disso, os problemas de magnitude insolúvel estão garantidos. Quando os indivíduos se restringem de confrontar a vida, adquirem uma vasta capacidade para terem problemas com ela.

Existem muitas outras coisas imensamente interessantes sobre confronto, mas elas serão tratadas numa emissão posterior.

Uma emissão anterior da revista *Ability*, continha um resumo completo do TR 0 cujo nome é Confronto. Este exercício, feito durante muitas horas, será achado tremendamente eficaz no manejo da vida. Um casal cujo trajeto não tem sido muito suave, achará extremamente interessante em termos de resolução dos problemas domésticos, co-auditar apenas com este exercício de treino, cada um deles fazendo o outro percorrê-lo pelo menos 25 horas. Isto teria que ser feito, é claro, numa base de intercâmbio que não ultrapassasse 2 horas cada, o "treinador" mudando então para "auditor (treinando)".

Para percorrer Confronto desta forma com ganho considerável, seria necessária alguma compreensão do que é um "treinador" e, numa dessas equipas de co-audição, o que é um "auditor". O *Manual do Estudante* contém uma muito mais completa compreensão disto. A equipa senta-se em cadeiras de costas direitas, de preferência desconfortavelmente direitas. O treinador e o auditor são sentados na frente um do outro a uma curta distância. É tarefa do treinador manter o auditor alerta. Os pés do "auditor" devem estar bem assentes no chão, as mãos no colo. A cabeça deve estar direita e ele não deve usar qualquer sistema ou método, mas simplesmente *confrontar*. Um músculo contraído, um dedo nervoso, seriam igualmente reprovados pelo treinador. O treinador usa diversos termos. O primeiro deles é "Começa" e nesse momento a "sessão" começa. Cada vez que o auditor perde a graça, não mantém a sua posição, entorta as costas, fica **anaten** (inconsciente), se agita, deixa vagear o olhar ou de qualquer forma demonstra uma posição incorreta, o treinador diz "Falhou" e corrige a dificuldade. Em seguida diz de novo "Começa" e a sessão prossegue. Quando a pessoa que está no papel do "auditor" foi muito bem sucedida durante um certo tempo, o treinador pode dizer "Vitória" e depois uma vez mais "Começa". Quando o treinador deseja fazer comentários ou dar algum conselho, diz "Pronto", corrige o ponto em questão e depois diz outra vez "Começa".

No treino propriamente dito são usados apenas estes termos: "Começa", "Falhou", "Vitória", "Pronto". Mais alguma coisa que o treinador faça ou diga é ignorada pelo "auditor", a não ser que o treinador tenha dito "Pronto" e o tenha então "aconselhado" sobre um ponto e depois recomeçado. O treinador seria livre de fazer qualquer coisa que quisesse, exceto violência física, enervar o auditor ou perturbá-lo. O treinador poderia dizer qualquer coisa que desejasse entre um "começa" e outro comando como acima, e o auditor falharia se lhe desse atenção ou fizesse qualquer outra coisa que não fosse simplesmente confrontar.

Normalmente, tudo quanto o treinador faz é assegurar-se de que o auditor continua a confrontar. Contudo, deve ser compreendido que o exercício pode ser consideravelmente endurecido. O treinador pode fazer seja o que for para despistar o auditor da mera tarefa de confrontar. Se o auditor apenas esboçar um sorriso, se mostrar embaraçado, aclarar a garganta ou de qualquer forma deixar de pura e simplesmente confrontar, claro que é sempre uma falha.

Deve entender-se que as *sessões de exercícios* não são sessões de audição. Uma sessão de exercício, toda ela está nas mãos do treinador, que é apenas de uma forma vaga o "preclaro" da sessão. Numa sessão de audição toda a sessão está nas mãos do auditor.

Existe aqui uma regra básica. Qualquer coisa que o "auditor", ou "estudante", como é chamado nos exercícios, tenha tensa, é a coisa com a qual ele está a confrontar. Se os olhos do "auditor" começam a arder, ele está a confrontar com os olhos. Se o estômago fica saliente e tenso, está a confrontar com o estômago. Se os ombros ou mesmo a nuca ficam tensos, então ele está a confrontar com os ombros ou com a nuca. Um treinador que se torne perito nisto pode notar estas coisas imediatamente, e, neste caso, daria um "Pronto", corrigiria o auditor e começaria de novo a sessão.



É interessante que o exercício não consista em confrontar com alguma coisa. O exercício consiste apenas em confrontar; portanto, confrontar com, é uma falha.

Diversos tiques nervosos podem ser imediatamente atribuídos a *tentar* confrontar com alguma coisa que insiste em fugir. Uma mão nervosa, por exemplo, seria uma mão com a qual o indivíduo está a tentar confrontar alguma coisa. O movimento nervoso para a frente seria o esforço para confrontar, o movimento de recuo seria a sua recusa a confrontar. É claro, o erro básico é confrontar com a mão.

O mundo jamais é claro para aqueles que não o podem confrontar. Tudo é cinzento para um exército derrotado. O truque de alguém te dizer que "ali tudo é mau" está contido no facto de que ele está a tentar impedi-lo de confrontar alguma coisa, fazendo-o assim retirar da vida. Óculos, tiques nervosos, tensões, todas essas coisas têm origem numa falta de disposição para confrontar. Quando essa disposição é reparada, as incapacidades tendem a desaparecer.

É claro, os cônjuges cujo casamento é tumultuoso, podem passar por momentos de derrota ou de monotonia ao fazerem este exercício de confronto. Contudo, deve ter-se em mente que, nestes exercícios de treino, é o treinador que está vinculado ao Código do Instrutor e que o único mal que poderia resultar seria permitir ao "auditor" desertar da sessão sem que o treinador, mesmo à força, o pusesse de novo no exercício. Ver-se-á que estas "deserções" ocorrem com mais frequência quando a pessoa a ser treinada, ou seja, o "auditor", está a ter muito poucos ganhos e a ser desencorajado pelo treinador. É claro que deve ser-lhe dada falha pelas coisas que ele faz mal, mas ver-se-á que o caminho do sucesso está pavimentado com ganhos. Por isso, quando faz bem o exercício durante algum tempo, isso deve ser dito ao "auditor". Se entrar neste exercício a contar com explosões e perturbações, recusando-se simplesmente a desistir se isso ocorrer, em breve o terá dominado. Se o abordar na esperança de que tudo serão rosas e que todos se portarão como cavalheiros ou senhoras, o desastre estará à espreita.

Nem eu nem a direção somos responsáveis por golpes, contusões, palavras violentas ou divórcios resultantes da tentativa de maridos e esposas fazerem os exercícios de confronto um ao outro.

Você pode nunca mais ser o mesmo.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE4 JANEIRO 1973

(Reemitido em 6 Abril 74 – Únicas mudanças na assinatura)

Remimeo

Série 9 sobre Estudo

CONFRONTO

Existem várias escolhas em Inglês (e Português) para o significado de “confronto”. Estas incluem a correta: Fazer face sem vacilar ou evitar. Um exemplo de uma frase: “O teste de uma sociedade livre é a sua capacidade de confrontar em vez de evitar, as questões vitais da Escolha”

Existe outro significado: “Enfrentar ou opor-se especialmente num desafio, provocação ou acusação”

O Inglês é, de várias maneiras, uma língua muito limitada. Imagino que o pensamento fazer face a alguma coisa (que é de onde a palavra veio originalmente há muito tempo, “fronte” significando “face” era tão horripilante para os tipo que escrevem dicionários que eles sabiam que devia ser mau.

Em essência, é uma ação de ser capaz de enfrentar.

Se um não pode, se ele evita, então ele não está CONSCIENTE.

A consciência é a capacidade de perceber a existência de algo. O dicionário também não confronta isso e diz "consciência: a qualidade ou estado de estar consciente." E consciente significa: "marcado pela compreensão, percepção ou conhecimento."

Assim, estes tipos não conseguiam confrontar e então conceberam consciência como sendo ser pôr-se a pensar.

Estamos saindo do alcance da linguagem quando queremos dizer:

"Ele conseguia enfrentar as coisas e não estava sempre a meter-se em si mesmo e evitando, pelo que ele podia estar plenamente consciente do universo real e dos outros ao seu redor."

E isso é o que Confrontar significa.

Se alguém consegue confrontar ele consegue estar consciente.

Se ele está consciente, consegue percecionar e atuar.

Se não consegue confrontar, ele não vai estar consciente das coisas e estará retraído e sem percecionar.

Assim, ele não tem conhecimento das coisas ao seu redor.

Esta é a tecnologia disto.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH:ntmjh
Copyright © 1973, 1974
por L. Ron Hubbard
RESERVADOS TODO OS DIREITOS



PAB 147
BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL
A mais Antiga Publicação Contínua sobre Dianética e Cientologia

de L RON HUBBARD

via Gabinete de Comunicações Hubbard
35-37 Fitzroy Street, London, W.1.

1 de Novembro de 1958

CURSO DE COMUNICAÇÃO

Quero dar-vos as boas-vindas ao Curso de Comunicação. Parece que um Curso de Comunicação é necessário como primeiro passo para um auditor. E se um auditor não passa com sucesso o Curso de Comunicação, então, em cada deslize como auditor, haverá na base algo de errado na sua audição.

É muito curioso que um dos níveis mais elevados da doutrinação, o Tom 40 num Objeto, seja na maioria das vezes abordado com insucesso por um estudante do nível de HPA ou HCA, quando ele falhou naquele de que vou falar a seguir, e que constitui o primeiro vislumbre da comunicação de um recém-chegado ao interior da Academia. Trata-se de "Querida Alice", parte A.

Eu tê-lo-ia divertido, no outro dia, descobrindo um antigo Diretor de Treino de uma organização, recomendado pelo treinador do Conselho de Revisão do HCO para o treino de "Querida Alice" para que se tomasse suficientemente capaz de passar no Tom 40 num Objeto. Mas era absolutamente necessário que isso acontecesse, porque ele era um veterano que estava por ali havia muito tempo, e por qualquer razão nunca tinha feito o "Querida Alice" que tinha sido omitido do seu treino. Apesar de toda a audição que tinha feito e de toda a experiência no seu ativo, ao fim de todo este tempo encontramo-lo sentado na sala de treino, valendo ouro, com uma compreensão perfeita, a fazer Querida Alice, parte A, um homem que tinha provavelmente dado duas ou três mil horas de audição. Porém, cada vez que tinha dificuldades com um preclaro essas dificuldades eram ocasionadas por uma incapacidade de fazer Querida Alice, parte A, que, com efeito, consiste em entregar um comando de audição numa unidade de tempo, como ciclo de ação completo, Ele estava a entregar um comando de audição.

Bom, teremos ainda que alcançar o passo 2 e até o passo 3 antes de poder considerá-lo como um ciclo de ação completo. Mas no que diz respeito ao auditor, apenas na Querida Alice parte A, a sua tarefa está cumprida uma vez que entregou um comando de audição a um preclaro. Não o entregou para além das montanhas e para longe, ou para a janela. Entregou-o a um ser, e entregou-o desde onde se encontrava até onde estava o preclaro... e isto é muito fácil.

Qualquer pessoa a quem isto fosse descrito brevemente, de forma insuficiente, lá fora na rua, iria, falhando ao mesmo tempo, dizer-lhe: "É claro que posso comunicar com as pessoas! Com certeza! Não custa nada. Sou vendedor, sabe? Trabalho na Comissão de Energia Atómica. Sou alguém! Claro que comunico com qualquer pessoa". Olhamos em torno desse homem e ninguém ouviu coisa alguma do que ele disse desde os tempos da Arca de Noé. Para começar, ele nunca disse nada a alguém. Como que atira coisas cá para fora, sabe, esperando que aterrem. Bem, isto é o que passa por comunicação e está longe de o ser, Ele lança uma declaração de uma espécie ou de outra e pensa que está a comunicar com alguém.

É muito estranho, mas devo confessar neste ponto que a terceira dinâmica é simplesmente um acordo. É um acordo a que as pessoas aderiram, e portanto tem uma existência e certamente não poderíamos viver neste

mundo sem ele, mas constitui uma violação da fórmula de comunicação. Uma violação da fórmula. A única coisa com a qual pode falar, em última análise, é a um ser vivo, e todas as terceiras dinâmicas são compostas por dinâmicas individuais. Pode juntá-las e dizer que são uma terceira dinâmica, e isto constitui um acordo em que funcionamos, que é muito factual, e elas são muito factuais a não ser que as salientemos com a fórmula da comunicação, logo você não fala a todos os preclaros, mas a *um* preclaro.

Houve um sujeito chamado Franklin Delano Roosevelt que nunca falava à nação. Ele nunca falava à nação, mas a um cidadão individual. Por conseguinte, comunicava.

Houve outro sujeito que falava o mais belo inglês que jamais ouvi, com uma sintaxe quase incompreensível. Perfeito. Teria sido aprovado pelo exame mais crítico de um Professor de Inglês de Oxford: era Herbert Hoover. E não penso que Herbert Hoover tenha alguma vez dito olá a um cão. Não creio que em toda a sua vida ele tenha dito alguma coisa a alguém, em qualquer lugar. E quando este homem fazia declarações, elas não declaravam coisa alguma a ninguém em lado algum. Por isso ele não conseguia conduzir uma nação para fora da depressão. Não conseguiu conduzir coisa alguma, por uma excelente razão. Em última análise, não possuía o conceito de falar a um indivíduo, de levar a sua comunicação a aterrarr ali mesmo.

Bem, estou a tocar num ponto sensível. Você dirá: "E o senhor, Ron? O senhor fala para um número incrível de pessoas". Bom, este é o segredo da Cientologia: eu não falo para um número incrível de pessoas. Falo para si. Não tenho qualquer conceito de uma grande multidão a ler os meus livros ou a escutar as minhas conferências. Posso obter o conceito múltiplo de falar com muita gente ao mesmo tempo, falando a cada um individualmente. Portanto, talvez acrescente um pouco de presunção à frase, mas de facto comunico.

Desta forma, alguém que queira saber como falar a uma multidão deveria começar por Querida Alice, parte A. Está pois muito longe de ser um passo sem importância. Não é apenas o passo inicial que tem que executar para completar o seu curso de comunicação de forma a poder aprender realmente alguma coisa. Não é nada disso. É a primeira porta que se abre, e essa porta abre-se quando se abre, abre-se quando pode comunicar uma declaração, de si para uma pessoa. Não nos preocuparemos com um preclaro, porque realmente na audição simulada a pessoa que está ali sentada como preclaro é na verdade um treinador, como sabe. Mas tem que transmitir alguma coisa, de si para essa pessoa. E tem que ser de si para essa pessoa, tem que ser *uma* comunicação. E quando o pode fazer, bem, está preparado.

Uma vez disse a alguém que, se tivesse um estudante muito difícil, não você, mas se tivesse um estudante muito difícil, o que faria com esse estudante difícil seria pô-lo através de sete semanas de audição simulada, na última semana ensinar-lhe a remediar a havingness e colocá-lo à solta com um certificado, coisa que seria um investimento seguro. Estariámos perfeitamente seguros fazendo isso. Mas dar-lhe uma semana de audição simulada quando ele precisa de duas ou três, e em seguida tentar enchê-lo de dados em Cramming e esperar que os processos o formassem de qualquer maneira, não faria um auditor, faria um risco, tanto para ele mesmo, como para os preclaros.

Portanto este primeiro passo não é fácil; é o passo mais duro que executará em Cientologia, e é por isso que se encontra mesmo no princípio. Trata-se de dizer alguma coisa a alguém com total confiança de que ele a receba. E isso é uma façanha.

Muito bem. Como se faz isto exatamente? Damos um livro a uma pessoa. O livro é "Alice no País das Maravilhas". Porquê "Alice no País das Maravilhas"? Bem, simplesmente porque é esse. Não tem outro significado. Damos-lhe este livro e ele deve encontrar no livro as frases que desejar. (As pessoas que apenas querem ler o livro consecutivamente ao preclaro não estão a fazer audição simulada. Uma vez mais, não estão em comunicação com o preclaro.) Ele deve encontrar uma frase. Não diz: "Alice disse" ou "A rainha disse?" ou coisas deste tipo que estejam na frase. Faz apenas a própria declaração, está a ver? "Porque correm eles tão depressa?" Bem, no livro diz: "Porque correm eles tão depressa?" perguntou a rainha. Não usamos "perguntou

a rainha". Dizemos apenas "Porque correm eles tão depressa?"

Ele tira isso no livro. Porquê num livro? Porque não da sua cabeça? Oh, lembre-se, lembre-se de uma coisa: ao usar a língua, não está a usar as suas próprias ideias; você não inventou as palavras. Apenas ajudou a inventar as palavras que formam a língua. Já está a usar as ideias de outra pessoa. Bem, não há mal algum em compô-las em ideias novas suas, mas lembre-se de que já está a usar as ideias de outros quando fala.

Agora aprofundemos um pouco. É-nos dado um processo com um fraseado fixo. Oh, bem sei que o inventei, que o descobri de uma forma ou de outra, mas um número tremendo de auditores trabalhou com isto. Foi examinado longamente, e tomou-se expresso de uma certa forma, e essa certa forma poderia muito bem ter sido tirada por si do livro de texto e dada ao preclaro, e nunca funcionará se fizer isso. "Os peixes nadam?" não é um procedimento terapêutico, não é. A sua repetição pode ser muito boa para um auditor, mas não é um procedimento terapêutico. Porém a pergunta "Os peixes nadam?" não é realmente sua, no princípio, pois não? Recebeu-a do instrutor ou de um livro, e em seguida usou-a. Bom, quando foi que se tomou sua? Qualquer ideia é sua quando a faz sua. Não enveredaremos pelo materialismo dialético dizendo que nenhuma ideia é nova, porque isso não é verdade. Podem existir ideias novas. Mas se obtém uma ideia de outra pessoa, ainda assim não é ideia dela. É uma ideia sua. Não há nada de errado em se apoderar de ideias, não contêm massa para o confundirem.

Tira uma ideia de um livro, ela torna-se uma ideia sua, em seguida, como a ideia sua, transmite-a ao preclaro. E isto é tudo, e é treinado desta forma. Não vai do livro para o preclaro. Vai do livro para o auditor. Em seguida, o auditor, fazendo sua essa ideia, expressa-a ao preclaro de forma tal que chegue até ao preclaro. Portanto vai do auditor para o preclaro. Porém ele usa o livro como terceira via, porque a maior parte do material que ele irá manejá em comunicação provém de uma fonte exterior a ele. Você tem simplesmente que se acostumar à ideia de que não há nada de errado em usar as ideias de outra pessoa.

Eu sei sempre qual o estado de aprendizagem da Cientologia de alguém quando me falam de Cientologia como: as "suas (minhas)" ideias. Elas dizem: "tenho estado a ler as suas ideias". Fico logo a saber que esta pessoa não pode comunicar. É muito curioso. É mesmo maravilhoso, porque eles revelam imediatamente que não podem dar este primeiro passo básico de pegar numa ideia e, em seguida, comunicá-la a outra pessoa. Estão de parte a olhar o mundo num sentido lato e não fazem parte dele, porque não podem possuir nenhuma das ideias desse mundo. Se não podem possuir nenhuma das ideias do mundo, então não poderão possuir nada no mundo, porque a coisa mais fácil de possuir é uma ideia. Não há qualquer massa que o impeça.

Portanto, treinamos exatamente desta forma. Queremos que a pessoa encontre uma frase em "Alice no País das Maravilhas" e, em seguida, como sua própria ideia, a comunique ao preclaro diretamente e possa dizê-la uma vez e outra, a mesma frase se o desejar, de qualquer forma que deseje dizê-la, até que o preclaro (que é na verdade um treinador) lhe diga que acha que chegou até ele.

Por vezes o preclaro, no primeiro dia, sente-se também um pouco estranho acerca destas frases de comunicação, e por vezes baseia toda a sua crítica na erudição, na pronúncia, na forma como o auditor tem o dedo mindinho enquanto diz a frase. Isto não tem nada a ver. É a intenção que comunica, não as palavras. E quando tem a intenção de comunicar com o preclaro, e essa intenção viaja até ele, chegar-lhe-á. Se transmitir essa intenção, mesmo que esteja a falar chinês, se for um Cientologista, ela chegará.

Um dos passos de um nível de doutrinação muito mais elevado, o Tom 40 8C, consiste inteira e completamente em dizer coisas em tons de voz estranhos ao comunicar uma intenção usando tons de voz muito inusitados; bem, isto não faz parte de Querida Alice. O tom de voz não tem importância; a pronúncia não tem importância. O que conta é se a pessoa conseguiu extraír uma ideia desse livro, fazê-la sua e em seguida comunicá-la. A intenção deve comunicar. E deve ser comunicada numa unidade de tempo. Isto quer dizer que não é repetida a partir da última vez que foi repetida. É nova, fresca, comunicada em tempo presente. O quinquagésimo quinto comando de "Os peixes nadam?" é o quinquagésimo quinto, e não uma repetição do primeiro. Desta forma temos uma unidade de tempo, um comando e a intenção. E quando conseguimos transmitir estas



coisas, encontramos em seguida outra frase e comunicamo-la. É desta forma que isto se faz, e espero que des-
cubra que ajuda a comunicação.

L. Ron Hubbard
Fundador

Trad. ML:JP:RK:



PAB 149
BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL
A mais Antiga Publicação Contínua sobre Dianética e Cientologia

de L RON HUBBARD

via Gabinete de Comunicações Hubbard
35/37 Fitzroy Street, London W.1.

1 de Dezembro de 1958

AUDIÇÃO SIMULADA
Passo Dois: Acusar a Recepção

Compilado a partir de materiais de pesquisa e conferências gravadas de L. Ron Hubbard.

Audição Simulada, Passo Dois, Acusar a Recepção é a segunda parte do ciclo de comunicação. O facto real é que, quando você transmite um pensamento a um preclaro, é costume fazer prova. Toda a ênfase em acusar a receção reside única e completamente em garantir que o preclaro recebe esse acusar de receção do auditor. Esta é toda a ênfase.

Agora, porquê toda esta ênfase em acusar a receção? Bem, acusar a receção é um fator de controlo. Vou contar-lhe um segredo aqui mesmo no princípio. Se acusar bem a receção a um preclaro terá o preclaro sob um muito melhor controlo. Porquê? A fórmula de controlo é Começar, Mudar e Parar. É isso mesmo: acusar a receção é uma Paragem. Se lhe dissesse: "Continua" ou "Continua a falar" não lhe estaria a acusar a receção. Acusar a receção perfeitamente comunica apenas isto: *ouvi a tua comunicação*. É só: "*ouvi o que disseste*". Isto assinala que a comunicação do preclaro (ou da pessoa, visto que a Cientologia se aplica à vida e não apenas a uma sala de audição) foi recebida por si. Mas quando o utiliza como auditor utiliza-o igualmente como fator de controlo. E quer dizer isto: *a tua comunicação foi recebida, está tudo dito, é o fim do ciclo de ação, obrigado*. É isto que diz, e você tem que pôr toda a intenção nesse "Sim" ou "Okay" ou no que usar. Não é a palavra que o pára, mas a intenção. *A tua comunicação foi recebida e agora decidi parar este ciclo de comunicação, portanto a tua comunicação está sob o meu controlo*. As coisas que você pára muito cruelmente, são coisas que controla. Você tem que poder parar coisas se as quiser controlar. Se não pode controlar a linha de comunicação de um preclaro, não pode controlar o preclaro.

Vou dar-lhe um exemplo disto. Digamos que estamos a auditar a Senhora Rocha-dura, esposa do Diretor Geral da companhia de Inseticidas Pica pulga ou coisa que o valha, e ela está aborrecida, (o seu único problema), e é maluca, (só mais uma coisa má); nunca teve nada que fazer, vive simplesmente recostada por aí, e tem queixas. Entra na sala de audição e começa a falar consigo. Diz ela: "Fui a este especialista e àquele especialista, e custou-me tanto e tanto, e estive aqui e estive ali, e o meu mal realmente é tal e tal, e o que você deveria ter em conta é isto, e patati e patatá...". Nada disso lhe diz respeito a si. Quanto mais deixar falar essa pessoa, menos havingness ela terá. Pode vê-la descer pela escala de Tom de ARC abaixo se a deixar falar mais. Comunicação obsessiva, efluxo obsessivo. E a primeira vez que realmente compreenderá de que se trata esta coisa de acusar a receção, a primeira vez em que fará uso disso, será quando alguém começar a falar desta forma, a falar, a falar, e você, querendo começar a sessão, agarra numa intenção mesmo forte e diz-lhe: "ótimo!" E ele pára de falar. A sua intenção foi tal que ele soube que você tinha recebido a sua comunicação. E se for capaz de fazer isto muito bem, se puder acusar a receção exatamente como deve ser, e se ele fizer exatamente o que é suposto fazer, com frequência olhará para si fixamente e dirá: "sabe, não creio que alguém me tenha escutado até hoje".

Porque fala esta pessoa obsessivamente? Ela está a tentar compensar em quantidade o que lhe falta em

audiência. Ninguém escuta estas pessoas. Elas não falam para ninguém. E, de repente, surge você a acusar-lhe a receção dizendo: "êh! Eu ouvi-o. Ouvi isso. Comunicou comigo e agora basta". E eles dizem: "Uau! Creio que não tenha falado com alguém até hoje". É deveras surpreendente. Eu vi um auditor com um caso de efluxo obsessivo colocar-se na frente do preclaro, fixá-lo nos olhos, agitar o indicador mesmo em frente do nariz desse preclaro e dizer: "Ótimo! Ouvi isso". E o preclaro de repente disse: "Oh! Ena! Você está aí, não está?" Portanto, acusar bem a receção pode realmente alcançar todo o objetivo do processo e permitir ao Pc encontrar o auditor, tal a importância disto.

Ora, é de uma especial utilidade parar um efluxo compulsivo. A sua utilidade geral é pôr um ponto final num ciclo de comunicação. Este termina no instante em que deu o comando que espero tenha aprendido a dar em Querida Alice, parte A. Você disse uma coisa, o preclaro ouviu, e comprehende então que o preclaro tenha ouvido e diz-lhe: "Ótimo". Agora a forma exata como á feito Querida Alice parte B (o passo dois da audição simulada) á esta: O treinador, ou a pessoa que faz de preclaro, pega no livro Querida Alice e lê frases ao acaso. E ao ler as frases de qualquer forma, não nos interessa como (não estamos a disciplinar o preclaro, já se sabe; nunca fazemos isso, apenas os controlamos ate às portas da morte) neste caso particular esta pessoa diz alguma coisa tirada de *Alice no País das Maravilhas* e o auditor tem que dizer: "Está Bem", "Ótimo", "OKay", "Ouvi", seja o que for, de forma a convencer mesmo a pessoa que está ali sentada a fazer de preclaro, que ouviu.

Ora, existe uma forma específica de fazer isto. É *tencionar* que o ciclo de comunicação termine nesse ponto e terminá-lo aí mesmo. Qualquer coisa para que isso aconteça, naturalmente legítima, para que não destrua por completo o ARC. Mas isso termina um ciclo de comunicação. Portanto, o que é que o auditor pode fazer neste caso? Já se vê, está ali sentado um auditor, sem livro; está ali o preclaro sentado com um livro, e o preclaro está a ler: "E o chapeleiro Louco mergulhou o relógio na chaleira" e o auditor diz: "Ótimo". Mas isso termina a coisa, já se vê. Agora, devido ao facto de o preclaro estar a ler uma história com continuação, e prosseguindo frase após frase, o auditor terá tendência a tratar isto "de passagem" e isso não é acusar a receção. O auditor *poderia* dizer: "Bem, lê um pouco mais". Isto não é acusar a receção; não o deteve, pois não? "Continue, vá em frente"... não, isto não é acusar a receção em absoluto. Acusar a receção É: "parou", "travões a fundo", "ponto final", "fim" "ouvi", "comunicaste", "é o fim deste momento", "fim de ciclo", "basta", "acabou". Percebe isto?

Portanto o auditor tem que dizer: "está bem", "ótimo", "okay", de forma a receber a comunicação aos olhos do preclaro. O preclaro tem que saber que o auditor recebeu a comunicação, e este é o único ponto em que são treinados... a princípio.

Em seguida podemos começar a apertar com eles e dizer: "acusaste a receção à comunicação do pc? Fizeste isso?", poderíamos perguntar, como instrutores. E o auditor diria: "Bem, hum-hum...". "acusaste a receção perfeitamente?" "Bem, com certeza". E a resposta a isso seria "Não". O preclaro ainda está a ler, ainda tem o livro na mão, ainda está sentado na cadeira, e ainda não está neste universo.

O que é que se pretende com isto? O que é que estamos realmente a tentar fazer? Bom, não estamos a tentar alcançar o máximo do acusar de receção porque isso seria o fim do universo. Se alguém pudesse dizer: "sim", "está bem" ou "okay" com suficiente intenção por trás, todas as comunicações deste universo, desde o momento do seu começo, receberiam então um acusar de receção total. (Exceto que isto violaria a fórmula da comunicação, porque nem todas lhe tinham sido dirigidas a ele, se bem que muitas pessoas pensem que sim). Mas o que o é que o auditor sente que lhe compete fazer? Bem, ele sente que lhe compete pôr termo a esse ciclo de comunicação. Ele começou realmente com a frase do auditor para o preclaro, em seguida o preclaro deu a entender por qualquer espécie de estremecimento ou resmungo ou coisa parecida que ouviu, e então o auditor diz: "Bem, isso encerra o assunto. Bom. Ótimo. Terminado". Está a ver?

Mas acusar a receção termina o ciclo de comunicação acerca do qual leu em *Dianética 55!*, que era o ciclo do Pedro e do João. "está bem" diz o auditor. Isto é fantástico. Se se tomar suficientemente hábil nisto, um polícia de trânsito vem ter consigo, diz-lhe alguma coisa, você acusa-lhe a receção ao facto de ele ter falado e ele simplesmente volta a montar na sua motocicleta ou regressa ao posto, entrega a insígnia e reforma-se. Veja, isso seria o fim da história. Seria o fim. Na verdade, acusar a receção faz cambalear as pessoas... fá-las cambalear,



realmente. Particularmente as pessoas que estão a passar um mau bocado. É uma boa coisa e muito terapêutico para uma pessoa, saber que lhe acusaram a receção. Sei que vai andar por aí nas lojas locais, talvez deter um peão na rua e de repente olhar para ele e dizer "está bem" acusando-lhe assim a receção. E se o fizer acontecer-lhe-ão coisas fantásticas. Acusar a receção é uma arma de fogo de dezasseis polegadas muito, muito poderosa na fórmula de comunicação; e não deveria usá-lo com parcimónia, mas servir-se dele para completar ciclos de comunicação. Espero que aprenda a fazer isso muito, muito bem.

L RON HUBBARD Fundador

Trad: ML:JP:RK:ml



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 12 DE JANEIRO DE 1959

TOM DE VOZ - ACUSAR A RECEÇÃO

O estado de espírito pode ser expresso por um reconhecimento. Uma avaliação pode também ser expressa por um reconhecimento, dependendo do tom de voz com o qual é proferida.

Não faz qualquer mal expressar um estado de espírito através de um reconhecimento, exceto quando esse reconhecimento exprime crítica, ridicularização ou humor.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 12 de Novembro 1959

ACUSAR A RECEÇÃO EM AUDIÇÃO

É vital evitar o Acusar de Receção Duplo, caso espere manter o Pc em sessão.

O Acusar de receção duplo ocorre quando o Pc responde, o auditor acusa então a Receção, e o Pc termina aí a sua resposta *deixando o Auditor com outro Acusar de Receção para dar* (ficando também o Auditor sem sessão).

Errado:

- | | |
|----------|---|
| Comando: | “O que é que tu poderias dizer ao teu pai?” |
| Pc: | “Poderia dizer-lhe Olá!” |
| Auditor: | “Ótimo” |
| Pc: | “...Pai, como está?” Poderia dizer isso.” |
| Auditor: | (fraco) “Está bem. O que é que tu poderias dizer ao teu pai?” |
| Pc: | “Poderia dizer-lhe: “Estás-te a sentir bem?” |
| Auditor: | (Já desesperado) “Muito bem!” |
| Pc: | “...bastante para ir à pesca?” |
| Auditor | “Bem, Ok, Tudo bem. Agora...” |

O Pc não está certo de ter respondido à pergunta, logo, muda frequentemente de ideias. Se o auditor lhe dá Tom 40, ou qualquer Acusar de Receção, no meio de uma resposta, o Auditor está errado.

Você simplesmente não “encoraja” o Pc com uma porção de OKs, e Sins no meio da resposta. Afinal é o Pc que tem que ficar satisfeito.

Há muitas maneiras de Acusar mal a Receção a um Pc. Mas qualquer mau Acusar de Receção é só e sempre a falta de terminar o ciclo de um comando. O Auditor pergunta, o Pc responde e sabe que respondeu, o Auditor Acusa-lhe a Receção. Este é um ciclo de comunicação completo em Cientologia. Esquecer isto e esperar que um processo funcione é um fracasso, pois não irá funcionar. O ponto mais difícil com a maioria dos auditores é o TR2, e não em como, mas em quando, Acusar a Receção.

Um Auditor que encontra esta situação com um Pc deverá manejar da seguinte forma:

- | | |
|----------|--|
| Auditor: | “O que é que poderias dizer ao teu pai?” |
| Pc: | “Poderia dizer-lhe “estás-te a sentir bem?” |
| Auditor: | “Respondeste à pergunta?” |
| Pc: | “Bem, não, estás a sentir-te bastante bem para poderes ir à pesca?” |
| Auditor: | “Isso respondeu à pergunta?” |
| Pc: | “Sim , acho que sim: Ele sempre gostou de pesca e simpatia.” |
| Auditor: | (certo de que o Pc acabou) “Está bem! O que é que tu poderias dizer ao teu pai?” |



E aí está o modo de o fazer. Se o Pc não está certo de ter respondido e o Auditor aceita a resposta, *o Pc não beneficiará da audição*. E é essa a importância.

O estado de espírito pode ser expresso por Acusar a Receção.

A avaliação também pode ser feita por meio de Acusar a Receção, dependendo do tom de voz com que é pronunciado.

Não há nada de mal exprimir o estado de espírito através de Acusar a Receção, exceto quando Acusar a Receção exprime crítica, ridículo ou humor.

Pode sempre localizar-se um mau Auditor. Ele faz duas coisas: fala demais com o Pc e impede-o de responder adequadamente.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 7 DE Abril DE 1965

RECONHECIMENTOS PREMATUROS

Eis uma nova descoberta. Imaginem, mais uma a respeito da fórmula da comunicação, depois de todos estes anos!

As pessoas às vezes continuam a explicar-lhe as coisas depois de há muito você já ter compreendido?

As pessoas irritam-se quando estão a tentar contar-lhe alguma coisa?

Isto acontece quando há um Reconhecimento Prematuro.

Tal como o mau cheiro do corpo e o mau hálito, isto também não leva a qualquer felicidade social. Mas não use sabonete Lifeboy ou Desodorizante oral, mas uma fórmula de comunicação correta.

Quando você "alicia" uma pessoa a falar com um aceno de cabeça ou um "sim" em voz baixa depois dela ter começado, está a dar-lhe um reconhecimento, fazendo com que ela se esqueça e depois fale LARGAMENTE. Ela sente-se mal, não cognita e pode ter uma quebra de ARC.

Experimente. Diga a uma pessoa para lhe contar qualquer coisa e depois encoraje-a antes de lhe ter dito tudo.

EIS porque os pcs falam inutilmente sem parar: o auditor reconheceu (acusou a receção) prematuramente. EIS porque os pcs se irritam "sem qualquer razão". O auditor acusou a receção prematuramente e sem notar. EIS porque nos sentimos estúpidos ao falar com certas pessoas.

A maneira mais rápida de se tornar um pária social é acusar a receção prematuramente. Isto pode fazer-se de diversas maneiras.

O modo mais rápido de iniciar uma conversa sem fim, é acusar a receção prematuramente, pois a pessoa acredita que não foi compreendida e começa a explicar cada vez mais.

Portanto isto foi o criador oculto de quebras de ARC, o destruidor de cognições, o estupidificador, o que prolongava itsa nas sessões.

E é a razão por que algumas pessoas acreditam que os outros são estúpidos ou não comprehendem.

Hábitos de ruídos concordantes e acenos de cabeça, podem confundir-se com reconhecimentos, terminando o ciclo do orador, fazendo-o esquecer-se, sentir-se estúpido, acreditar que o ouvinte é estúpido, irritar-se, cansar-se de explicar e quebrar o ARC. O M/WH surge inadvertido. Ele não teve oportunidade de dizer o que ia a dizer porque foi parado por um reconhecimento prematuro. Resultado: M/WHs da parte de quem está a falar, com todas as consequências.

Isto pode dar-lhe medo de "concordar com ruídos ou gestos", um pouco, mas depois compreenderá.

Que pedaço de tech para permanecer incompletamente explicado. O que é correto assusta sim. E na Fórmula de Comunicação também!

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 5 DE FEVEREIRO DE 1966
Emissão II

Audição Básica Série 8

DEIXAR O PC FAZER ITSA
O AUDITOR DEVIDAMENTE TREINADO

A coisa mais dolorosa que jamais espero ver é um auditor "a deixar o Pc fazer itsa".

Tenho visto auditores a deixarem um Pc falar, falar, falar, falar e esvair-se, falar e esvair-se e falar novamente até perguntar onde, se algures, aquele auditor foi treinado.

Em primeiro lugar, tal auditor não poderia saber o que significa a palavra ITSA.

Itsa significa "é um"

Agora, está para além da minha compreensão, um auditor acreditar que deixar o Pc falar faz com que ele localize o que É.

Este Pc tem estado a falar toda a sua vida. Ele não está bem. Os analistas faziam as pessoas falar durante cinco anos e elas raramente se curaram.

Desse modo, como se pode hoje em dia supor que um Pc, que se deixa falar bastante, ficará bem?

Não ficará.

O auditor não conhece as bases mais básicas da técnica de audição. É tudo. São os TRs.

Um auditor que não consegue fazer TRs não consegue auditar. E ponto final.

Em vez disso, ele diz que está "a deixar o Pc fazer itsa".

Se com isso ele quer dizer que está a deixar o Pc andar de um para o outro lado da estrada e a cair nas bermas, então isto não é audição.

Em audição, um auditor guia o Pc. Dá ao Pc algo para responder. Quando o Pc responde, ele está a dizer "**É UM.....**" e isso é itsa.

Se o Pc responde e o auditor acusa a receção cedo de mais, o Pc tende a entrar em ansiedade. Ele foi interrompido. Deste modo, fala mais do que queria.

Se o Pc responde e o auditor não lhe acusa a receção, então o Pc continua a falar, a falar, à espera que lhe acuse a receção que não vem, "esgota-se", tenta de novo, etc.

Assim sendo, um acusar de receção prematuro, tardio ou inexistente resulta na mesma coisa: o Pc continua, continua, continua.



E eles chamam a isto "deixar o Pc fazer itsa". Bolas! Se um Pc fala demais numa sessão, ou está a ser interrompido pelo auditor ou então não tem auditor nenhum. Não é itsa. São TRs torpes. (A única exceção é o Pc que teve anos de análise, mas até ele começa a melhorar se lhe forem aplicados TRs corretos.)

O remédio certo é exercitar o auditor até ele compreender que:

- 1- O auditor faz as perguntas.
- 2- O Pc diz o que é na resposta "**É um**"
- 3- O auditor acusa a receção quando o Pc o disse a seu contento.
- 4- O auditor acusa a receção quando o Pc terminou de dizer "**É um.....**"

E isto é itsa.

A audição de Cientologia é uma técnica exata, e não blá-blá-blá.

- 1- O auditor quer saber.....
 - 2- O Pc diz o que é.....
- 1-2, 1-2, 1-2, 1-2, etc.

CONHECIMENTO DA TECNOLOGIA

Mas um auditor que não saiba a tecnologia da mente e os respetivos processos, por certo nunca saberá o que perguntar. Assim, ele fica para ali como uma trouxa de roupa à espera de que o Pc diga qualquer coisa que o faça sentir melhor.

Permitir que o Pc continue, continue, continue a fazer itsa é a prova evidente que o auditor não distingue um engrama de uma vaca.

Em Cientologia sabemos *mesmo* o que é a mente, o que é um ser, o que está errado com a mente e como o corrigir.

Não somos psicanalistas nem psiquiatras ou feiticeiros de luxo. Nós *sabemos* mesmo.

Podem obter-se e aprender-se dados sobre os seres e a vida em Cientologia.

Não é a “nossa ideia” de como são as coisas ou a “nossa opinião sobre...”

A Cientologia é um assunto exato. Tem axiomas, como a geometria. Dois triângulos equiláteros não são semelhantes porque Euclides o disse. São semelhantes porque são. Quem não acreditar, que olhe para eles.

Não há um único dado na Cientologia que não possa ser provado com tanta precisão como chávenas de chá serem chávenas de chá e não panelas.

Mas quando se trata de uma pessoa recém-saída do estudo da “metafísica mística de Cuffbah”, ela vai ter dificuldades. Os seus Pcs vão fazer “itsa” até rebentarem e nunca vão ficar bem nem melhor. Porque essa pessoa não sabe Cientologia e pensa que se trata apenas de uma opinião imprecisa.

A *novidade* da Cientologia é que colocou o estudo da mente dentro das ciências exatas. Se não se souber isso os Pcs irão fazer itsa durante horas por se desconhecer com que se está a lidar e que coisa é um “Pc”.

Para mim, um auditor é auditor quando os seus Pcs NÃO falam de mais nem de menos, mas respondem às perguntas de audição e, de vez em quando, alegremente, fazem originações.



Assim, como se reconhece um auditor, como se determina se finalmente ele está treinado, é constatando se os SEUS PCS DÃO RESPOSTAS OU SE FALAM, FALAM, FALAM.

Se eu tivesse um auditor num HGC cujos Pcs tagarelassem, tagarelassem até secarem, enquanto o auditor apenas ficava para ali como um piloto chinês congelado ao volante, eu faria com esse auditor o seguinte:

1. Remédio A, Livro de Remédios de Caso;
2. Remédio B, Livro de Remédios de Caso;
3. Encontrar todas as discordâncias com a Cientologia, a tecnologia, Orgs, e personalidades da Cientologia, segui-las até ao básico e fazê-las desaparecer;
4. Mandar estudar minuciosamente os Axiomas de Cientologia até o “auditor” conseguir FAZÊ-LOS EM PLASTICINA.
5. Memorização das Lógicas, Qs (Pré-Lógicas) e Axiomas de Dianética e Cientologia;
6. TRs de 0 a 4 até lhe saírem pelas orelhas;
7. TRs de 5 a 9;
8. Op Pro by Dup até ESGOTADO;
9. Um estudo duro e longo do E-Metro;
10. O triângulo de ARC e outras escalas;
11. Os Processos de Nível 0;
12. Alguns resultados.

E então eu teria um *auditor*. Teria alguém que conseguia consistentemente obter Libertos de Grau Zero.

É a falta do que vem acima que faz um “auditor” dizer: “eu deixo o Pc fazer itsa”, quando o Pc fala, fala, fala.

A Cientologia é o passo em frente que fez a Filosofia passar de um assunto indefinido para um instrumento de precisão.

E quando é aplicada, os Pcs sentem-se bem e ficam Libertos.

L. Ron Hubbard

Fundador



PAB 150
BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL
A mais Antiga Publicação de Dianética e Cientologia

De L. RON HUBBARD

Via o Gabinete de Comunicações Hubbard
35/37 Fitzroy Street, London, W.1.

15 de Dezembro de 1958

AUDIÇÃO SIMULADA
Passo Três: Duplicação

Compilado a partir de materiais de pesquisa e conferências gravadas de L. Ron Hubbard.

Este interessantíssimo passo da audição simulada tem um objetivo mau e feio. Faz uma pessoa duplicar. "Há muito tempo, em 1950, descobrimos que os auditores, para se tornarem interessantes, variavam o modelo. E cada vez que o modelo era alterado, cada vez que o comando de audição mudava, o preclaro tinha um pequeno estremeção. Havia uma perturbação devido a isto. Há muito tempo teríamos considerado bastante legítimo da parte do auditor, usar o comando "Os peixes nadam?" dizendo: "A propósito, aquelas criaturas com barbatanas agitam-se na água?", e da próxima vez: "Que espécies de peixes existem que avançam do ponto A para o ponto B no elemento líquido?" Isso possivelmente teria sido legítimo então, mas hoje não fazemos isso. Fazemos uma coisa horrível. Fazemos o auditor dizer: "Os peixes nadam?" E depois, para variar, dirá: "Os peixes nadam?" E, para que haja uma boa e larga variação, dirá em seguida: "Os peixes nadam?"

É aqui que aprendemos porque insistimos tanto num comando num momento do tempo, em Querida Alice, parte A, porque não se trata de repetir o primeiro "Os peixes nadam?" umas mil vezes mais. Nenhum comando de audição deverá depender, para ter significado, de qualquer outro comando de audição alguma vez dado. Cada um deles existe, teórica e puramente, no seu próprio momento, e é pronunciado em tempo presente, por si mesmo e com a sua própria intenção.

Isto é muito importante. Sabia que o processo básico dos CCHs não funciona a não ser que cada comando seja dado numa unidade de tempo separada? Se o percorrer desta forma: "Dá-me a tua mão-obrigado; dá-me a tua mão-obrigado; dá-me a tua mão-obrigado" não será muito terapêutico e nada acontecerá ao preclaro. Porquê? Bem, temos uma máquina que está simplesmente a repetir o primeiro "Dá-me a tua mão" uma vez e outra. Não estamos a dizê-lo, não há intenção aí. Sabe que, se dissesse a alguém para lhe dar a mão com intenção suficiente, o corpo responderia sem qualquer via através do theta? O corpo não obedece às palavras, o corpo obedece à intenção de que estenda a mão. Portanto, quando lhe é pedido para exprimir o mesmo comando de audição pelas mesmas palavras uma vez e outra, deve exprimi-lo cada vez em tempo presente, ele próprio, com a sua própria intenção. Não é apenas uma longa duplicação do mesmo. Duplicar apenas alguma coisa uma vez e outra é por vezes tão duro que as pessoas perguntam a si próprias como os auditores o conseguem. Ninguém poderia sentar-se numa cadeira e dizer cada vez com uma nova intenção: "Os peixes nadam?" durante setenta e cinco horas. Está para além das possibilidades humanas, de acordo com alguns. Mas o truque está em que, se for sempre proferida em tempo presente, poderia ser repetida durante mil e setenta e cinco horas. É só quando é repetida... só quando o primeiro comando é repetido uma vez e outra e não chega uma intenção nova, é que se torna muito árduo. Apenas quando se transforma num mecanismo é que se torna quase impossível de fazer.

A comunicação é alcançada por controlo mais duplicação. Ao princípio acha que para fazer cada enunciado do comando diferente, na sua própria unidade de tempo, tem que usar diferentes inflexões de voz. Porém à medida que adquire prática descobre que pode usar o mesmo tom e tê-lo, cada vez, inteiramente novo. Seria muito, muito incorreto ensinar isto, fazer o auditor duplicar, cada vez, as suas próprias inflexões de voz, como tinham sido da última vez, porque isso seria fazer o comando de audição depender do comando anterior. Não nos interessa nada; e depois de algum tempo, também não te interessa nada o tom de voz em que o profere, mas cada intenção é nova e fresca. A intenção é perguntar e obter uma resposta a esta pergunta: "Os peixes nadam?" E, de cada vez que a pronuncia, é dita de novo na sua própria área de tempo. Esta é realmente a única ênfase que há. Um comando por unidade de tempo. Cada comando separado, e cada comando contendo as palavras, muito por acaso: "Os peixes nadam?"

Aqui aprendemos uma porção de factos acerca dos fatores duplicativos da comunicação. Descobrimos que, ao ter que duplicar, pensamos ao princípio que realmente perdemos algo da comunicação. É totalmente idiota. Como se poderia manter ARC e portanto, é claro, interesse, perguntando uma vez e outra a uma pessoa esta coisa estúpida: "Os peixes nadam?" Quem poderia fazer isto? Bem, o interesse na comunicação tem tudo a ver com a intenção de ser interessante, e muito pouco a ver com o texto. Além disso, não é a tarefa do auditor tornar-se interessante. Ser interessante faz parte da fórmula da comunicação, mas para um auditor é a parte o mais pequena possível, em relação ao preclaro. Ele não está ali para interessar ou intrigar o preclaro. As pessoas pensam logo que sim. Ponha duas pessoas sentadas em cadeiras em frente uma da outra e cada uma destas duas pessoas sentirá um impulso para se tornar interessante para a outra. Isso não é audição, isso é ser interessante, é ser sociável e tudo o mais. Portanto, se uma pessoa tem a dificuldade de executar o Passo Três, Os Peixes Nadam? o instrutor estaria perfeitamente em regra se dissesse à pessoa para se sentar naquela cadeira e pedisse a outro estudante que não estivesse a ir muito bem, ou apenas a outro estudante, para se sentar noutra cadeira, e os deixasse ali sentados a olhar um para o outro sem dizerem uma palavra nem ficarem embaraçados, ou outra coisa qualquer. Exercício interessante, se pensar nisso. Temos variação, e portanto interesse, no primeiro e no segundo passos da audição simulada, mas agora chegamos a este e é inteiramente desprovido de interesse. Estamos a dizer a mesma coisa uma vez após outra, e outra. E se uma pessoa não pode fazer isto, provavelmente tem uma compulsão para variar, para fazer alter-is, para se tornar interessante. E não achará fácil estar sentada numa cadeira e fazer face a outro ser humano sem dizer uma palavra nem fazer coisa alguma senão estar ali sentada a olhar para outro ser humano. Se eu estivesse a treinar alguém que tivesse essa dificuldade na repetição dos passos, faria isto durante uma hora ou duas nesse dia.

Muito bem. É absolutamente necessário que um auditor seja capaz de duplicar. Mas responda-me a isto: uma pessoa que está a dizer alguma coisa em tempo presente está realmente a duplicar o último momento de tempo? Na verdade não está, pois não? Portanto esta duplicação que fazemos em Cientologia significa apenas a capacidade de aparentemente duplicar enquanto em tempo presente.

O maior lema da experiência e da vida que vivemos é: *não voltarei a fazer isso*. Esta é a única coisa que a sua mamã lhe queria fazer prometer. Se não fizesse mais nada, se levasse uma vida completamente de pecado, mesmo assim a mamã queria que aprendesse pela experiência; isto é, quando fizesse alguma coisa má, ou se fizesse *alguma coisa*, não o voltasse a fazer. Ela esperava talvez que comesse tantos bombons e ficasse tão enjoado que não voltasse a "devorar" bombons; que comesse gelados suficientes para ficar tão verde que não voltasse a comer gelados como um porco; que ficasse tão embaraçado e perdesse tantos amigos que não voltasse a fazer essa má ação, fosse o que fosse que tivesse feito, e assim aprendesse por experiência a não voltar a fazê-lo. É a experiência a falar. Uma coisa deve compreender: o que a experiência ensina é nunca fazer uma coisa pela segunda vez. Isto não quer dizer necessariamente que toda a experiência seja penosa, mas as pessoas que estão a passar um mau bocado tendem a pensar que é assim; e quando começam a depender da experiência e a obedecer a esta lição de não voltar a fazer, já não podem duplicar. E quem havia de dizer... não podem comunicar. Além disso o seu banco bloqueia. Acontece toda a espécie de coisas interessantes. Todos os momentos se transformam num momento. Um momento toma-se todos os momentos. A identificação ocorre por todo o lado. E só a ação de repetir alguma coisa como "Os peixes nadam?" como auditor, com intenção plena, que tem tendência a desbloquear a pista do tempo.

Você deveria saber que é isto que este passo combate. E a violação de toda a experiência duramente adquirida nos últimos setenta e seis triliões de anos, se acredita no E-Metro, tem setenta e seis triliões de anos. E toda essa experiência duramente adquirida, toda essa maravilhosa confusão em que se meteu, resume-se



totalmente em *Não voltar a fazê-lo*. E assim fomos ensinados a não viver, que é o que acontece quando se adquire experiência. E quando você pode duplicar um comando de audição, uma vez após outra, descobrirá que a audição não se torna uma experiência dolorosa. A propósito, uma pessoa que pode fazer isto bem, nunca é restimulada. Porque havia de sê-lo? Não está no momento em que a restimulação teve lugar.

Existe, a propósito, um passo mais básico antes deste. Consiste de bater cinco vezes na parede e em seguida distinguir uma das pancadas. Um instrutor pode fazer isso com um estudante, com algum benefício. Em breve o estudante pode distinguir umas das outras as cinco pancadas, e quando as pode distinguir, embora tenham todas soado iguais, pode também duplicar um comando de audição totalmente em tempo presente. Eu quebrei casos com isto.

L. RON HUBBARD Fundador

Trad: ML;JP;RK:m



PAB 151
BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL
A mais Antiga Publicação Contínua de Dianética e Cientologia

De L. RON HUBBARD

Via Gabinete de Comunicações Hubbard
35/37 Fitzroy Street, London, W. 1.

1 de Janeiro de 1959

AUDIÇÃO SIMULADA
Passo Quatro - Manejo de Originações

Compilado a partir de material de pesquisa e de conferências gravadas de L. Ron Hubbard

A quarta coisa que um auditor tem que fazer (por esta ordem) é manejar uma originação do preclaro. É realmente verdade que quando está a manejar processos de Tom 40, não maneja as originações do preclaro. Mas se olhar para a carta de HCA/HPA descobrirá que estes processos Tom 40 **são** uma minoria entre os processos, e que *em todos os processos que não são de Tom 40 as originações do preclaro são manejadas*. Lembre-se disto. Não se deixe dissuadir. Se está a manejar Tom 40, o qual é apenas postulado puro e positivo, é claro que não está preocupado com a opinião de ninguém, originações, estado ou qualquer outra coisa. Você quer simplesmente que ele faça certas coisas, e ele descobre que a sua beingness pode ser controlada e que, portanto, ele pode controlá-la.

O que é que queremos dizer com originações do preclaro? Ele diz espontaneamente algo, e, você sabe que isto é um sinal de caso muito bom, o facto de a pessoa dizer alguma coisa sua? Um auditor veterano usava isto como índice de caso. Ele dizia: "Este sujeito não está a melhorar. Ainda não originou coisa alguma". Está-se mesmo a ver, ele não tinha originado... não tinha originado uma comunicação. Sabia que esta coisa de originar uma comunicação é a coisa mais difícil de levar uma organização a fazer?

Na verdade você pode trabalhar no sentido de levar um preclaro a originar uma comunicação, a despeito do facto de pouco tempo antes estar a fazê-lo percorrer processos Tom 40. Ele originou a comunicação de que sentia os braços e pernas como se fossem cair, e você disse: "Dá-me a tua mão... obrigado". O preclaro diz: "Agora é a minha cabeça que se vai soltar! Sei que ela vai rolar pelo chão!"... Auditor: "Dá-me a tua mão... obrigado". Bom Tom 40. Porém, no controlo da pessoa, os dois primeiros processos são tom 40, mas a Mímica do Livro e o processo seguinte pela linha acima, Mímica de Mãos no Espaço, não são Tom 40, e as originações do preclaro não só são manejadas, mas encorajadas.

Portanto lembre-se de que não perdemos de vista, na galáxia de processos, o facto de o preclaro estar bem na medida em que puder originar uma comunicação. Isso significa que ele pode ser Causa sobre a fórmula de comunicação. E este é um ponto desejável para ele atingir. Ao controlar as pessoas estamos apenas a mostrá-lhes realmente que podem ser controladas, que é possível os seus haveres serem controlados. Depois eles acabam por decidir que estes são controláveis, que as pessoas são controláveis, e que as coisas são controláveis, e que os seus corpos são controláveis, e dizem: "Maravilhoso! Olha, vou tentar!". Antes disso nem sequer tentaram.

Por conseguinte, estamos a controlar os haveres, ou o corpo de uma pessoa, só até que ela própria decida também participar. Então ela descobre que o controlo é possível. Mas a maioria das pessoas não faz originações. Os circuitos originam, os computadores originam, os efluxos compulsivos originam. E quando começa a usar Tom 40 sobre uma pessoa, você observará aparentemente originações, mas não são originações, são

restimulações a serem dramatizadas. Há uma grande diferença entre uma restimulação dramatizada e uma originação. Consiste de ter ou não sido dita pelo theta. *Ele* disse-o, ou foi apenas um circuito a entrar em ação? Bem, você pode pôr circuitos em funcionamento e realmente dar-lhes existência, e ver que não são originações.

Mas quando uma originação surge em qualquer coisa que não seja um processo Tom 40, maneje-a. E deve manejá-la bem e de uma forma concludente. Há preclaros a quem aconteceram coisas espantosas, cosas essas que tentaram comunicar ao auditor, falharam em dizê-lo, mergulharam em apatia e saíram de sessão logo a seguir porque a sua originação de comunicação não foi manejada corretamente pelo auditor. Há exemplos disto, e muitos. Os processos Tom 40 não violam particularmente isto. A compreensão pelo preclaro do que eles são toma lugar muito rapidamente, e ele não espera que o faça. Mas se ele se promoveu a ser humano e está a chegar a esse nível, ele origina alguma coisa e você lhe responde, agora é capaz de lhe contar as coisas mais espantosas. E se você não as manejá-las ele pode cair em apatia em relação a todo o assunto.

Portanto tem que as manejá-las bem, porque são sempre inesperadas. Eu diria que o facto de ser inesperada deveria fazer parte da definição de originação, porque, com frequência, não tem nada a ver com o assunto, tomando a si totalmente de surpresa e não é nada do que você esperava que ele dissesse. O sujeito diz: "Hum. Estou três metros atrás da minha cabeça!" Bem, o que é que você faz? Nos velhos tempos poderíamos logo ter passado para a Rota Um, mas hoje não o fazemos: manejamos a originação. (A propósito, isto era uma velha frase técnica: "Ele fez Q&A". Por outras palavras, ele fez o que o preclaro fez. Cada vez que o preclaro mudava, o auditor mudava. Isto é o crime mais mortífero em audição. O preclaro muda porque está a receber processamento e o auditor muda o processo. Q&A: o preclaro mudou, o auditor mudou. Bem, não é isto que se faz.) Ele diz: "Sabe? Toda a parte de trás da minha cabeça está a arder". Em tempos poderíamos ter manejado isso. Poderíamos ter entrado no jogo e dizer: "Oh, isso é muito bom". Tínhamos finalmente obtido um somático nesse sujeito e tê-lo-íamos manejado de uma forma ou de outra, tê-lo-íamos interrogado sobre isso e teríamos auditado a coisa. Mas descobrimos que isso colava as pessoas na banda do tempo, portanto já não o fazemos. O que fazemos então quando ele diz: "Toda a parte de trás da minha cabeça está a arder"? Ignoramo-lo? Bem, se estivermos a percorrer um processo Tom 40 ignoramo-lo. Mas se estamos a auditar qualquer outro processo dos muitos que existem nos CCHs, *manejamos a originação*. E um auditor que não foi treinado a fazer isto encontrará-se com frequência muito embaraçado.

Mas, e neste mundo a fugir, o mundo que é ambulante e que anda às voltas, à roda, calma ou ruidosamente, conforme os casos?. Alguma vez tem que se lhe manejá-las originações? Bem, atrevo-me a dizer que cada discussão em que entrou foi porque não manejou uma originação. Cada vez que você teve problemas com alguém, pode procurar a origem na linha que não manejou. Se uma pessoa chega e diz: "Ena! Passei com as notas mais altas de toda a escola" e você responde: "estou cheio de fome. Não deveríamos ir comer?", encontrar-se-á numa zaragata. A pessoa sente-se ignorada. Originou uma comunicação para que lhe provasse que estava ali e era sólida. A maioria das crianças fica frenética com os pais quando estes não manejam corretamente as suas originações. Para manejá-las originações basta dizer à pessoa: "Muito bem. Ouvi-te. Estás aí". Pode dizer-se que é uma forma de acusar a receção, mas não é, é a fórmula de comunicação ao contrário, pois o auditor continua a manter o controlo se manejá-las originações, de contrário a fórmula de comunicação sai do seu controlo e ele fica no ponto efeito e não no ponto causa. Um auditor continua no ponto causa.

Portanto vamos rever isto. O manejamento de uma originação tem grande utilidade, e até há pouco tempo era o passo menos fixo em Cientologia. Como se manejá-las originações? Finalmente descobrimos. Eu próprio tive finalmente uma cognição. Tentei durante muito tempo comunicar isto às pessoas, mas elas continuavam a errar ocasionalmente. E finalmente encontrei alguma coisa que parecia de facto comunicar.

Existem três passos para manejá-las originações. Eis o esquema. O preclaro está sentado na cadeira, e o auditor está sentado em frente do preclaro com o auditor a dizer: "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?" e o preclaro diz "Sim". Aqui entra o fator. "Os peixes nadam?" O preclaro não responde. Os *peixes nadam?* e o preclaro diz: "Sabe, o seu fato está a arder", ou, "Estou três metros atrás da minha cabeça" ou, "É verdade que todos os gatos pesam 1,8 quilos?" Está a ver, wog, wog, wog... de onde veio isto? Bem, embora habitualmente se trate de circuitos, ou coisa que o valha, em ação, quando está tão longe do assunto, é no entanto uma originação. Como se manejá-las? Bom, você não quer que o preclaro saia de sessão, e sairia se o manejasse mal, por isso (1)

responde; (2) mantém ARC (não perde tempo com isso, mas mantém ARC); e (3) retorna o preclaro para o processo. Um, dois, três. E se perder muito tempo em (2) estará a errar.

O que é uma originação? Muito bem, ele diz: "Estou três metros atrás da minha cabeça". É uma originação, e o que é que deve fazer com ela? Bem, deve responder-lhe. Neste caso particular, dir-lhe-ia qualquer coisa do tipo: "Ah, sim?" (significa algo como, "Ouvi a comunicação; causou efeito em mim"). Agora, para manter ARC pode economizar o segundo ponto se manejar o terceiro com suficiente habilidade. O menos importante é o segundo, mas a coisa mais perigosa que você pode fazer é negligenciar por completo essa segunda parte de manter o ARC. Isso é mortal. Mas pode passar isso por alto se realmente o empurrar para o terceiro ponto, isto é, devolvê-lo à sessão. Portanto ele diz: "Estou três metros atrás da minha cabeça". E você diz: "AH, SIM???" (O que ele disse causou mesmo impacto, sabe?) Ele está muito falador acerca disso... não tem a certeza do que seja. Você diz-lhe: "Ah, sim?", e o sujeito responde: "Sim".

"Bem!" diz você. "O que é que eu disse que fez isso acontecer?"

"Oh, disse 'Os pássaros voam?', eu pensei em mim como um pássaro e acho que é assim, mas estou três metros atrás da minha cabeça".

"Bem, isso é muito comum", diz você; tranquilize-o, mantenha ARC. "Agora, qual era a pergunta de audição?"

"Perguntou-me 'Os pássaros voam?'"

E você diz: "Isso mesmo. Os pássaros voam?" De novo em sessão, está a ver?

Não pode fazer isto: não pode meter isto numa lata e colar-lhe um rótulo a dizer *É assim que se faz sempre*, porque há sempre alguma coisa peculiar, mas pode dizer-se que estes três passos são os que são seguidos.

Vou dar-lhe outro exemplo. Você diz: "Os pássaros voam?" e ele responde: "Tenho uma dor de cabeça que me cega".

"Oh, a sério?" diz você. "Está a incomoda-te demais (isto é ARC) para continuar a sessão?" (E com isto alcançou o ponto três imediatamente)

"Oh, não, mas é bastante forte".

"Bem, vamos continuar com isto, de acordo?" diz você. "Talvez isso ajude (mantendo ARC)".

Ele diz: "Está bem, e já estamos de novo no processo: "Os pássaros voam?"

Um dos melhores truques nisto é: "O que foi que na minha pergunta te fez lembrar isso?" O sujeito diz: "Bem, foi isto e aquilo". Explica-lho e você diz: "Bom. Os pássaros voam?" e lá ele está de volta à sessão.

Três partes, e, é a coisa importante... você tem que aprender a manejar estas coisas.



Ao mesmo tempo que fazemos isto podemos tomar-nos muito mais complicados, particularmente perto do fim da sessão, tentando apenas estabelecer uma ponte de comunicação de "Os pássaros voam?" para "Os peixes nadam?", e de "Os peixes nadam?" de volta para "Os pássaros voam?". Uma ponte de comunicação é uma coisa muito fácil. Encerra simplesmente o processo que está a percorrer, mantém ARC e abre o novo processo em que vai entrar. Se pudesse olhar para isto como dois Vs, com os vértices voltados um para o outro, observaria que um processo que tem estado a percorrer é reduzido a nada facilmente por gradientes. Você diz: "e se percorrêssemos isto mais três ou quatro vezes, e depois o abandonarmos, Okay?" Damos-lhe um aviso, está visto, de que vamos encerrar o processo, e de facto percorrê-lo mais três ou quatro vezes, depois perguntamos: "Como é que vais?" (A propósito, nunca lhe perguntamos "Como te sentes?" pois isto faz as-is de havingness). Dizemos: "Como vais?" e ele responde: "Menos-mal" e assim por diante. "Bem, aconteceu alguma coisa enquanto percorrias 'Os peixes nadam?'" E ele diz: "Não sei. Obtive um bocadinho de realidade. Senti-me como um peixe durante uns momentos". O Auditor diz: "Como te sentes em relação a isso?" e por aí fora. "Está tudo bem? Estás a andar bem agora?" O preclaro diz: "Menos-mal". Você diz: "Okay. Vamos passar para 'Os pássaros voam?' É um processo interessante que se faz assim: Eu pergunto 'Os pássaros voam?' e tu respondes-me. Que tal percorrermos isso?" E ele diz: "Okay, está bem". Estabelece o acordo de novo e lá vamos nós. Na verdade, há três contratos de uma assentada. O primeiro contrato é para parar o processo que estava a ser percorrido: o contrato seguinte é: estamos numa sessão de audição, e ligamos isto com a continuidade da sessão de audição; e o terceiro é simplesmente: temos um novo processo que gostaríamos de percorrer e quero que assines nesta linha tracejada em como o vais percorrer. Isto na verdade é uma ponte de comunicação. A razão pela qual fazemos isto é não sobressaltar o preclaro com mudanças, pois cada vez que mudarmos com rapidez numa sessão deixamos o preclaro preso na sessão. Damos-lhe um aviso, e é para isso que serve a ponte de comunicação.

Contudo, o manejo de originações é o mais importante. Aprenda como manejar originações e nunca será apanhado de surpresa por um preclaro. Estará aí pronto a apanhar a bola, e a sessão prosseguirá. Eu vi um auditor sentado com a boca aberta durante vinte ou trinta segundos depois de um preclaro lhe ter dito algo de fantástico. Ele não sabia simplesmente o que fazer. Bom, responda, mantenha ARC e reponha o preclaro em sessão.

L. RON HUBBARD Fundador

Trad ML:JP:RK:ml



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R

Emissão IV

Rev. 4 Dez. 74

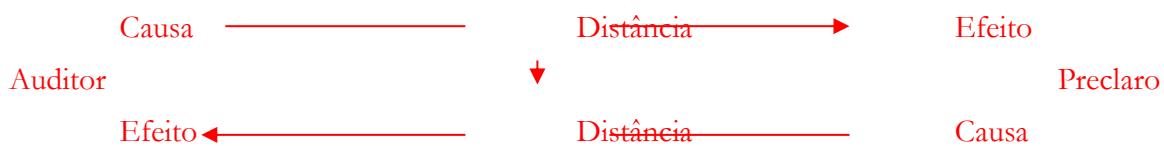
**CICLOS DE COMUNICAÇÃO
DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO**

*(Tirado da gravação de LRH "Ciclos de
Comunicação em Audição", 25/7/63)*

A dificuldade que um auditor encontra é normalmente relacionada com o seu próprio *ciclo de audição*.

Existem basicamente dois ciclos de comunicação entre o auditor e o preclaro que compõem o *ciclo de audição*.

São “causa, distância, efeito”, com o auditor no ponto de causa e o Pc no ponto de efeito; e “causa, distância, efeito”, com o Pc no ponto de causa e o auditor no ponto de efeito.



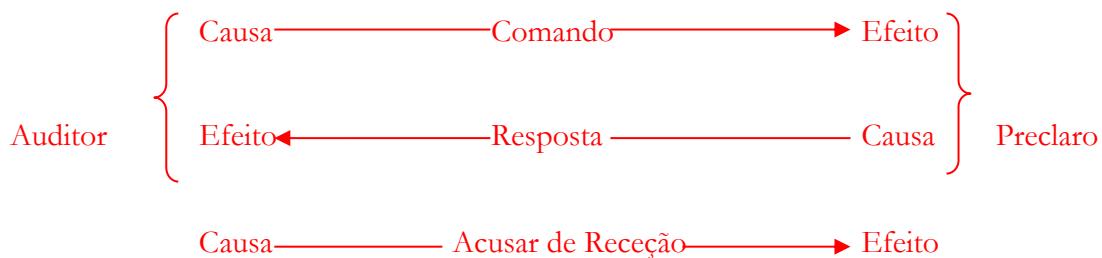
Eles são completamente distintos. A única coisa que os associa e os torna num ciclo de audição é o facto de o auditor, no seu ciclo de comunicação, ter restimulado, calculadamente, algo no preclaro, e esse algo é depois descarregado através do ciclo de comunicação do preclaro.

O que o auditor diz causa uma restimulação e então o preclaro precisa de responder à pergunta para se livrar da restimulação.

Se o preclaro não responder à pergunta, não se livra da restimulação. Esse é o jogo travado num ciclo de audiação, e é a totalidade desse jogo. (Algumas audições fracassam quando o auditor não está disposto a restimular o preclaro).

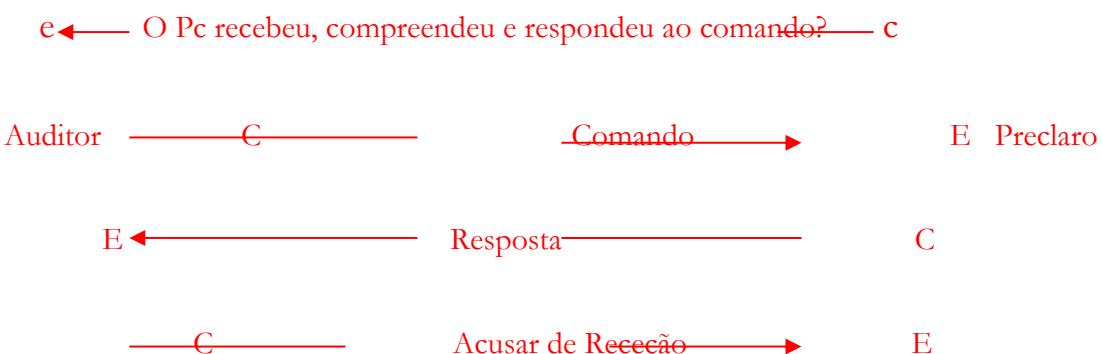


Há aqui um pequeno ciclo de comunicação extra. O auditor diz "Obrigado". É o ciclo de acusar de receção.



Agora há alguns pequenos ciclos internos que podem confundir e fazer pensar que existem outras coisas dentro do ciclo de audição. Há um outro pequeno quase ciclo: é o facto de observar se o Pc recebeu o comando de audição. Esta é uma “causa” tão minúscula que quase todos os auditores que têm dificuldade em descobrir o que está a acontecer com o Pc e deixam passar. "Será que ele recebeu o comando?" Na verdade, existe aqui um outro ponto de causa e quando não estão a percecionar o preclaro estão a perdê-lo.

Ao olhar para o preclaro, você pode julgar se ele ouviu ou compreendeu o que lhe disse ou se está a fazer algo estranho com o comando que acabou de receber. Qualquer que seja a mensagem de resposta, ela viaja por esta linha.



Um auditor que nunca observa o Pc não repara nunca quando este não está a receber ou a compreender o comando de audição. Assim, subitamente, em qualquer ponto aparece uma quebra de ARC e aí fazem-se verificações, reparo-se a sessão e tudo dá errado.

Bem, na verdade, se antes de tudo esta linha tivesse sido respeitada, nada teria dado errado. O que é que o Pc está a fazer, independentemente de responder? Bem, o que ele está a fazer é esta outra pequena sublinhada causa, distância, efeito.

Outra destas pequenas linhas é a linha causa, distância, efeito de: "O Pc está pronto para receber o comando de audição?"

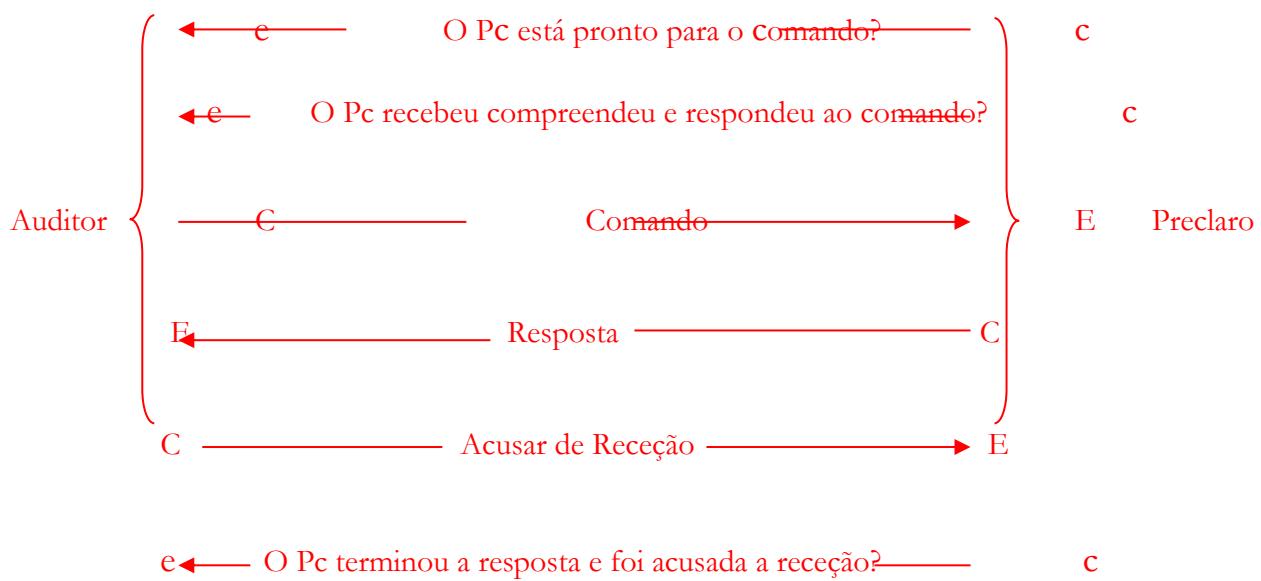
Isto é o Pc a ser causa, e aquilo em que ele está a ser causa viaja pela linha, através da distância, é recebida pelo auditor e o auditor apercebe-se de que o Pc está a fazer qualquer outra coisa.

Isto é importante e verifica-se com muita frequência que os auditores erram nela: a atenção do Pc ainda está na ação anterior.

Eis uma outra: "Será que o Pc recebeu o acusar de receção?" Às vezes isto é violado. Você dá-lhe o acusar de receção, mas não verificou que ele não o recebeu. Essa percepção contém uma *outra* pequenina que entra nesta linha: "Será que o Pc respondeu tudo?"

O auditor está a observar o Pc e verifica que ele não disse tudo o que tinha a dizer. É assim que às vezes se entra em dificuldade com os preclaros. Nem tudo o que estava no ponto de "causa" atravessou a linha até o ponto efeito, não recebeu todo o "efeito", e mete-se a acusar a receção antes desta linha se ter completado.

É uma machadada na comunicação do Pc. Você não deixou o ciclo de comunicação fluir mesmo até ao fim. Acusar a receção tem lugar e, logicamente, não pode chegar lá visto encontrar-se numa linha de afluxo, e fica logo aí encravado na linha efluente da resposta incompleta do Pc.



Portanto, se quiser esmiuçá-lo, verá que um ciclo de audição é composto por seis ciclos de comunicação. Seis, não mais que seis, a menos que comece a entrar em problemas. Se violar uma destas seis linhas de comunicação, por certo que vão aparecer dificuldades que causam uma trapalhada de qualquer tipo.

Existe um *outro* ciclo de comunicação dentro do ciclo de audição: tem lugar no Pc. É um pequeno ciclo adicional entre o Pc e ele próprio. Consiste de ele falar consigo próprio. Você está a escutar o interior do seu cérebro quando o observa. Na verdade, pode ser múltiplo, visto que depende das complicações da mente.



Acontece que esta é a menos importante de todas as ações, exceto quando não está a ser feita. E, é claro, é a mais difícil de ser detetada quando não está a ser feita. O Pc diz: "Sim. "Ora, a que é que o Pc disse sim? Por vezes, você não é suficientemente curioso. Isto, na sua essência, é a sua percepção interna desta linha. Ela inclui o ricochete da causa, distância, efeito: "Será que o Pc está a responder ao comando que eu lhe dei?"

Portanto, com este, existem sete ciclos de comunicação englobados num ciclo de audição. É um ciclo múltiplo.

Um ciclo de comunicação consiste apenas de causa, distância, efeito com intenção, atenção, duplicação e compreensão. Quantos, como este, existem num ciclo de audição? Tem de se responder a isto indicando quantos ciclos principais existem porque alguns ciclos de audição contêm, em si, mais alguns. Se um Pc indica não ter percebido o comando (causa, distância, efeito), o auditor repete-o (causa, distância, efeito) e isto acrescentaria mais 2 ciclos de comunicação ao ciclo de audição ficando assim 9, porque houve uma falha. Portanto, qualquer coisa fora do normal que aconteça numa sessão, aumenta o número de ciclos de comunicação no ciclo de audição, mas, mesmo assim, fazem todos parte do ciclo de audição.

O comando repetitivo, como ciclo de audição, é a repetição do mesmo ciclo uma e outra vez.

Existe, porém, um ciclo completamente diferente dentro do mesmo esquema. O Pc vai originar algo que não tem nada a ver com o ciclo de audição. A única coisa em comum é que ambos usam ciclos de comunicação. Mas este é novinho em folha. O Pc diz qualquer coisa que não está relacionado com o que o auditor está a dizer ou a fazer, e tem de se estar alerta para esta ocorrência em qualquer altura. A forma de estar preparado para isto é apenas compreender que pode acontecer em qualquer altura e iniciar, simplesmente, a ação que o maneja. Não o misture com a ação do ciclo de audição. Considere-o como uma ação independente. Passe para esta ação quando o Pc fizer qualquer coisa inesperada.

E, a propósito, isto maneja originações, como a que o Pc faz quando atira com as latas. Isto também é uma originação. Não tem nada a ver com o ciclo de audição. Talvez o ciclo de audição se tenha desfeito, e este ciclo de originação entrou em cena. Ora o ciclo de audição não pode ser completado porque este ciclo de originação está agora presente. Isto não significa que esta originação tenha precedência ou predomínio, mas pode começar, e ocorrer e ter de ser terminada antes de se poder retomar o ciclo de audição.

Portanto, isto é um ciclo “interruptor” e é causa, distância, efeito. O Pc causa algo. Agora o auditor tem de originar, pois ele tem de compreender do que é que o Pc está a falar e, depois, acusa a receção. E na medida em que for difícil de compreender, o auditor tenta esclarecer o assunto usando causa, distância, efeito. E todas as vezes que fizer uma pergunta, obtém um novo ciclo de comunicação.

Você não pode utilizar aqui uma ação mecânica, pois o assunto tem de ser *compreendido*. Isto tem de ser feito de tal forma que o Pc não esteja meramente a repetir a mesma originação, senão ficará furioso pois não consegue sair dessa linha. Está parado no tempo, o que o perturba verdadeiramente. Portanto o auditor tem de ser capaz de compreender de que raio é que o Pc está a falar. E não há realmente nada que substitua tentar simplesmente compreendê-lo.



Surge uma pequena linha quando o Pc indica que quer dizer alguma coisa. Esta é uma linha (causa, distância, efeito) que surge **antes** da originação aparecer. Nesta altura, não dê o comando seguinte ou provocará um engarrafamento. O efeito no lado do auditor é calar-se e deixar o Pc agir. Pode ainda existir uma outra pequena linha (causa, distância, efeito) onde o auditor indica que está a escutar. Então há a originação, acusar a sua receção e a percepção do facto de o Pc ter recebido o acusar de receção.

Esse é o ciclo da originação.

Um auditor devia desenhar todos estes ciclos de comunicação numa folha de papel. Dê uma olhadela a todas essas coisas, faça o mock-up de uma sessão e, de repente, tornar-se-á muito claro como essas coisas são e já não terá algumas delas emaranhadas. O que está principalmente errado com o seu ciclo de audição é que você misturara a tal ponto alguns ciclos de comunicação que não se apercebe da sua existência porque não os diferencia uns dos outros. É por isso que, por vezes, corta a comunicação do Pc, que está a tentar responder à pergunta.

Você sabe se o Pc respondeu à pergunta ou não. Como é que sabe? Mesmo que seja por telepatia, ainda assim é causa, distância, efeito. Não interessa como é que essa comunicação aconteceu. Você sabe se ele respondeu ao comando através de um ciclo de comunicação. Não me interessa como é que o percecionou.

Se vice estiver nervoso com o uso do instrumento básico da audição e se isso lhe está a causar problemas (e se tiver dificuldade em rapidamente o decompor e analisar) então deveria decompô-lo e analisá-lo numa altura em que estivesse a auditar algo agradável e simples.

Dei-lhe um esquema geral para um ciclo de audição. Talvez que, ao estudar isto de novo, você possa encontrar mais alguns ciclos de comunicação. Mas estão todos lá, e se fizer alguém passar por todos elesmeticulosamente, pode descobrir onde é que o seu ciclo de audição está encravado. Não está necessariamente encravado na sua capacidade de dizer "Obrigado". Pode muito bem estar encravado noutro lado.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de Maio de 1971R

Emissão V

O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

A facilidade de lidar com um ciclo de comunicação depende da capacidade de observar o que o Pc está a fazer.

À simplicidade do ciclo de comunicação há que adicionar a OBNOSE (observação do óbvio).

A inspeção do que você está a fazer deverá ter terminado com o treino. Daí para a frente deve preocupar-se exclusivamente com a observação do que o Pc está a fazer ou não.

A destreza com um ciclo de comunicação deveria ser de tal maneira instintiva e boa que nunca se preocupe com o que está agora a fazer.

A altura de pôr tudo isto em ordem é durante o treino. Se souber que o seu ciclo de comunicação é bom, já não terá que se preocupar. Sabe que está bom e não se preocupa mais com isso.

Na audição real, o ciclo de comunicação que observa é o do Pc. O seu trabalho é o ciclo de comunicação e as respostas do Pc.

É isto que capacita o auditor para quebrar qualquer caso. Sem isto, temos um auditor que não seria sequer capaz de partir um ovo mesmo que passasse por cima dele.

Esta é a diferença: o auditor consegue ou não observar o ciclo de comunicação do Pc e reparar os seus vários deslizes.

É tão simples.

Consiste simplesmente em fazer uma pergunta à qual o Pc consiga responder, e depois observar que o Pc **responde** e, quando ele tiver respondido, observar que o Pc completou a resposta. Acusar-lhe então a receção. Depois dar-lhe outra coisa para fazer. Pode fazer-lhe a mesma pergunta ou pode fazer-lhe outra pergunta.

Fazer ao Pc uma pergunta à qual ele consiga responder implica aclarar o comando de audição. Também implica fazer a pergunta ao Pc de modo a que ele a consiga ouvir, sabendo bem o que lhe está a ser perguntado.

Quando o Pc responde à pergunta, seja suficientemente inteligente para saber que o Pc está a responder a essa pergunta e não a outra qualquer.

Há que desenvolver uma sensibilidade em relação a saber quando o Pc acaba de responder ao que lhe foi perguntado. Conseguir ver quando ele terminou. É um conhecimento. Aparentar ter terminado e sentir que terminou. É em parte o sentido do que ele diz, é em parte a entonação de voz, mas é sobretudo um instinto que se desenvolve. Você sabe que ele terminou.

Então, sabendo que ele acabou de responder, dizer-lhe que acabou acusando-lhe a receção, O.K., Ótimo, etc., é como apontar a carga ultrapassada ao Pc. Assim: "Encontraste e localizaste a carga ultrapassada ao responder à pergunta e disseste-o". Essa é a magia de acusar a receção.

Quando o auditor não tem esta sensibilidade de saber quando o Pc termina, o Pc irá responder, não obtém nada de você que continua ali sentado a olhar para ele, a maquinaria social do Pc entra em ação, ele entra em auto-audição e não obtém ação de TA.



O grau de paragem que se coloca ao acusar a receção depende também do bom senso, e pode-se acusar a receção tão fortemente que a sessão termina ali mesmo.

Está muito bem que se façam estas coisas no treino e é desculpável, mas NÃO numa sessão de audição.

Faça com que o seu ciclo de comunicação fique suficientemente afinado para não ter mais preocupações com ele depois do treino.

L. Ron Hubbard

Fundador



5707C15 18ACC

CIENTOLOGIA E O CONHECIMENTO EFICAZ

Notas

A Cientologia visa o saber total. Uma vez que nenhum outro “saber” é total, é difícil descrever a Cientologia uma vez que não existe nenhum outro dado de magnitude comparável. Só uma outra organização de conhecimento na terra teve um objetivo semelhante: o Budismo. Ele fez squirrel quando entrou no Tibete como Lamaísmo. Mas a fé não existia no Budismo. Ele era analítico. O melhor recurso quando interrogados sobre o que é a Cientologia, é refugiar-nos no incompreensível dizendo que é epistemologia. Budismo e Cientologia procuram selecionar importâncias da vida e preencher o vazio do homem com conhecimento. Buda poderia se chamado o primeiro cientista. “Autoridade não tem nada a ver com conhecimento. Estas coisas que vos digo são verdade, não porque eu digo que são verdade. E se algo que eu vos digo ou que alguma vez tenha dito se verificar ser diferente da observação do indivíduo, sendo essa uma boa observação, então não é verdade”.

Nós temos certos procedimentos positivos. Valem o que valem se nos predispõem a olhar para eles não para o que eles nos ajudam a ver; se eles nos levam a crer que são uma coisa e não um meio de fazer outra coisa, estaremos na mesma condição de cegueira das religiões e ciências sociais dos dias de hoje e teremos que redescobrir a nossa cegueira caminho acima. Onde quer que descubramos uma área de conhecimento especial tal como TRs e processos, temos que compreender que eles são meios para um fim, não um fim em si mesmo. Quem esqueceu o que os TRs eram, poderia, em teoria, fazê-los todos lindamente, mas ser incapaz de os usar em sessão, porque tinha esquecido para que serviam: criar a atmosfera de comunicação apropriada em sessão.

Existe um enorme País das Maravilhas por baixo da cegueira. Isto impede as pessoas de verem a sua cegueira. Usar Alice no País das Maravilhas nos TRs é uma brincadeira baseada neste conhecimento imaginado. O País das maravilhas é a dispersão que resulta da reação do indivíduo a levar um pontapé nos dentes quando olha para qualquer coisa. Ele não olhará de novo. Por fim ele decide não olhar para nada. Mas se ele apanha uma visão qualquer, entra numa via e em vez de olhar para ela, olha para outra coisa qualquer. Foi assim que o país das maravilhas das ciências sociais foi criado. Alguém não podia confrontar o Homem, voltou então as costas e criou um mito acerca do Homem. Ele devia estar cego para nunca ter notado a exteriorização ou ter gravado a existência algures do fenômeno. Um theta tem a capacidade de criar formas, universos. Quando a capacidade obscurece, quando ele não o está a fazer muito inteligentemente, começa a ver coisas no universo para as quais não quer olhar. Ele então dispersa-se e combina a sua capacidade de criar com not-is. O universo que ele constrói está abaixo do universo onde ele está. É preciso trazê-lo para cima para que descubra que está numa armadilha.

Fim das Notas



QUEBRAS DE ARC E O CICLO DE COMUNICAÇÃO

A sessão modelo corrente é bastante curta. Mid-ruds-desde e puxar contenções é melhor do que os antigos ruds iniciais. Uma verificação de quebra de ARC no fim da sessão é muito melhor do que quaisquer ruds finais da velha sessão modelo, sendo limpas todas as linhas à medida que leem. O material de pré-sessão é o mesmo de sempre. O resto da sessão decorre assim:

1. Metas para a sessão.
2. Mid-ruds-desde se TA em cima ou agulha suja.
3. Verificar a puxar quaisquer MWHs
4. Corpo de sessão.
 - a. Usar seja o que for para o atravessar.
 - b. Conversar um pouco antes de terminar o corpo da sessão.
5. Verificação de quebra de ARC se o pc não está muito feliz no fim da sessão.

O fraseado disto é ainda muito fixo. O único problema é sobre o que fazê-lo se uma pergunta de rud está limpa. Perguntar ao pc se ele concorda que está limpa pode provocar uma quebra de ARC, se ele sente que é impossível a pergunta estar realmente limpa.

6. Pegar em cada meta de (1) acima. Acusar a receção ao pc por cada uma que atingiu.
7. Indagar quaisquer ganhos feitos em sessão. Não explorar esta pergunta. Acusar-lhes a receção dizendo “Obrigado por teres feito esses ganhos”
8. Aperto de latas.
9. Fim de sessão.

A razão para a existência de uma agulha áspera no pc é o TR2 e TR4 do auditor estarem fora. “Limpem o TR2 e o TR4 e limparão agulhas que eu sei lá. Não é a sua significância, estão a ver. É o fluxo calmo do ciclo de audição”. Durante verificações de quebras de ARC, “consideramos normalmente uma agulha suja (ser) um WH (ou) algo que o pc fez”. Mas um TR2 fraco ou demasiado pesado também pode fazer isso.

Existem dois ciclos de comunicação num ciclo de audição:

1. Auditor → PC.
2. Pc → Auditor.



Estes ciclos podem operar independentes. Ambos têm que ser muito aceitáveis antes de termos um bom ciclo de audição. O pc nem sequer tem que dizer nada para a comunicação existir. Assim, pode obter-se do auditor um Fator-R como ciclo de comm. independente e do pc pode obter-se uma originação como ciclo de comm. independente do pc, como no caso do TR4. Neste caso acusar a receção nem sequer é realmente necessário. Acusar artificialmente a receção pode cortar uma originação pela base. Isto pode ser manejado com um aceno de cabeça ou expressão facial. A originação do pc só precisa de uma sombra de acusar de receção para que o pc saiba que o auditor a apanhou. Se for algo engraçado para o pc e para o auditor, está O.K. que o auditor ria com o pc. Se puderem “projetar o vosso pensamento” não precisam de TR2. Acusar a receção pode por vezes indicar não compreensão da parte do auditor. O pc só precisa ter certeza que foi compreendido.

Um bom auditor de crianças obedece aos comandos de audição das crianças.

Na R3R não temos que perguntar ao pc se ele cumpriu o comando ou não. Em “move-te para o início do incidente” ele não tem que dizer que o fez. Obtemos um pinote no e-metro quando ele lá chega e podemos lançá-lo a partir desse ponto. Se o pc nos dá gluguglug , não dizemos ao pc que não compreendemos. Essa frase tem muita força. Além disso, dizê-lo, foi só essencialmente pedir-lhe para repetir o que acabou de dizer. Isto é peculiar ao Homo Sapiens. Obteremos apenas as mesmas palavras e isso não ajuda. Estamos é a pedir uma quebra completa de ARC. Queremos que o pc varie o discurso. O que nós queremos é uma explicação alargada, temos assim que ter a capacidade de o mandar fazê-lo sem o invalidar.

Aqui está a base da quebra de ARC; existe um ciclo de comunicação embatocado, por mais que possam existir outras coisas. O que o está a embatocar é a comunicação não ser totalmente detetada e compreendida. Na falta desses pontos não há ciclo de comunicação. A intenção do pc é causa, distância, efeito e esse ciclo é interferido não sendo a comunicação assim totalmente detetada. Esta é a urdidura e a teia de todas as quebras de ARC: comunicação que é parcialmente, mas não completamente detetada. Ou poderíamos detetar alguma coisa, mas não a receber. Por exemplo, digamos que o pc diz que se sente bem e não precisa de continuar. Nós dizemos: “bom, está bem, mas vamos continuar para preencher o tempo”. Aqui o pc vê que a comunicação não é recebida porque não é tomada qualquer ação. Vocês disseram que deveria ser outra coisa qualquer antes de chegar até vós. Por isso existe uma linha de comunicação gorada. Podemos ter nisto uma Quebra de ARC estrondosa. Esta é a causa primária das quebras de ARC. Neste caso, A, R e C, estão fora porque o U está fora. Na verdade a comunicação é detetada.

As expectativas jogam nisto um papel. Podemos gritar para uma rocha. Desde que não esperemos a deteção, o nosso ARC não quebra. A audição é diferente porque as expectativas são diferentes.

Não existem outros tipos de Quebras de ARC. Todas elas são baseadas no ciclo de comunicação. A definição completa de Carga Ultrapassada é “parcialmente detetada”. Tinha que ficar parcialmente detetado porque deve ter sido remexido. “Um ciclo de comm. uma vez iniciado tem que chegar ao fim”. Se não o fizer, haverá por fim sarilho.

Poderíamos pensar que as pessoas nos cocktails estariam sempre a ultrapassar carga uns aos outros, porque estão sempre a detetar parcialmente que alguém falou. A única razão por que os corpos de carne wog não explodem durante os cocktails é que eles estão blindados. “Eles não estão à espera de que alguém os oiça não havendo assim



qualquer carga (comm.) parcialmente detetada”. É muito perigoso pedir uma comm. e depois não reconhecer o que foi recebido em consequência do pedido feito. Fazer isto é um convite a uma explosão.

Por exemplo um auditor pede um “incidente anterior”. O pc não o pode dar e quebra o ARC porque a pergunta toca um incidente anterior àquele que ele pode ver, ao qual não pode chegar. O banco do pc fica assim apenas parcialmente detetado e temos uma quebra de ARC. Sendo a banda do tempo como um punhado de minas alinhadas e magneticamente ativadas, digamos que queremos a número 4. Atiramos um magnete par a mina número 8 e depois não sabemos porque se deu uma explosão. A mina número 8 responde, mas foi apenas parcialmente detetada. Uma maneira de detetar incidentes anteriores é encontrar a ordem de magnitude dos anos antes.

Um ciclo de comm. uma vez iniciado tem que chegar ao fim ou haverá uma perturbação. Por exemplo, o presidente promete comunicar com toda a gente, mas tem falta de habilidade para o levar a cabo. Isto é o que está por trás da revolução.

As pessoas que não sabem nada sobre o ciclo de comunicação acham tudo isto tão ameaçador e perigoso, que simplesmente decidem fugir de comunicar, porque elas não compreendem o que está a acontecer ou como remediar a perturbação. O desespero só entra quando a comunicação sai fora. Pensem nas sessões em que ficaram desesperados. A vossa resposta ao pc flui e reflui na medida em que puderem introduzir uma comunicação entre vocês e a aberração que está a incomodar o pc e retificamo-lo e vemos a prova da sua descarga. “Não se preocupem com um caso por qualquer outra razão. Quando parece não alcançarem o pc ou o banco com a vossa comunicação, vocês ficam preocupados e perturbados. Quando perturbados como auditores, vejam que comunicação não estão a levar a cabo para com o pc e, vocês, como auditores, sentir-se-ão melhor.

Se o auditor se sente lastimoso, um ciclo de comm. está de esguelha, mas isto poderia acontecer de várias maneiras, do ponto de vista do pc. “Algum ciclo de comm. começou. Ele não foi . . . totalmente detetado . . . e não foi compreendido”. Isso está na base do ARC baixo ou das quebras de ARC nos vossos pcs. Mesmo quando o pc não tem uma quebra de ARC, reparando neste ponto ajudará a compreender qualquer coisa que não tinham compreendido antes sobre o vosso pc. Continuem a avaliar se estão a ultrapassar alguma carga. As bases das quebras de ARC ou ARC baixo são:

1. Algum ciclo de comm. começou.
2. Ele não foi totalmente detetado, mas ligeiramente detetado.
3. Ele não foi compreendido.

Na verdade, vamos ver um ciclo de comm. fora em qualquer pc porque ele não é OT. O ciclo telepático está usualmente fora. Pode existir o resultado leviano do pc não ter nunca compreendido o comando e sabê-lo ao menos vagamente. A razão por que é uma quebra de ARC é que a não compreensão põe dentro A e R. São os fatores A e R que tendem a tornar o C incompreendido. Algo não chegou ao seu final.

“Um ciclo de comm. incompleto resulta sempre em carga ultrapassada”. Deveríamos saber que essa simples anomaliazinha pode acender a luz. Deveríamos também saber que causa e efeito funciona sempre nessa direção. A “catástrofe” que estamos a manejear tem como origem uma simples anomaliazinha e não uma coisa complexa.



As coisas básicas que não sucederão nem serão detetadas são A, R e C. E as coisas básicas que estas três enfrentam são M, E, S e T. Temos assim a vivência da pessoa, ARC vs. o universo material MEST. Ou será o indivíduo vs. tempo. É o que impede, o A, R e C de completar o ciclo de comunicação. Há uma mentira na comunicação do indivíduo com o tempo ou no tempo de comunicação com o indivíduo.

“A carga ultrapassada começa como o início de um ciclo de comunicação” que não é totalmente detetado ou compreendido. Carga é energia excitada e canalizada numa certa direção. Mas ela nunca chega porque não é totalmente detetada ou compreendida. Assim permanece sempre como carga ultrapassada, depois explode numa forma de dispersão. Nem sempre explode. Às vezes resulta apenas em tom baixo do pc que “ultimamente não se está a sentir muito bem”.

“Nós sabemos a magia . . . a natureza explosiva das relações interpessoais”. Sabendo estas coisas, devemos ser capazes de manejar melhor uma sessão. Não tenham medo que “manejar” signifique fazer sempre o que o pc diz. Façam simplesmente o pc saber que receberam a sua originação e a compreenderam e continuem a fazer o que estão a fazer. “É preciso ser perito na deteção de uma comunicação que começou. Quanto melhor formos, . . . menos quebras de ARC teremos”.

A verificação de quebra de ARC cobre todos os tipos de comunicação iniciados e não detetados na atividade que desenvolvemos, para assim poder detetar a carga ultrapassada correta e não ter que disparar qualquer coisa como “um incidente anterior foi restimulado”. Decidir que lista usar poderia ser um problema. Procuramos no lugar certo. “Se a quebra de ARC é na sessão e fazem um formulário de quebra de ARC, não a encontrarão”. Por isso usem a lista correta. Se não obtém a carga ultrapassada estão a usar a lista errada. Peguem na lista certa. Vejam só que decidir qual a lista certa poderia ser um problema e usem outra lista se não encontraram a quebra de ARC. O principal erro que poderiam cometer é não ter a certeza que tudo está bem com o pc depois de terem “manejado” a quebra de ARC. Assegurem-se de que estão mesmo a tratar da carga ultrapassada.

As listas “localizar o tipo de carga ultrapassada, o tipo de ciclo de comm. que começou e nunca foi completado . . . Agora é convosco . . . localizar e indicar a carga ao pc. A carga não está na lista. Está no pc . . . A verificação não é a localização”, a magia é mesmo assim suficientemente boa para com frequência poderem obter um resultado simplesmente indicando o que foi verificado. Na verdade só obteremos um tipo de carga, não a carga, com a verificação. Ainda assim temos que localizar e indicar a carga específica. Se dizemos ao pc o que obtivemos na verificação e ele se sente melhor, ótimo. Não façam ondas. Mas se ele não se sente melhor ou se ainda ali há carga, encontrem a carga exata que foi ultrapassada. Podem precisar de outra lista para a obter.

Assim, com uma verificação de quebra de ARC, há cinco passos para manejar carga ultrapassada.

1. Ver se há uma quebra de ARC.
2. Verificar a lista apropriada.
3. Localizar a carga ultrapassada exata.
4. Indicá-la ao pc.



5. Ver se a indicação estava bem para o pc. Se era uma data errada, conferir as que obtiveram ou ver se está na primeira ou última metade da sessão.

Fim das Notas

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de ABRIL de 1971

Emissão I

Remimeo
Chshts de DN
Chshts dos Graus de Scn
Cramming
Auditores do HGC

TRs E COGNIÇÕES

Em presença de maus TRs não há cognições.

As cognições são as demarcações que indicam que existem ganhos ao nível do caso.

Não há ganhos ao nível do caso em presença de maus TRs, de má utilização do e-metro, de transgressões do código e de um auditor que distrai.

Quando um auditor tem TRs suaves, segundo as normas, que utiliza o seu e-metro com perícia, sem chamar a atenção do pc, quando segue o código do auditor (sobretudo no que respeita a avaliação e invalidação) e quando, enquanto auditor, está interessado e não interessante, o pc tem cognições e ganhos do ponto de vista do caso.

Para mais, conforme os axiomas, põe-se ordem no banco, quando se faz AS-IS do conteúdo. Se a atenção do pc é desviada pelo auditor e pelo e-metro, ela não está no seu banco e não pode haver AS-IS.

A definição de “em sessão” é a seguinte: INTERESSADO NO SEU PRÓPRIO CASO E DISPOSTO A FALAR AO AUDITOR. Quando a sessão em curso corresponde a esta definição, p pc vai certamente ser capaz de fazer as-is e vai ter cognições.

Na “Tese original” diz-se que o auditor mais o pc são mais fortes que o banco do pc. Quando o auditor e o banco submergem ambos o pc, o banco parece ser mais forte que o pc. É uma situação que dá um TA baixo ao pc.

Um auditor que não se ouve, que não acusa a receção, que não dá o comando seguinte ao pc, que não consegue manejar as originações, tem simplesmente MAUS TRs.

O auditor que procura mostrar-se interessante aos olhos do pc, que acusa a receção excessivamente, que se ri ruidosamente chama a atenção do pc. Por isso, a atenção do pc não está no seu banco, ele não faz as-is e não tem cognições.

O auditor que passa além das F/Ns ou que indica as F/Ns no momento errado, ou que diz ao pc “isso deu leitura”, “isso provocou um Blowdown”, etc., ou que usa o e-metro de forma a distrair o pc (que sabe quando está percorrido de menos ou overrun e que sabe quando o auditor comete erros com o e-metro) transgride naturalmente a definição de EM SESSÃO. O pc põe a sua atenção no e-metro, e não no banco, o que o impede de fazer as-is e de ter cognições.

A invalidação e a avaliação da parte do auditor, são uma maldade pura e simples. Elas impedem o pc de ter cognições. As outras transgressões do código são igualmente perturbadoras.

UMA SESSÃO PERFEITA

Se se compreender a definição perfeita de EM SESSÃO, se se compreender que é necessário que o pc tenha a sua atenção no banco para fazer as-is dele e se se vir o que, numa sessão, provocará uma cognição (as-is da aberração acompanhada de uma tomada de consciência em relação à vida), seremos capazes de



detetar todas as coisas que, nos TRs, no uso do e-metro e no código, serão obstáculo aos ganhos que um caso possa ter.

Uma vez detetados os erros nos TRs e no uso do e-metro e as transgressões ao código que VÃO CONTRA a definição de EM SESSÃO, ver-se-á o que impede o pc de fazer as-is e de ter cognições.

Quando isso estiver bem compreendido, seremos capazes, nesse momento, de ver claramente o que significam TRs DENTRO, USO CORRETO DO E-METRO e APLICAÇÃO CORRETO DO CÓDIGO.

Pode haver uma quantidade infinita de erros. Há apenas algumas formas corretas de proceder.

Para reconhecer TRs corretos, um uso correto do e-metro e um uso correto do código, apenas é preciso:

- (a) compreender os princípios enunciados neste boletim, e
- (b) de os pôr em prática a fim de que se tornem um hábito.

Quando tudo isto estiver bem dominado, os pcs terão cognições e ganhos ao nível dos seus casos e estarão ao lado dos “seus auditores”!

L. RON HUBBARD

Fundador



VI. - Q & A

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 24 de MAIO de 1962

Q&A

Já muito se disse acerca de “Fazer Q & A”, mas poucos auditores sabem exatamente o que é, e até agora, todos os auditores sem exceção já o fizeram.

Terminei há pouco um trabalho que analisa isto e alguns exercícios que educam um auditor a sair disso. Com uma melhor compreensão disso, podemos erradicá-lo. Q & A significa

FAZER UMA PERGUNTA ACERCA DA RESPOSTA DO PC

UMA SESSÃO EM QUE O AUDITOR Q & A É UMA SESSÃO CHEIA DE QUEBRAS DE ARC

UMA SESSÃO SEM Q & A É UMA SESSÃO MACIA.

É vital para todos os auditores compreenderem a utilidade deste material. Os ganhos para o pc são grandemente reduzidos pelo Q & A e o aclarar não é só travado. É evitado.

O termo “Q & A” significa que a resposta exata a uma pergunta é a pergunta, um princípio real. Contudo, veio a significar que o auditor fazia o que o pc fazia. Um auditor que está a “Q & A” está a entregar o controlo da sessão ao pc. O pc faz uma coisa e o auditor também faz uma coisa de acordo com o pc. O auditor seguindo apenas a liderança do pc não está a fazer audição e o pc é largado na “auto audição”.

Quase todos os auditores fazem isto, nenhuma audição é a receita do dia. Portanto estudei e observei e finalmente desenvolvi uma análise minuciosa do assunto, por falta do qual os auditores, embora compreendam Q & A, ainda assim fazem “Q & A”.

OS Q & As

Existem 3 Q & As. São eles:

1. Dupla pergunta.
2. Mudar porque o pc muda.
3. Seguir as instruções do pc.

A Dupla Pergunta



Isto acontece nas perguntas Tipo Rudimentos e está errado.

Este é o principal erro do auditor e *tem* de ser curado.

O auditor faz uma pergunta. O pc responde. O auditor faz uma pergunta acerca da resposta.

Isto não é apenas errado. É a principal fonte de Quebras de ARC e de rudimentos fora. É uma grande descoberta revelar isto tão simplesmente a um auditor porque eu sei que se for compreendido, os auditores farão isto bem.

O exemplo mais comum passa-se num grupo social. Perguntamos ao José “Como estás?” o José responde, “Estive doente.” Nós dizemos “Com quê?” Isto pode ser assim em sociedade, mas *não* numa sessão de audição. Seguir este padrão é fatal e pode varrer todos os ganhos.

Eis aqui em exemplo *errado*: Auditor: “Como estás?” PC: “Péssimo” Auditor: “Que se passa?” Em audição não se pode nunca, nunca, *nenhum* fazer isto. Todos os auditores o têm feito. E o seu efeito é péssimo no pc.

Eis aqui o exemplo *certo*: Auditor: “Como estás?” PC: “Péssimo.” Auditor: “Obrigado.” Honestamente, por estranho que pareça e por grande que seja o esforço para a sua maquinaria social que você ache, *não* existe outro modo de manejá-la.

E a totalidade do exercício deve ser assim: Auditor: “Tens um problema de tempo presente?” PC: “Sim” (ou *qualquer* coisa que o pc diga). Auditor: “Obrigado, vou verificar isso no e-metro”. (Olha para o e-metro.)

Tens um problema de tempo presente? Está limpo.” ou “.....Ainda reage. Tens um problema de tempo presente? IssoIsso.” PC: “Discuti com a minha mulher ontem à noite.” Auditor: “Obrigado, vou verificar isso no e-metro. Tens um problema de tempo presente? Está limpo.”

A maneira como os auditores têm manejado isto é assim, muito mal. Auditor: “Tens um problema de tempo presente?” PC: “Discuti com a minha mulher ontem à noite.” Auditor: “Acerca de quê?”

Falha! Falha! Falha!

A regra é NUNCA FAZER UMA PERGUNTA ACERCA DA RESPOSTA AO LIMPAR QUALQUER RUDIMENTO.

Se o pc vos der uma resposta, agradeçam e verifiquem no e-metro. *Nunca* façam uma pergunta acerca da resposta que o pc deu, seja *qual* for essa resposta.

Rigorosamente *não podem* facilmente limpar rudimentos enquanto fizerem uma pergunta acerca da resposta do pc.

Não se pode esperar que o pc sinta o agradecimento e assim permitem-se Quebras de ARC. E mais, afrouxa-se a sessão e pode varrer-se todos os ganhos. Pode inclusive pôr-se o pc pior.

Se o que se quer numa sessão são ganhos, nunca fazer Q & A em perguntas tipo rudimentos ou perguntas da verificação de segurança tipo Formulário.

Receba o que o pc disse. Agradeça. Verifique no e-metro. Se limpou, continue. Se ainda reage, faça outra pergunta do tipo de um rudimento.

Apliquem esta regra severamente. *Nunca* se desviem dela.

Muitos dos novos exercícios de TR baseiam-se nisto. Mas vocês podem fazê-lo agora.

Manejem assim todos os rudimentos do princípio, do meio e do fim. Ficarão *espantados* se o fizerem com os ganhos que rapidamente os pcs vão ter e quão facilmente os rudimentos vão entrar e ficar.

Ao fazer Verificação Preparatória entra-se mais fundo no bando do pc usando a sua resposta para o pôr a ampliar.

Mas nunca quando se usar uma pergunta tipo Rudimento ou verificação de segurança.

Mudar porque o Pc muda

Sendo um erro do auditor menos comum, mas mesmo assim existe.

Mudar um processo porque o pc está a mudar é uma quebra do Código do Auditor. É um flagrante Q & A.

Obter mudanças no pc, leva muitas vezes o auditor a mudar o processo.

Alguns auditores mudam o processo sempre que o pc muda.

Isto é muito cruel. Isto deixa o pc pendurado em cada processo percorrido.

É a marca de um auditor frenético, obsessivo em alterá-lo. A impaciência do auditor é tal que não pode esperar para alisar seja o que for e tem de continuar.

O método para evitar isto é a regra da audição pelo ponteiro de tom.

ENQUANTO HOUVER MOVIMENTO DO PONTEIRO DE TOM, CONTINUAR O PROCESSO.

MUDAR O PROCESSO SÓ QUANDO JÁ NÃO HOUVER MOVIMENTO NO PONTEIRO DE TOM.

Os processos de reparação de rudimentos não são processos no sentido lato da palavra. Mas mesmo aqui a regra aplica-se até certo ponto. A regra aplica-se se: Se nos rudimentos um pc tiver muito movimento no ponteiro do tom, e especialmente se na sessão tiver pouco movimento do ponteiro do tom, tem de percorrer-se uma Verificação Preparatória nas perguntas dos rudimentos e fazer CCH no pc. Normalmente, se fizerem um processo de rudimentos para pôr rudimentos dentro, ignorem o Movimento do Ponteiro de Tom. Senão nunca chegarão ao corpo da sessão e terão feito Q & A com o pc afinal. Pois terão deixado o pc “perder” a sessão por ter rudimentos fora e terão deixado o pc evitar o corpo da sessão. Então, ignorem a Acção do TA ao manejear rudimentos a menos que façam Verificação Preparatória, usando um rudimento de cada vez no corpo da sessão. Quando se usa um rudimento como rudimento, ignora-se a Acção do TA. Quando usarem um rudimento no corpo da sessão para Verificação Preparatória, tomem atenção à Acção do TA para ter a certeza que alguma coisa está a acontecer.

Não pendurem o pc em mil processos por aplana-lo. Aplanem um processo antes de mudar.

Seguir as instruções do Pc

Existem “auditores” que olham para o pc em busca de diretivas para manejá-lo nos seus casos.

Como a aberração é composta de desconhecidos isto resulta que o caso do pc nunca é tocado. Se é só o pc a dizer o que fazer, então só as áreas conhecidas do caso do pc serão auditadas.

Pode pedir-se a um pc dados sobre aquilo que outros auditores fizeram e dados em geral sobre as suas reações aos processos. Usam-se até este ponto os dados do pc *quando* também verificados no e-metro e de outras fontes.

Isto foi mal feito a mim próprio. Auditores houve uma vez ou outra que me pediram a mim como pc instruções e diretivas de como fazer certos passos em audição.

Claro que colar a atenção ao auditor já é bastante mau. Mas perguntar a um pc o que fazer, ou seguir as diretivas do pc quanto ao que fazer é descartar na sua totalidade o controlo da sessão. E o pc vai priorizar nessa sessão.



Também não considerem o pc um pateta a ser ignorado. É a sessão do pc. Mas sejam suficientemente competentes da vossa tarefa para *saber* o que fazer. E não odeiem tanto o pc a ponto de tomar as suas diretivas quanto ao que fazer a seguir. Isso é fatal em qualquer sessão.

SUMÁRIO

“Q & A” é gíria. Mas todos os resultados da audição dependem em auditar bem e não fazer “Q & A” De todos os dados acima apenas a primeira secção contém uma nova descoberta. É uma descoberta importante. As outras duas secções são antigas, mas têm de ser descobertas mais tarde ou mais cedo por todos os auditores que queiram ter resultados.

Se fizerem Q & A o vosso pc não alcançará ganhos da audição. Se realmente odeiam o pc, então sim façam Q & A, e fiquem com toda a sua repercussão.

Uma sessão sem Quebras de ARC é uma coisa maravilhosa de dar e receber. Hoje não temos de usar processos de Quebras de ARC se manejarmos bem os nossos rudimentos e nunca fizermos Q & A.

LRH:jw.rd

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 07 de ABRIL de 1964

TODOS OS NÍVEIS Q&A

Há uma grande quantidade de auditores que fazem Q&A.

Isto porque não compreendem o que significa Q&A.

Quase todos os seus fracassos em audição provêm, não do uso de processos errados, mas de Q&A.

Em função disso, examinei o assunto e redefini Q&A.

A origem do termo Q&A provém de "mudar quando o preclaro muda". A resposta básica a uma pergunta é, obviamente, a pergunta, se seguirmos completamente a duplicação da fórmula da comunicação. Vejam-se as gravações do Congresso de Filadélfia, em 1953 onde isto é abordado em detalhe. Uma definição posterior foi: "Questionar a resposta do preclaro". Outro esforço para ultrapassar a dificuldade e explicar Q&A foi o exercício Anti-Q&A. Porém nada disto atingiu o que se pretendia.

A nova definição é:

Q&A É A FALTA DE COMPLETAR UM CICLO DE AÇÃO NUM PRECLARO.

UM CICLO DE AÇÃO É REDEFINIDO COMO COMEÇAR, CONTINUAR, TERMINAR.

Assim, um ciclo de comunicação de audição é um ciclo de ação. Inicia-se com o auditor a fazer uma pergunta a que o preclaro consegue compreender, continua com a obtenção de uma resposta do preclaro e termina acusando-lhe a receção.

Um ciclo de um processo é a seleção de um processo para ser auditado no preclaro, fazer o processo dar TA (se necessário) e escoar todo o TA do processo.

Um ciclo de um programa é a seleção de uma ação a ser executada, executar essa ação e completá-la.

Pode assim ver-se que um auditor que interrompa ou que mude um ciclo de comunicação de audição antes de este estar completo, está a "fazer Q&A". Isto pode acontecer pela violação, impedimento ou não execução de qualquer das partes do ciclo de audição. Isto é: Pergunta uma coisa ao preclaro, recebe a resposta a uma ideia diferente, faz uma pergunta sobre essa ideia diferente abandonando assim a pergunta original.

Um auditor que começa um processo, que o põe simplesmente a funcionar e que obtém uma ideia nova por causa de uma cognição do preclaro e passa a lidar com a cognição e abandona o processo original, está a fazer Q&A.

Um programa, tal como um "Prepcheck na família deste Preclaro", que é iniciado e que por qualquer razão é deixado incompleto para perseguir qualquer nova ideia sobre a qual fazer o Prepcheck, é Q&A.

O que aniquila os casos são os ciclos de ação não concluídos.

Tendo em conta que o tempo é um "continuum", não concluir um ciclo de ação (um continuum) encalha o preclaro nesse exato ponto.

Se não acredita nisto faça um Prepcheck em "Ações incompletas" de um preclaro! Que ação incompleta foi suprimida?, etc., limpando mesmo o e-metro em cada botão. Então terá um clear, ou pelo menos alguém que se comportará como tal ao e-metro.



Compreenda isto e será à volta de noventa vezes mais eficiente como auditor.
"Não faça Q&A" significa: "Não deixe ciclos de ação incompletos num preclaro".
Os resultados que pretende alcançar num preclaro perdem-se quando faz Q&A.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 21 de NOVEMBRO DE 1973

A CURA PARA O Q&A

A MAIS MORTAL DAS DOENÇAS DO HOMEM

Q & A é um mal terrível que tem de ser curado antes que um Auditor (ou um Administrador) possa obter resultados.

A DOENÇA DO Q & A

- Auditor: Localiza aquela parede.
Pc: Dói-me a nuca.
Auditor: Já dói há muito tempo?
Pc: Desde que estive na tropa.
Auditor: Estás na tropa agora?
Pc: Não, mas o meu pai está.
Auditor: Tens estado em comunicação com o teu pai ultimamente?
Pc: Tenho saudades dele.
Auditor: Isso fez F/N, fim de processo.

O Auditor nem reparou que o pc nunca localizou a parede, ou que percorreu o pc por toda a trilha não aplanando nada, restimulando o pc.

UMA BACTÉRIA MORTAL

Quando um Auditor faz uma Pergunta e faz F/N de outra coisa pode confundir gravemente o pc.

- Auditor: Tens um withhold? Isso lê.
Pc: É apenas uma perversão de 2D. No que eu estava mesmo a pensar era no aumento que tive hoje.
Auditor: Isso fez F/N.
Pc (mais tarde na sessão): Esta org. é uma piolhice. Levam muito caro....
Auditor em mistério, sucumbe.

ISTO É APENAS Q & A, COM OUTRA CAPA.

DELÍRIO ADMINISTRATIVO

Quando um Administrativo faz Q & A desce imediatamente no quadro da org. e em espiral.

- LRH Com: Tens aqui uma meta de mudar os ficheiros.
Membro do Pessoal: Não entendi algumas das palavras.
LRH Com: Está aqui uma ordem de aclaramento de palavras para Qual.
(No dia seguinte.) LRH Com: Foste ao aclarador de palavras?



Membro do Pessoal: Agora estou em Linhas Médicas.

LRH Com: Estás doente há quanto tempo?

Membro do Pessoal: Desde que o Oficial de Ética foi mau para mim.

LRH Com: Vou ver o que se passa na tua pasta de ética....

E lá voltamos nós à mesma.

NENHUMA META ALCANÇADA PORQUE O EXECUTIVO NÃO CONSEGUIU MANEJAR O Q & A

O Q & A DO C/S

Os Supervisores de Caso (fico vermelho só de pensar) são por vezes culpados de Q & A e infetam as suas áreas com a sua bactéria.

Pc ao Examinador: Estou constipado.

C/S: Percorrer: localizar locais para curar a constipação.

Pc ao Auditor: Realmente estou PTS da minha Tia.

C/S: Fazer o PTS RD sobre a Tia.

Pc ao Examinador: Realmente é o meu pé.

C/S: Fazer assistência de toque no pé...

Qual é o C/S que alguma vez consegue fazer um programa para o pc desta maneira?

Onde se encontram programas por fazer nas pastas, encontram-se Auditores patetas e Supervisores de Caso do tipo Q & A.

FUMIGAÇÃO

Existem curas específicas para esta terrível e vergonhosa maleita. Ela tem de ser tratada pois resulta em ressurgimento de casos atolados e blows, altos e baixos TAs e caras muito vermelhas quando se conta a Estatística dos Completamente Pagos. A Cura é bastante violenta e muito poucos têm a coragem bastante para a fazer porque o seu confronto no começo é demasiado baixo, o que, com os seus itens de não-interesse deixados em restimulação nos seus Rundowns de drogas, ou nenhuns TRs para começar, ou nenhum Supervisor quando fizeram o Curso.

O resultado direto de tudo isto é um sintoma conhecido por “jogo das palminhas”. Este é um jogo infantil que consiste em bater as palmas e depois bater as palmas de um contra as do outro e desde Dianética 1950 significa NÃO TRATAR DOS CASOS. Os sinais do jogo das palminhas são uma postura fraca e desleixada, papos nos olhos, espinha curvada e olhos patéticos e lamuriantos. A respiração é ofegante e em pânico, as mãos transpiradas, sobressaltando-se ao cair um alfinete na sala ao lado. Contudo para aquelas almas vigorosas que querem Aclarar o planeta e que realmente querem resolver coisas acabou-se o descanso e seja lá como for façam este programa:

1. Este HCOB classe estrela. _____
2. HCOB 620524 “Q & A” classe estrela. _____
3. HCOB 611213 “Variar as Perguntas da Verificação de Segurança” _____
4. HCOB 620222 “Retenções, Falhadas e Parciais”. _____
5. HCOB 630329 “Sumário da Verificação de Segurança” _____
6. HCOB 640407 “Todos os Níveis - Q & A” _____
7. TRs de Maneira Rigorosa _____
8. Doutrinação Superior de Maneira Severa _____



9. Manejar o item por Fazer ou Nenhum Interesse do RD de Drogas do Auditor, C/S ou Administrador

10. 35 horas de Op Pro por Dup em Co-Audição recebendo e dando.

11. HCOB 630729 “Exercícios de Treino do Saint Hill Special Briefing Course” Secção “Exercício Q & A”

12. HCOB 731120 I Emissão Exercício Anti Q & A

13. HCOB 731120 II Emissão “F/N O que Pergunta ou Programa”.

14. Uma demonstração do derradeiro resultado final que a pessoa

PODE VER SITUAÇÕES E MANEJÁ-LAS

Pois que, é claro, a razão da pessoa fazer Q & A é ela não conseguir confrontar ou ver a cena existente e, portanto, não consegue manejá-la.

Q & A é a DOENÇA DAS EVASIVAS NA VIDA.

Quando tal pessoa tenta ter uma questão ou programa feito e a outra pessoa diz ou faz outra coisa, aquele que faz Q & A fica como que soterrado ou afundado e apenas se deixa ficar em efeito.

PESSOAS QUE CONSEGUEM COISAS FEITAS SÃO CAUSA. Quando não, fazem Q & A.

Por isso É uma espécie de doença. Soterramento Crónico. NÃO se cura com drogas nem com choques elétricos nem com operações ao cérebro.

Cura-se tornando-se suficientemente forte no confronto e no manejamento da vida!

LRH:ntjh

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 5 de ABRIL de 1980

Cursos de TRs

A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A

Existem várias definições para o termo "Q&A".

Em linguagem de Cientologia é muitas vezes usado para significar "indeciso", que não se consegue decidir. O "Q" é de "Questionar" (Perguntar) o "A" é de "Aceder" (Aceder a Responder).

Se estivermos a lidar com uma "duplicação perfeita", a resposta à Pergunta é a própria Pergunta.

Eis a verdadeira definição, tal como se aplica aos TRs: "Questionar a última Resposta".

Exemplo:

Pergunta: "Como é que estás?"

Resposta: "Estou bem".

Pergunta: "Bem como?"

Resposta: "Dói-me o estômago".

Pergunta: "Quando é que o estômago te começou a doer?"

Resposta: "Por volta das 4 horas".

Pergunta: "Onde é que estavas às 4 horas?"

Etc., etc., etc.

Este exemplo constitui num erro grosseiro de audição. Chamamos-lhe "Q&A" uma vez que cada pergunta é baseada na resposta precedente. Poder-lhe-íamos chamar também: "Q (Questão) baseada na última A [Acedência a responder]".

Deste modo, um ciclo nunca mais termina. Os Pcs mergulham na confusão. É uma violação do TR3. Não o façam.

Creio que o que acabo de dizer desfaz toda a confusão sobre este assunto.

L. Ron Hubbard

Fundador



VII. - TREINAMENTO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TREINAMENTO

A fim de o ajudar tanto quanto possível nos cursos na função de treinador, encontra em baixo alguns dados:

1. *Treine com um propósito*

a) Ao treinar, mantenha o objetivo de o estudante vir a fazer o exercício de treino corretamente; mantenha o propósito de trabalhar para alcançar esta meta. Como treinador, quando corrigir o estudante não o faça sem razão ou objetivo. Tenha em mente o propósito de o estudante obter uma melhor compreensão do exercício de treino, e de o fazer o melhor que puder.

2. *Treine com realidade*

a) Seja realista no seu treino. Quando der uma Originação a um estudante, faça uma verdadeira Originação e não apenas uma coisa que a folha diz que deve dizer; para que tudo se passe como se o estudante tivesse que a manejar, exatamente como você a disse, em condições e circunstâncias reais. Isto não quer, no entanto, dizer que sinta realmente, ao treinar, as coisas que está a dizer, como quando, por exemplo diz: “dói-me esta perna”. Isto não significa que a perna tenha que doer, mas deve dizer-lo de forma a transmitir ao estudante a ideia de que lhe dói a perna. Outra coisa: não use experiências do passado no treino. Seja imaginativo no presente.

3. *Treine com uma intenção*

a) Subjacente a todo o treino deverá estar a intenção de, ao terminar a sessão, o estudante ter a consciência de estar no **fim melhor do que no princípio**. O estudante deve sentir que realizou alguma coisa nesse passo do treino, por pouco que seja. Enquanto treina, a sua intenção é, e deverá sempre ser, que o estudante em treino fique mais capaz, e que tenha uma melhor compreensão daquilo em que está a ser treinado.

4. *No treino, tome uma coisa de cada vez*

a) Por exemplo: Ao usar o TR 4, se o estudante atinge a meta fixada para o TR 4, verifique então os TRs precedentes, um de cada vez. Ele está a confrontar? Cada vez



que ele origina a pergunta é como se fosse dele próprio e tem mesmo a intenção que você a receba? Ao acusar a receção termine o ciclo de comunicação, etc. Mas treine estas coisas uma de cada vez; nunca duas ou mais ao mesmo tempo. Assegure-se que o estudante faz corretamente cada coisa antes de passar ao passo seguinte do treino. Quanto melhor um estudante executar um certo exercício ou parte dum exercício pedido, você, como treinador, maior destreza deve exigir dele. Isto não significa “nunca estar satisfeito”. Significa sim que uma pessoa pode sempre melhorar e que, depois de alcançar uma certa plataforma de capacidade, deve trabalhar para alcançar uma nova plataforma.

Como treinador, deve sempre trabalhar com vista a dar treino melhor e mais preciso. Nunca se permita fazer um trabalho descuidado como treinador, porque estaria a prestar um mau serviço ao seu estudante, e duvidamos que gostasse que lhe prestassem a si um mau serviço desses. Se alguma vez tiver dúvidas acerca da correção do que ele ou você está a fazer, melhor será perguntar ao Supervisor. Ele terá muito gosto em ajudar, indicando os materiais corretos.

Ao treinar nunca dê uma opinião como tal, mas sempre as suas instruções com uma afirmação direta, em vez de dizer “penso que” ou “Bem, talvez deva ser desta forma”, etc.

Como treinador, você é o primeiro responsável pela sessão e pelos resultados obtidos pelo estudante. Isto não significa, é claro, que seja totalmente responsável, mas você tem mesmo responsabilidade para com o estudante e a sessão. Certifique-se de que mantém sempre um bom controlo sobre o estudante e dê-lhe boas diretivas.

De vez em quando, ao fazer algo incorreto, o estudante começará a racionalizar e a justificar o que está a fazer. Dará razões e porquês. Falar extensamente sobre essas coisas não adianta muito. A única coisa que realmente chega às metas do TR e解决 qualquer divergência é fazer a Rotina de Treino. Fazê-lo leva mais longe do que falar sobre ele.

Nos exercícios de treino o treinador deve treinar com os materiais dados sob os títulos “Ênfase do Treino” e “Propósito” da folha de treino.

Estes exercícios de treino têm ocasionalmente a tendência de perturbar o estudante. Durante um exercício existe a possibilidade do estudante se zangar, ficar extremamente perturbado ou sofrer qualquer má-emoção. Se isto ocorrer, o treinador não deve “recuar”. Deve continuar com o exercício de treino até ele o poder fazer sem tensão nem coação, e sentir-se “bem com ele”. Portanto, não “recue”, mas empurre o estudante através de quaisquer dificuldades que ele possa ter.

Há uma pequena coisa que a maioria das pessoas se esquecem de fazer, que é, quando o estudante executou bem o exercício ou fez um bom trabalho num passo particular, dizer-lhe que o fez. Além de corrigir os erros também se deve louvar a correção.

Dê “falha” muito decididamente ao estudante por qualquer coisa que se traduza em “auto-treino”. A razão é que o estudante terá tendência a introverter-se e olhará demasiado para o que está a fazer e como o está a fazer em vez de simplesmente o fazer.



Como treinador mantenha a sua atenção no estudante e em como ele vai, e não tanto no que você próprio está a fazer, o que o faria esquecer o estudante e a sua consciência da capacidade ou incapacidade dele de fazer o exercício corretamente. É fácil ficar “interessante” para um estudante, fazê-lo rir e representar um pouco. Pôrém o seu trabalho principal como treinador é verificar a que ponto ele se pode tornar capaz em cada exercício de treino, e é nisso que tem que ter a sua atenção; nisso e em como ele vai.

Em larga medida, os progressos do estudante são determinados pelo nível do treino. Ser um bom treinador produz auditores que, por seu turno, produzirão bons resultados nos preclaros. Bons resultados produzem pessoas melhores.

L. Ron Hubbard

Fundador



VIII. - TEORIA DOS TRs

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, Grinstead Oriental, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 16 DE AGOSTO DE 1971R

EMISSÃO II

REVISTO 5 JUL. 1978

REEMITIDO 6 AGO 1983

Remimeo

Cursos

Checklists

EXERCÍCIOS DE TREINO RE-MODERNIZADOS

(Revê 17 Abril 1961.

Este HCOB cancela o seguinte:

HCOB 17 Abr. 61, origin,	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS.
HCOB 5 Jan. 71, revisto,	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS.
HCOB 21 Jun. 71, revisto, III	EXERCÍCIOS DE TREINO MODERNIZADOS. Emissão
HCOB 25 Maio 71	O CURSO DE TRs

Este HCOB é para substituir todas as outras emissões de
TRs de 0 a 4 em todos os blocos e folhas de controlo).

Devido aos fatores seguintes, modernizei os TRs de 0 a 4.

1. A perícia de audição de qualquer estudante só fica tão boa quanto ele possa fazer os TRs.
2. Erros de TRs são a base de toda a confusão nos esforços subsequentes para auditá-los.
3. Se os TRs não ficarem bem-sabidos bem cedo nos cursos da Cientologia, O EQUILÍBRIO DO CURSO FALHARÁ E OS SUPERVISORES DOS NÍVEIS SUPERIORES ENSINARÃO, NÃO OS SEUS ASSUNTOS, MAS OS TRs.
4. Quase todas as confusões com o E-metro, Sessões Modelo e processos de Cientologia ou Dianética vêm diretamente de uma incapacidade de fazer os TRs.
5. Um estudante que não tenha dominado os seus TRs não irá dominar mais nada.
6. Os processos de Cientologia ou Dianética não funcionarão na presença de maus TRs. O Preclaro já está a ser sobrecarregado pela velocidade do processo e não pode suportar erros com TRs sem ter quebras de ARC.



As Academias foram duras com os TRs até 1958 e, desde então, tenderam a abrandar. Os cursos de comunicação não são um passatempo social.

Estes TRs aqui dados devem ser postos imediatamente em uso em todo o treino de auditores, na Academia e HGC e não devem jamais ser atenuados no futuro.

Os cursos de TRs para público não são "suaves" porque são para público. Absolutamente nenhuns padrões são reduzidos. O PÚBLICO FAZ VERDADEIROS TRs SEVEROS, FIRMES E DUROS. Fazer outra coisa é perder 90% dos resultados. Não há nada de pálido ou de infantil nos TRs.

ESTE HCOB SIGNIFICA O QUE DIZ E NÃO OUTRA COISA QUALQUER. NÃO IMPLICA OUTROS SIGNIFICADOS. NÃO ESTÁ ABERTO A INTERPRETAÇÕES DE OUTRA FONTE.

ESTES TRs SÃO FEITOS EXATAMENTE SEGUNDO ESTE HCOB SEM AÇÕES OU ALTERAÇÕES ADICIONAIS.

NÚMERO: OT TR0 1971

NOME: Confronto de Thetan Operante.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente de olhos fechados, a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante estar ali confortavelmente e confrontar outra pessoa. A ideia é levar o estudante a ESTAR ali confortavelmente numa posição um metro à frente da outra pessoa, ESTAR ali e não fazer nada mais além de ESTAR ali.

ÊNFASE DE TREINO: estudante e treinador sentados frente a frente de olhos fechados. Não há conversação. Este é um exercício silencioso. Não há NENHUNS tiques, movimentos, confronto com uma parte do corpo, "sistemas" ou vias para confrontar, ou outra coisa qualquer além de ESTAR ali. Normalmente uma pessoa, com os olhos fechados, verá negrume ou uma área da sala. ESTAR ALI, CONFORTAVELMENTE E CONFRONTAR.

Quando o estudante puder estar ali confortavelmente e confrontar, e atingir uma vitória principal estável, o exercício é passado.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Junho de 1971 para dar um gradiente adicional ao confronto e eliminar o confronto dos estudantes com os olhos, pestanejar, etc. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de pesquisa sobre TRs.



NÚMERO: TR 0, CONFRONTO, REVISTO em 1961

NOME: Confronto com o Preclaro.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a confrontar um Preclaro com audição ou sem nada. A ideia é só levar o estudante a ser capaz de estar ali confortavelmente a uma distância de um metro de um Preclaro, ESTAR ali e não fazer nada mais além de ESTAR ali.

ÊNFASE DE TREINO: estudante e treinador sentados frente a frente, sem conversa e sem qualquer esforço para serem interessantes. Ficam ali sentados a olhar um para o outro sem dizerem nada e sem fazerem nada durante algumas horas. O estudante não pode falar, pestanejar, mexer os dedos nervosamente, rir ou ficar envergonhado ou *anatem*. Descobrir-se-á que o estudante tende a confrontar COM uma parte do corpo, em vez de confrontar simplesmente, ou a usar um sistema para confrontar em vez de ESTAR ali simplesmente. O exercício teria um nome errado se Confrontar significasse FAZER algo ao Pc. A ação é toda ela para acostumar o auditor a ESTAR ALI a um metro do Preclaro sem se desculpar ou se mover, ou ficar assustado, envergonhado ou defensivo. O confronto com uma parte do corpo pode causar somáticos na parte do corpo usada para confrontar. A solução é simplesmente confrontar e ESTAR ali. O estudante passa quando puder ESTAR ali e confrontar simplesmente, e tiver atingido uma vitória principal estável.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957 para treinar os estudantes a confrontar Preclaros na ausência de truques ou conversas sociais, e ultrapassar compulsões obsessivas para ser "interessante". Revisto por L. Ron Hubbard em Abril de 1971 ao descobrir que as Metas SOP precisavam, para seu sucesso, de um nível de perícia técnica muito mais alto do que os outros processos. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de descobertas sobre TRs.

NÚMERO: TR 0 PROVOCADO, REVISTO EM 1961

NOME: Confronto Provocado.

COMANDOS: Treinador: "Começa" "Para" "Falhou" (Reprovado).

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável, cerca de um metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar um Preclaro com audição ou sem nada. A ideia é levar o estudante a ser capaz de ESTAR ali confortavelmente, numa posição um metro do Preclaro, sem ser derrotado, distraído ou reagir de qualquer forma àquilo que o Preclaro diga ou faça.



ÊNFASE DE TREINO: Depois do estudante ter passado o TR 0 e poder simplesmente ESTAR ali confortavelmente, a "provocação" pode começar. Qualquer coisa adicionada a ESTAR ALI é totalmente reprovada pelo treinador. Tiques, pestanejar, suspiros, mexer os dedos, qualquer coisa para além de estar ali é rapidamente reprovada pelo treinador, indicando a razão.

LINGUAGEM: O estudante tosse. Treinador: "Falhou! Tossiste. Começa". Este é a única linguagem do treinador como treinador.

LINGUAGEM COMO SUJEITO CONFRONTADO: O treinador pode fazer ou dizer qualquer coisa exceto abandonar a cadeira. Os "botões" do estudante podem ser encontrados e duramente "apertados". Quaisquer palavras que não sejam de treino não podem obter qualquer resposta do estudante. Se o estudante responder, o treinador é imediatamente treinador (ver linguagem acima). O estudante passa quando puder ESTAR ali confortavelmente sem ser derrotado ou distraído ou reagir de qualquer maneira a qualquer coisa que o treinador diga ou faça, e atingir uma vitória principal estável.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957, para treinar os estudantes a confrontarem os Preclaros na ausência de truques ou conversas sociais, e ultrapassarem compulsões obsessivas para ser "interessantes". Revisto por L. Ron Hubbard em Abril de 1961 ao descobrir que as Metas SOP requerem, para seu sucesso, um nível de perícia técnica muito superior aos processos anteriores. Revisto por L. Ron Hubbard em Agosto de 1971 depois de pesquisa sobre TRs.

NÚMERO: TR1, REVISTO em 1961

NOME: Querida Alice.

PROPÓSITO: Treinar o estudante para dar um comando de novo e numa nova unidade de tempo ao Preclaro sem vacilar ou tentar sobrecarregar ou usar uma via.

COMANDOS: Uma frase (com "ele disse" omitido) é tirada do livro "Alice no País das Maravilhas" e lida para o treinador. A frase é repetida até que o treinador fique satisfeito por esta ter chegado até ele.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: O comando vai do livro para o estudante e, como seu, para o treinador. Não pode ir do livro para o treinador. Tem que soar natural e não artificial. Dicção e elocução não tomam parte nisto. O volume pode tomar.

O treinador tem que ter recebido e compreendido claramente o comando (ou pergunta) antes de dizer "Muito bem".

LINGUAGEM: O treinador diz "Começa", diz "Muito bem" sem um novo começo se o comando for recebido, ou diz "Falhou" se o comando não for recebido.



"Começa" não é usado outra vez. "Pronto" é usado para interromper para discussão, e o treinador tem que dizer: "Começa" antes de retomar a atividade.

Este exercício só é passado quando o estudante puder passar um comando naturalmente, sem esforço ou artificialidade, ou floreados e gestos locutórios, e quando o estudante o pode fazer fácil e descontraidamente.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para ensinar a fórmula da comunicação aos estudantes novos. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para aumentar a capacidade de audição.

NÚMERO: TR2 REVISTO 1978

NOME: Acusar a Recepção.

PROPÓSITO: Ensinar ao estudante que acusar a receção (reconhecimento) é um método de controlar a comunicação do Preclaro e que acusar a receção é um ponto final. O estudante tem que **compreender** e acusar **corretamente** a receção à comunicação, e de tal forma que ela não continue.

COMANDOS: O treinador lê linhas de "Alice no País das Maravilhas" omitindo "ele disse", e o estudante acusa totalmente a receção. O estudante diz "Muito bem", "Ótimo", "Ok", "Percebi", **qualquer coisa** desde que seja apropriada à comunicação do Preclaro, e de tal maneira que realmente convença a pessoa que está ali como Preclaro que foi ouvida. O treinador repete qualquer linha da qual sintia não ter recebido um verdadeiro acusar de receção.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a acusar exatamente a receção àquilo que foi dito, para que o Preclaro saiba que isso foi ouvido. Pergunte de vez em quando ao estudante: o que é que eu disse? Restrinja o acusar de receção. Nem demais nem de menos. A princípio deixe o estudante fazer qualquer coisa para fazer passar o acusar de receção, estabilize-o depois. Ensine-lhe que acusar a receção é uma paragem, e não o começo de um novo ciclo de comunicação, que não encoraje o Preclaro a continuar, e que esse acusar de receção tem que ser apropriado à comunicação do Pc. O estudante tem que ser desabituado de usar roboticamente "Muito bem", "Obrigado" como únicas formas de acusar a receção.

Ensinar, além disso, que uma pessoa pode deixar de fazer passar um acusar de receção, ou de parar um Pc, ou fazer saltar a cabeça do Pc com um acusar de receção.

LINGUAGEM: O treinador diz: "Começa", lê uma linha e diz: "Falhou" todas as vezes que sentir que acusar a receção foi incorreto. O treinador repete a mesma linha cada vez que diz "Falhou". "Pronto" pode ser usado para interromper para discussão ou para terminar a sessão. "Começa" tem que ser usado para começar um novo treino depois de um "Pronto".



HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em 1956 para ensinar a estudantes novos que acusar a receção acaba um ciclo de comunicação e um período, e que um novo comando inicia um novo período. Revisto em 1961, e outra vez em 1978 por L. Ron Hubbard

NÚMERO: TR 2 ½, 1978

NOME: Semi Acusar de Receção.

PROPÓSITO: Ensinar ao estudante que semi acusar de receção é um meio de encorajar o Preclaro a comunicar.

COMANDOS: O treinador lê linhas de "Alice no País das Maravilhas" omitindo "Ele disse" e o estudante semi acusa a receção ao treinador. O treinador repete qualquer linha que ele tenha sentido que não recebeu esse semi acusar de receção.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar ao estudante que semi acusar a receção é um meio de encorajar o Preclaro a **continuar** a falar. Restrinja um acusar de receção excessivo que impeça o Pc de falar. Além disso ensine-lhe que semi acusar a receção é uma maneira de manter o Pc a falar, dando ao Pc a sensação que está a ser ouvido.

LINGUAGEM: O treinador diz: "Começa", lê uma linha e diz: "Falhou" todas as vezes que sentir que houve um semi acusar de receção incorreto. O treinador repete a mesma linha cada vez que diz "Falhou". "Pronto" pode ser usado para parar para discussão ou terminar a sessão. Se a sessão for parada para discussão o treinador tem que dizer "Começa" mais uma vez antes de retomar a atividade.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Julho de 1978 para treinar os auditores em como levar o Preclaro a continuar a falar, como na R3RA.

NÚMERO: TR 3 REVISTO 1961

NOME: Pergunta Duplicativa.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a duplicar, sem variação, uma pergunta de audição, cada vez de novo na sua própria unidade de tempo, e não como uma misturada com outras perguntas, acusando-lhe a receção. Ensinar que uma pessoa nunca faz uma segunda pergunta sem ter obtido a resposta à primeira.

COMANDOS: "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?"

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados a uma distância confortável.



ÊNFASE DE TREINO: Uma pergunta e o acusar de receção de estudante à resposta, numa unidade de tempo, que então termina. Impedir que o estudante se afaste para variações do comando. Embora seja a mesma pergunta, esta é feita como se nunca tivesse ocorrido.

O estudante tem que aprender a dar um comando, a receber uma resposta e a acusar-lhe a receção numa unidade de tempo.

O estudante é reprovado se não conseguir uma resposta à pergunta feita, se falhar em repetir a pergunta exata, se fizer Q&A com as divagações do treinador.

LINGUAGEM: O treinador usa "Começa" e "Pronto", como nos TRs anteriores. O treinador não é obrigado a responder à pergunta do estudante, podendo fazer um atraso de comunicação (comunicação lag), ou dar respostas tipo comentário para enganar o estudante. O treinador também deve responder regularmente. De uma forma menos regular o treinador tenta levar o estudante a fazer Q&A ou a perturbá-lo. Exemplo:

Estudante: "Os peixes nadam?"

Treinador: "Sim."

Estudante: "Muito bem."

Estudante: "Os peixes nadam?"

Treinador: "Não estás com fome?"

Estudante: "Sim."

Treinador: "Falhou!"

Quando a pergunta não é respondida, o estudante tem que dizer suavemente, "Vou repetir a pergunta de audição", e fá-lo até conseguir a resposta. Qualquer coisa para além dos comandos, de acusar a receção e, conforme necessário, da frase de repetição, é reprovada. O uso desnecessário da frase de repetição é reprovado. Um comando deficiente é reprovado. Um acusar de receção deficiente é reprovado. Q&A é reprovado (como no exemplo). Uma má-emoção ou confusão do estudante é reprovada. Uma falha do estudante em dar o comando seguinte sem um grande atraso de comunicação é reprovada. Um acusar de receção cortante ou prematuro é reprovado. Uma falta de acusar a receção (ou falta de uma comunicação clara) é reprovada. Quaisquer palavras do treinador exceto uma resposta à pergunta, "Começa", "Falhou", "Muito bem" ou "Pronto" não deverão influenciar em nada o estudante, exceto levá-lo a dar a frase de repetição e o comando, mais uma vez. Por frase de repetição queremos dizer "Vou repetir a pergunta de audição".

"Começa", "Falhou", "Muito bem" e "Pronto" não podem ser usados para desorientar ou enganar o estudante. Quaisquer outros "dichotes" podem ser usados. Neste TR o treinador pode tentar deixar a cadeira. Se ele o conseguir, o estudante é reprovado. O treinador não deve usar declarações introvertidas como: "Tive uma cognição". As declarações divertidas do treinador deverão todas ser relacionadas com o estudante, e concebidas para enganarem o estudante e levá-lo a perder o controlo da sessão, ou da ordem daquilo que está a fazer. O trabalho do estudante é manter a sessão em marcha apesar de tudo, usando o



comando, a frase de repetição ou o acusar de receção. O estudante pode usar as mãos para impedir o abandono do treinador. Se o estudante fizer qualquer outra coisa além do descrito acima, é reprovado e o treinador tem que lho dizer.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Abril de 1956, para ultrapassar as variações e mudanças repentinhas nas sessões. Revisto em 1961 por L. Ron Hubbard. O TR antigo tem uma ponte de comunicação como parte do treino, mas isto agora já faz parte, e é ensinado, na Sessão Modelo, e já não é necessário neste nível. Os auditores têm fraquejado em conseguir respostas às suas perguntas. Este TR foi redesenhado para remediar essa fragilidade

NÚMERO: TR 4 REVISTO 1961

NOME: Originações do Preclaro.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a não ficar embatocado ou surpreendido ou fora de sessão pelas originações do Preclaro, e a manter ARC com o Preclaro durante a originação.

COMANDOS: O estudante percorre "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?" no treinador. O treinador responde, mas de vez em quando faz comentários surpreendentes a partir de uma lista preparada fornecida pelo Supervisor. O estudante tem que manejar as originações até satisfação do treinador.

POSIÇÃO: estudante e treinador sentados frente a frente a uma distância confortável.

ÊNFASE DE TREINO: Ensinar o estudante a ouvir a originação e a fazer três coisas:

1. Compreendê-la.
 2. Acusar-lhe a receção e
 3. Retornar o Preclaro para a sessão.
- Se o treinador sentir que há brusquidão, demoras, ou faltas de compreensão, corrige o estudante.

LINGUAGEM: Todas as originações têm a ver com o treinador, com as suas ideias, reações ou dificuldades, e não têm nada a ver com o auditor. Tirando isto, a linguagem é a mesma dos TRs anteriores. A linguagem do estudante é governada por:

1. Clarificar e compreender a originação.
2. Acusar a receção da originação.
3. Dar a frase de repetição: "Vou repetir o comando de audição", e depois dá-lo. Qualquer outra coisa é reprovada.

O auditor tem que ser ensinado a evitar quebras de ARC e a diferenciar entre um problema vital que tem a ver com o Preclaro, e um mero esforço para abandonar a sessão. (TR 3 Revisto). O estudante é chumbado se fizer mais do que: 1. Compreender; 2. Acusar a Receção; 3. Devolver o Pc à sessão.

O treinador pode introduzir comentários pessoais relacionados com o estudante, como no TR 3. Se o estudante não os diferenciar (tentando manejá-los) das observações do treinador sobre si próprio como "Pc", é um chumbo.



Uma falta de persistência do estudante é sempre reprovada em qualquer TR, mas ainda mais aqui. O treinador nem sempre deve fazer a originação a partir da lista, nem olhar para o estudante ao fazer um comentário. Por Originação quer-se dizer uma declaração ou observação referente ao estado do treinador, ou fingido. Por comentário queremos dizer uma declaração ou comentário referente apenas ao estudante ou à sala. *Originações são manejadas, Comentários são negligenciados pelo estudante.*

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956 para ensinar os auditores a ficarem em sessão quando o Preclaro escorrega para fora. Revisto por L. Ron Hubbard em 1961 para ensinar ao auditor mais sobre como manejar originações, evitando Quebras de ARC.

Como o TR 5 também faz parte dos CCHs pode ser omitido nos TRs do Curso de Comunicação, apesar da sua presença nas listas anteriores para estudantes e auditores de pessoal.

NOTA DE TREINO

É melhor passar através destes TRs várias vezes ficando estes cada vez mais duros, do que ficar pendurado para sempre num TR, ou ser tão duro a princípio que o estudante entra em declínio.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 8 DE AGOSTO DE 1983

Remimeo

Checklists de Curso de Pro TRs

Supervisores de TRs

**CICLOS ATRAVÉS DOS TRS
NUM CURSO DE TRs PROFISSIONAIS**

Foi dada uma nova definição e ação ao ato de Fazer Ciclos através dos TRs num Curso de TRs Profissionais.

Segundo a nova definição os ciclos nos TRs significam: UM ESTUDANTE EXERCITAR OS TRS, CADA UM ATÉ PASSAGEM, ATÉ FICAR BLOQUEADO NUM E ENTÃO SER DEVOLVIDO AO TR ANTERIOR QUE NÃO TINHA PASSADO.

Uma razão para isto é: DESCOBRIU-SE, DE FORMA CONCLUDENTE, QUE QUANDO UM ESTUDANTE FALHA NUM TR ANTERIOR, NÃO PODE FAZER UM TR POSTERIOR.

O manejo óbvio é portanto passá-lo de forma standard no TR inferior e *depois* elevá-lo ao seguinte.

Originalmente, ciclos através dos TRs significava que o estudante subia pelos TRs, um por um, familiarizando-se com eles e obtendo um pequeno ganho em cada TR antes de passar ao seguinte. Depois voltava ao princípio e iniciava novo ciclo através dos TRs, uma e outra vez, até alcançar desta forma uma passagem total em todos os TRs. O gradiente de dureza deveria ser aumentado a cada novo ciclo.

Este sistema abria contudo a porta à permissividade e resultava daí que os estudantes levavam um tempo interminável nos Cursos de TRs. A permissividade não tem lugar em qualquer Curso de TRs Profissionais. Tampouco requer meses para os fazer corretamente.

A forma consagrada pelo tempo usada antes, quando os TRs ainda eram passados rapidamente, consistia apenas de levar o estudante a atravessar cada TR individualmente. Os estudantes conseguiam-no quando martelados em cada TR de cada vez, até obterem uma passagem total nesse TR antes de passarem ao TR seguinte.

Esta é a forma dura e severa como eram feitos antigamente com sucesso e que mais recentemente provou ser bem sucedida.

Há contudo outro fator vital em que isto se encaixa. É que o estudante DEVE ter uma compreensão do Triângulo ARC e do ciclo de comunicação, e ter feito o ciclo de comunicação completo em plasticina.



Com estas bases introduzidas e cada TR depois exercitado e passado sucessivamente, obtemos resultados.

Assim, chegamos a uma nova definição de ciclos através dos TRs e chegamos às regras seguintes:

NOS TRS PROFISSIONAIS, FEITOS À DURA, O ESTUDANTE TREINA CADA TR ATÉ UMA PASSAGEM, UM DE CADA VEZ.

SE UM ESTUDANTE TEM PROBLEMAS, FICA BLOQUEADO E NÃO CONSEGUE PASSAR NUM TR SUPERIOR, ELE NÃO COMPLETOU UM **TR INFERIOR** E É POSTO DE NOVO **NO TR INFERIOR QUE NÃO PASSOU E A ATRAVESSA-O** ATÉ UMA PASSAGEM REAL. EM SEGUIDA VOLTA A EXERCITAR CADA TR A PARTIR DAÍ, CADA UM DELES COMPETENTEMENTE, ATÉ UMA PASSAGEM.

SE O ESTUDANTE FICA BLOQUEADO NOS TRS INFERIORES, É POSTO DE NOVO NO INÍCIO A ESTUDAR **O** ARC E O CICLO DE COMUNICAÇÃO, POIS HAVERÁ AÍ ALGO QUE ELE NÃO CAPTOU.

Este regime é a própria simplicidade. E funciona. É o caminho para Cursos de TRs Profissionais rápidos e bem sucedidos, e auditores com TRs naturais, fáceis e impecáveis.

L. RON HUBBARD Fundador

LRH:pm.iw.gm Trad:

ML:JP:RK:ml



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
HCOB DE 7 DE AGOSTO DE 1983

Remimeo
Curso de TRs Profissionais
Supervisores de TRs
Oficiais de Cramming
Estudantes de TRs

TRs ROBÓTICOS

TRs rígidos e não naturais são TRs robóticos. Os estudantes e auditores que não dominaram os TRs manejam a comunicação de forma robótica.

ANATOMIA DE UM ROBOT

Pode dizer-se dos robots que:

1. Não sabem o que é um ciclo de comunicação.
2. Nunca passaram realmente o OT TR 0.
3. Nunca passaram realmente o TR 0.
4. Nunca passaram realmente o TR 0 BB (Provocado).
5. Não fazem o TR 1 numa nova unidade de tempo de cada vez que dão a frase de forma que soa sempre o mesmo, e provavelmente misturam o TR 3 com o TR 1, ou estão presos numa série de 0s não esgotada (OT TR 0, TR 0, TR 0 BB).
6. Não compreendem que os seus TRs se dirigem à pessoa na sua frente, e provavelmente dirigem-nos aos instrutores para obter uma passagem.

Desta forma, graças a uma mistura do que precede, estes estudantes e auditores parecem robots. Nunca obteriam o produto de um Pcs interessado no seu próprio caso e disposto a falar ao auditor. E é possível que não saibam que é esse o seu produto.

O caso é que seria quase impossível a qualquer estudante ou auditor continuar a parecer um robot se tivesse realmente *feito* os TRs.

REMÉDIO

O remédio para os TRs robóticos é voltar a pôr o estudante a estudar as bases do ARC e o Triângulo ARC, o ciclo de comunicação e o Produto Final Válido dos TRs. (Ref. HCOB 24 Dez 79, BASES RESSUSCITADAS DOS TRs). Em seguida *voltar a exercitar* os TRs desde OT TR 0 PARA A FRENTE, cada um deles, desta vez, até uma passagem real.

A solução para qualquer auditor que pareça um robot é executar os passos acima e completar totalmente o Curso de TRs Profissionais.

Os seus Pcs ficarão muito contentes se ele o fizer.

L. RON HUBBARD Fundador

LRH:iw.gm Trad.:ML:JP:RK:ml



IX. - REMÉDIOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 3 DE FEVEREIRO DE 1979

Emissão II

A TECH DE CONFRONTO TEM QUE FAZER PARTE DA FOLHA DE CONTROLO DE TRS

A inabilidade de confrontar é basicamente provocada por contenções, e quando uma pessoa não pode ser exercitada em confrontar, ela tem que retirar as contenções.

O facto de que ela cometeu overts e de não os querer expor, fá-lo aparentemente reter a atenção, e o resultado é a sua capacidade de confrontar ser minorada.

Também quando uma pessoa tem overts num assunto e está a retê-los, ela tem tendência a complicar esse assunto e não pode descer à sua simplicidade básica. O mundo parece-lhe muito complicado, provavelmente porque a atenção está embrulhada nas suas contenções, em vez de nos seus reais problemas ou assuntos.

A descoberta nova aqui é que uma pessoa que tem overts e contenções num assunto não pode operar naquela área e pode introduzir complexidades, pois, é claro, ela não a pode confrontar.

Quando uma pessoa não pode tomar responsabilidade pelas suas contenções, e não está a beneficiar em termos de caso ao largá-las, está meio morto como ser. É um círculo vicioso: ela começa por cometer overts porque não podia confrontar as coisas, e então contém-se de dizer o que tinha feito. Por causa das contenções e de não poder confrontar, ela começa a tomar drogas pesadas e álcool. Estas empurram-na para a morte e pioraram ainda mais a sua capacidade de confrontar, e até a levam a cometer mais overts que ela então contém, e isto deteriora mais a capacidade de confrontar. Tudo isto radica no facto de ele não ter podido confrontar em primeiro lugar. Não há nada mais irresponsável do que um homem morto. E quando o confronto baixa e as contenções entram em ação, a pessoa desliza para a morte como ser.

Este círculo vicioso pode ser manejado em processamento a vários níveis, desemaranhar-se-á e a pessoa ficará viva e capaz confrontar. Mas os primeiros passos, e aqueles que o poderiam levar bem lá para cima da escada, são os exercícios do Curso de TRs, se devidamente feitos, repetidas vezes em rotação, cada vez até um ganho em cada exercício particular.

Verdadeiramente, um mundo recomeça recuperando a capacidade de confrontar.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 31 DE JANEIRO DE 1979

Remimeo

Folha de Controle do Curso de TRs

Curso de Supervisor do Curso de TRs

Tech Sec

Qual Sec

EXERCÍCIOS DE HUMOR

Os seres podem estar fixos ou bloqueados num humor (emoção) crónico, sempre tristes, sempre irados, sempre aborrecidos, etc. Na vida e vivência, isto já os torna difíceis de aturar, mas num auditor é fatal. O humor de um auditor, particularmente se fixo e crónico, pode influenciar a sessão e os resultados que ele obtém na mesma.

Os TRs são uma questão de som, não de como um auditor se sente. Quando um auditor tem um humor fixo ou bloqueado, tal como monotonia, timidez, aborrecimento, manifesto nos seus exercícios de TRs ou em sessão, isto pode retardar o progresso de um Pc, irritá-lo ou perturbá-lo. Os TRs do auditor devem soar animados, interessados e naturais.

Os Exercícios de Humor foram desenvolvidos para manejar níveis de tom fixos num auditor, descontrolados ou inadequados. Estes exercícios consistem de exercitar o TR 1 repetidas vezes em cada nível de tom de toda a Escala de Tom (HCOB de 25 Set 71RB, Revisto a 1 Abr. 78, ESCALA DE TOM COMPLETA). Começa no fundo da escala e faz TRs em cada nível de tom *nesse tom*, depois passa ao tom seguinte e ao seguinte, isto é, TR 1 repetidas vezes em "Moribundo", depois no tom "Inútil" e assim por diante, pela escala acima. O treinador leva simplesmente o estudante a fazer TR 1 nesse nível de tom particular até que, tanto o treinador como o estudante estejam satisfeitos de o estudante ter conseguido transmitir esse tom, e de o estudante ter tido um ganho.

É um facto técnico que os humores ou emoções são habitualmente "automáticos", o que significa que não necessariamente estão sob o controlo da própria pessoa. É como se ela estivesse sob alter-determinismo. Tecnicamente, pode "tomar" o automatismo e pô-lo sob o controlo de um ser, levando-o simplesmente a executá-lo conscientemente repetidas vezes. Também pode mudar um nível de tom crónico tirando dele a atenção da pessoa, e levando-a a fazer outra coisa (Referência: "Ability 36" e "Ability - Fio Direto").

A posição do corpo, o tom da voz, a expressão facial e a atitude fazem todos parte da transmissão do humor ou nível de tom. Por exemplo, o estudante que está a fazer os Exercícios de Humor faz TR 1 no tom de "Ira". Diz uma frase de *Alice no País das Maravilhas* e esta soa um pouco fraca. Fraseado do treinador: "pronto. Soa um pouco suave. Vamos obter mais Gr-r-r-r-r. Começa". O estudante repete a frase, mas sorri ligeiramente, embora soe mais irado. Treinador: "pronto. *Sou* mais irado, mas sorriste. Fá-lo outra vez: *Sentes-te irado. Começa*". O estudante diz de novo a frase, desta vez frouxando ferozmente a testa e num tom de voz *muito* impertinente, inclinando-se para a frente agressivamente. Treinador. "Bom! Sentes que conseguiste?" O treinador continua até que o estudante esteja seguro de que o pode fazer com facilidade. O treinador deve poder identificar as diversas emoções e, se dúvidas tiver, recorre ao dicionário até que treinador e estudante estejam de acordo quanto ao tom, ou o que significa, e quanto a se está correta e manifestamente expresso.



Um estudante ao fazer estes exercícios deve tomar cuidado com os MUs, e o treinador deve assegurar-se de que tanto ele como o estudante compreendem cada humor (tom). Quaisquer humores que sejam demasiado fáceis, deverão ser detetados pelo treinador e repetidos até que o automatismo seja quebrado.

Se um humor é demasiado difícil de dominar para o estudante, mande-o fazer TR 1 em diferentes beingnesses, isto é, um estudante tímido que tenta soar antagonista deveria ser convidado a fazê-lo como uma pantera, um leão, um facínora, etc. Se o mandasse fazê-lo como um passarinho receoso ou outra coisa tímida nunca seria antagonista, pois teria provavelmente o seu estudante no seu próprio tom. Uma vez mais, faça as coisas que levaram o estudante a triunfar e nunca para o exasperar. O objetivo é só levá-lo a fazer o TR 1 de forma antagonista. Essas mudanças de beingness podem ajudar a soltar a sua atenção da repulsa de uma emoção que ele não pode experimentar com facilidade.

Uma vez começados, os Exercícios de Humor deverão ser continuados até que toda a escala esteja esgotada, para que o auditor não fique preso na Escala de Tom, mas possa fazer qualquer humor facilmente e sem tensão. Quando um auditórior está preocupado com a voz, você pode fazê-lo tentar falar melodiosamente, em tom aborrecido, em tom entusiástico, até que possa mudar o tom da voz mais ou menos à-vontade.

Os Exercícios de Humor deverão ser feitos quando o auditor soa mecanicamente, ou o seu tom é superficial, desinteressado ou está fixo em alguma emoção. Um auditor pode ser exercitado a fazer Verificações do Livro dos Exercícios de E-Metro com Exercícios de Humor, quando a sua verificação é pesada ou monótona. Qualquer emoção fixa como "doçura", "leve como uma brisa" ou triste, enfadonha, muito séria, indiferente, pode ser manejada com o treino dos Exercícios de Humor.

EXERCÍCIOS DE HUMOR A 15 METROS

Os Exercícios de Humor a 15 Metros podem ser usados para curar um humor fixo que não parece modificar-se com os Exercícios de Humor regulares. Estudante e treinador vão para um espaço onde possam gritar algo sem perturbar ninguém. Estudante e treinador pelo menos a 15 metros de distância, e o Exercício de Humor é feito a esta distância, tal como descrito acima.

Os Exercícios de Humor não só são divertidos, mas também tornam um auditor capaz de ser causa sobre a forma como soa em sessão, sem tensão e sem que os seus próprios sentimentos interfiram com a sessão, e desta maneira obter ganhos máximos para o Pc.

L. RON HUBBARD Fundador

LRH;jk;gm Trad.:ML;JP;RK;mI



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 1 de OUTUBRO de 1965

Remídeo

Todos os Estudantes

TR DE MURMÚRIO

NOME: TR de Murmúrio.

PROPÓSITO: aperfeiçoar o ciclo de comm de audição amordaçada.

COMANDOS: “Os peixes nadam?” “Os pássaros voam?”

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO:

1. O Treinador manda o estudante dar o comando.
2. O Treinador murmura uma resposta ininteligível em momentos diferentes.
3. O Estudante acusa-lhe a receção.
4. O Treinador dá falha se o estudante fizer outra coisa exceto acusar-lhe a receção.

(Nota: Esta é a *totalidade* deste Exercício. Não será confundido com qualquer outro Exercício de Treino).

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 DE NOVEMBRO de 1973

Emissão I

Reemitido do
21º CURSO CLÍNICO AVANÇADO
EXERCÍCIOS DE TREINO

NOME: TR Anti Q & A.

COMANDOS: Basicamente, “Põe isso (objeto) no meu joelho.” (Pode usar-se como objeto um livro, um papel, um cinzeiro, etc.)

POSIÇÃO: Estudante e Treinador sentados frente a frente a uma distância confortável e que permita que o Treinador chegue facilmente ao joelho do Estudante.

PROpósito:

- (a) Treinar o Estudante a pôr o Pc a cumprir um comando usando comunicação formal NÃO Tom 40.
- (b) Habilitar o Estudante a manter os seus TRs enquanto dá os comandos.
- (c) Treinar o Estudante a não se perturbar com o Pc sob audição formal.

MECÂNICAS: O Treinador escolhe pequenos objetos (livro, cinzeiro, etc.) e segura-os na mão.

ÊNFASE DO TREINO: O Estudante tem de fazer o Treinador colocar o objeto que tem na mão no joelho do Estudante. O Estudante pode variar o seu comando desde que mantenha a Intenção Básica (não Tom 40) para fazer o Treinador colocar o objeto no joelho do Estudante. O Estudante não pode usar qualquer força física, apenas comandos verbais. O Treinador vai tentar pôr o Estudante a fazer Q & A. Ele pode dizer o que quiser para tentar desviá-lo do caminho para conseguir o comando executado. O Estudante pode dizer o que quiser a fim de conseguir que o comando seja feito, desde que diretamente se aplique a conseguir que o Treinador coloque o objeto no joelho do Estudante.

O Treinador dá falha por:

- (a) Qualquer comunicação não diretamente relacionada com fazer o comando ser executado.
- (b) TR Anteriores.
- (c) Qualquer perturbação demonstrada pelo Estudante.

LRH:nt.rd

L. RON HUBBARD
Fundador



X. - SECÇÃO PRÁTICA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
BOLETIM do HCO DE 26 de JUNHO 1981

Remimeo
Tech/Qual Pro
Curso de TRs

(Cancela o BTB 22 maio 73R, TRs COMO USAR AS
FITAS DE AUDIÇÃO MODELO de LRH que continham
um procedimento incorreto quanto a ouvir as
Fitas de Audição Modelo de LRH).

O USO DE FITAS DE AUDIÇÃO MODELO DE LRH

As Fitas de Audição Modelo de LRH foram usadas com grande sucesso em Cursos de TRs Profissionais, e em Cramming de auditores nos seus TRs. Existe uma forma correta de usar estas demonstrações gravadas para ajudar um estudante ou auditor a atingir os seus próprios TRs naturais, suaves.

Antes de exercitar o seu próprio TR, o estudante ouve as fitas até ter uma boa ideia da qualidade dos TRs e presença em sessão neles evidente. Isto estabelece um padrão de desempenho.

Então à medida que o estudante exerce os TRs, ouve regularmente segmentos das fitas de LRH. Ele deveria de vez em quando gravar os seus próprios TRs, ouvi-la, compará-la com a fita de LRH notando qualquer desvio nos seus próprios TRs e então continuar a exercitá-los para manejá-los. Ao fazer isto, os estudantes deveriam referir-se aos HCOBs que cobrem os pontos que precisam de melhorar, e clarificar as palavras para assegurar uma compreensão completa.

Quando o estudante fez isto e sente que se está a aproximar do ponto de passagem final, deverá trabalhar afincadamente para gravar os seus próprios TRs comparando-os com a fita de LRH até estar satisfeito, momento em que ele faz o seu vídeo ou fita (o que for exigido) para apreciação. Ele deve então voltar a ver o vídeo ou ouvir a fita e compará-la outra vez com a fita de LRH assegurando-se de ficar satisfeito.

Se a apreciação voltar do C/S (ou da pessoa que critica e passa as fitas) com qualquer ponto a ser retificado, o estudante clarifica as palavras da zona de crítica e os HCOBs pertinentes, e outros materiais de TRs conforme necessário. Ele também revê a fita reprovada ou vídeo para ver exatamente onde falhou. Então refaz o ciclo de exercícios, gravando e comparando os TRs com as Fitas de Audição Modelo de LRH, e submetendo um vídeo ou fita até ser passado.

Um auditor que trabalha os seus TRs em Cramming também pode usar as Fitas de Audição Modelo de LRH para melhorar os seus TRs. Contudo, este uso das fitas não substitui um Curso de TRs Profissional completo, duro, e qualquer auditor que não o faz deve ser mandado fazer o Curso de TRs Profissional.

Isto é um método provado exequível de TRs e de levar os TRs até passar os padrões. Usem-no.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



TRs PROFISSIONAIS